

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

SAULO NUNES DOS SANTOS

**O DIREITO FEMININO À DIGNIDADE EM MULHERES CORALINAS:
AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO**

GOIÁS

2018

SAULO NUNES DOS SANTOS

**O DIREITO FEMININO À DIGNIDADE EM MULHERES CORALINAS:
AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO**

Versão final da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para defesa.

Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade

GOIÁS

2018

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

S237d Santos, Saulo Nunes dos.

O direito feminino à dignidade em Mulheres Coralinas : autonomia e emancipação [manuscrito] / Saulo Nunes dos Santos – Goiás, GO, 2018.

108f.

Orientadora: Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2018.

1. Literatura e direitos humanos. 2. Direito da mulher. 3. Projeto Mulheres Coralinas. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

DEFESA - 12 DE MARÇO DE 2019

BANCA EXAMINADORA

1) Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade – UEG (Presidente)

2) Profa. Dra. Maria Meire de Carvalho – UFG - (Membro)

3) Profa. Dra. Jane Adriane Gandra – UEG (Membro)

RESUMO

SANTOS, Saulo Nunes. *O DIREITO FEMININO À DIGNIDADE EM MULHERES CORALINAS: AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO*. 2018. 62 f. Versão final da Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2018.

Esta dissertação se desenvolve tendo como eixo-norteador a obra de Cora Coralina, com recorte para a figura da mulher. Se a gênese da pesquisa está na obra coralineana, sua consolidação é respaldada pela influência dessa poeta na vida de outras tantas mulheres que buscaram sua emancipação em setores diversos. No caso deste trabalho, as mulheres coralinas, que se referem às mulheres envolvidas no “Projeto Mulheres Coralinas”, desenvolvido na Cidade de Goiás, destinado a fomentar a emancipação política, financeira e social da mulher, com oficinas de produção artesanal, rodas de leituras, reuniões diversas e atividades culturais. O direito feminino à dignidade em Mulheres Coralinas: autonomia e emancipação é resultado de uma pesquisa interdisciplinar que abordou uma realidade sócio-histórico-cultural acerca da realidade das mulheres participantes do “Projeto Mulheres Coralinas”, no tocante ao avanço no campo da sua formação enquanto ser sujeitas de suas próprias histórias, autônomas e independentes. A presente pesquisa versou sobre o caminho seguido na investigação da criação, da implantação, da execução do “Projeto Mulheres Coralinas”, tal como nos resultados obtidos frente à sociedade, que encontrou um rol de mulheres marginalizadas na obra coralineana, que ganharam voz e força para enfrentar os percalços da sociedade machista e se reinventarem na sua emancipação. As mulheres presentes na obra da escritora Cora Coralina influenciaram diretamente na criação deste projeto. Esta pesquisa tem como objetivos, geral e específicos, apreender a apropriação da poesia coralineana na criação do “Projeto Mulheres Coralinas”, bem como seu impacto na comunidade vilaboense, de forma a identificar como tais mulheres aparecem na obra coralineana. Primeiro Capítulo – estrutura, organização e viés político do “Projeto Mulheres Coralinas”; Segundo Capítulo - a execução do “Projeto Mulheres Coralinas” e os seus desdobramentos para a comunidade vilaboense. O desenvolvimento de todo o trabalho foi realizado tendo como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. No que se refere a fundamentação teórica, destacam-se Cora Coralina, Cândido, Yokozawa, Foucault, Bosi e Britto, com abordagens sobre a memória e as relações de poder; Bachelard, Barbiere, Bakhtin, Borges Filho, Tuan e Chaveiro, na discussão sobre a relação entre literatura e espaço; Biderman, Câmara Junior e Sapir, no campo do estudo da língua e da cultura; Berth, Ribeiro, Beauvoir, Woolf e Butler com as discussões de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Literatura. Coralinas. Direitos.

ABSTRACT

This dissertation is developed with Cora Coralina's work as the guiding axis, with a cut-out for the figure of the woman. If the genesis of the research is in the Coraline work, its consolidation is supported by the influence of this poetess in the lives of so many women who sought their emancipation in diverse sectors. In the case of this work, coral women, who refer to the women involved in the Coral Women Project, developed in the City of Goiás, aimed at fomenting women's political, financial and social emancipation, with artisanal production workshops, reading wheels, meetings diverse and cultural activities. The right of women to dignity in Coraline Women: autonomy and emancipation, is the result of an interdisciplinary research that approached a socio-historical-cultural reality about the reality of the women participating in the Coral Women Project, regarding the advancement in the field of their formation as a being subjects of their own, autonomous and independent histories. The present research focused on the research, creation and implementation of the Coral Women Project, as well as the results obtained in the society, which found a group of marginalized women in the Coraline work, who gained voice and strength to face the mishaps of the macho society and reinvent themselves in their emancipation. The women present in the work of the writer Cora Coralina directly influenced the creation of this project. This research has the general and specific objectives of apprehending the appropriation of Coraline poetry in the creation of the Coral Women Project, as well as its impact on the Vilaboan community, in order to identify how such women appear in the Coraline work. First Chapter - structure, organization and political bias of the Coral Women Project; Second Chapter - the implementation of the Coral Women Project and its developments for the Vilab community. The development of all the work was carried out having as a methodological procedure the bibliographic research. With regard to the theoretical basis, we highlight Cora Coralina, Candido, Yokozawa, Foucault, Bosi and Britto, with approaches on memory and power relations; Bachelard, Barbieri, Bakhtin, Borges Filho, Tuan and Chaveiro, in the discussion about the relation between literature and space; Biderman, Câmara Junior and Sapir, in the field of the study of language and culture; Berth, Ribeiro, Beauvoir, Woolf and Butler with the gender discussions.

KEY-WORDS: Women. Literature. Coralinas. Rights.

LISTA DE ABREVIACOES

CF – Constituição Federal

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

UEG – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

UFG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAOES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC, AND CULTURAL ORGANIZATION)

STF – SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Léxicos e significados em dicionários diversos	32
Quadro 2: Léxicos e significados em dicionários diversos	33
Quadro 3: Análise dos léxicos pedra e espaço	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 DE CORA PARA AS CORALINAS	14
1.1 Apresentação geral do “Projeto Mulheres Coralinas”	14
1.2 Nascimento, criação, estrutura e ramificação das ações	17
1.2.1 MULHERES CORALINAS	18
1.3 Metodologia do “Projeto Mulheres Coralinas”	21
1.4 O projeto e a obra de Cora Coralina	23
1.4.1 UMA CORA CORALINA: PARA TANTAS CORALINAS	24
1.4.2 AS MULHERES PERSONAGENS NA NARRATIVA DE CORA CORALINA	30
1.5 Becos de Goiás; Todas as vidas; Ofertas de Aninha; O casamento e a cegonha; Mulher da vida; Não conte para ninguém	38
1.5.1 ANÁLISE DO POEMA BECOS DE GOIÁS	38
1.5.2 ANÁLISE DO POEMA TODAS AS VIDAS	42
1.5.3 ANINHA OS MOÇOS E AS PEDRAS	45
1.5.4 ANÁLISE DO CONTO O CASAMENTO E A CEGONHA	48
1.5.5 MULHER DA VIDA, MINHA IRMÃ	50
1.5.6 UMA ANÁLISE DO POEMA NÃO CONTE PRA NINGUÉM	55
2 O TRABALHO DAS MULHERES CORALINAS	58
2.1 As oficinas realizadas na execução do “Projeto Mulheres Coralinas”	60
2.1.1 GASTRONOMIA: confecção de doces e quitandas	62
2.1.2 ARTESANATO: confecção de bordado	64
2.1.3 ARTESANATO: confecção de bonecas	67
2.1.4 ARTESANATO: de fibras naturais	69
2.1.5 ARTESANATO EM CERÂMICA	71
2.1.6 LEITURA E ESCRITA CRIATIVA - EDUCADORAS E GARIS	73
2.2 Espaço, identidade e memória	76
2.2.1 CIDADE DE GOIÁS	77
2.2.2 O COMÉCIO E O ESPAÇO COMO LOCAL DE FALA	82
2.3 “Projeto Mulheres Coralinas” e o Direito	86
2.3.1 “PROJETO MULHERES CORALINAS POR TODAS MARIAS”	92
2.4 A estética como instrumento de empoderamento	95
2.5 Abordagens transversais	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se desenvolve tendo como eixo-norteador a obra de Cora Coralina, com recorte para a figura das mulheres. Se a gênese da pesquisa está na obra coralineana, sua consolidação é respaldada pela influência dessa poeta na vida de outras tantas mulheres que buscaram sua emancipação em setores diversos. No caso deste trabalho, as mulheres coralinas, que se referem às mulheres envolvidas no “Projeto Mulheres Coralinas”, desenvolvido na Cidade de Goiás, destinado a fomentar a emancipação política, financeira e social da mulher, com oficinas de produção artesanal, rodas de leituras, reuniões diversas e atividades culturais.

“O direito feminino à dignidade em Mulheres Coralinas: autonomia e emancipação” é resultado de uma pesquisa interdisciplinar que abordou uma leitura sócio-histórico-cultural acerca da realidade das mulheres participantes do “Projeto Mulheres Coralinas”, no tocante ao avanço no campo da sua formação enquanto ser sujeitas de suas próprias histórias, autônomas e independentes.

Fundamental ressaltar que o pesquisador respeitou todos os limites para não ser invasivo e tampouco almejou discursar sobre a temática. Como exposto por Ribeiro (2017), não se trata de impedir que homens falem sobre mulheres, mas sim, de legitimar o local de fala dessas mulheres, que com maior propriedade e experiência estão embasadas e preparadas para falar sobre elas mesmas.

Dentre as diversas razões que motivaram esta pesquisa, o estilo de vida de algumas mulheres próximas do pesquisador, fontes de inspiração, como exemplo de sua própria mãe, e de outras tantas mulheres, semelhantes às mulheres presentes na poesia coralineana, chamou a atenção para conhecer quem são essas mulheres que estão tendo voz e dando identidade a suas próprias histórias. A importância do “Projeto Mulheres Coralinas” como mediador da busca de uma identidade autônoma para muitas mulheres que sempre viveram à margem de uma sociedade patriarcal deve ser destacada.

Essas mulheres aqui destacadas pela sua autonomia, são mulheres empoderadas. Por empoderamento, a presente pesquisa adota a definição de Berth (2018), cujo o conceito de empoderamento está diretamente ligado a emancipação política e social, sem relações de dependências hierárquicas entre os indivíduos, sem rotulações homogêneas acerca da contribuição para as lutas dos grupos minoritários.

A presente pesquisa versou sobre o caminho seguido na investigação da criação, da implantação, da execução do ‘Projeto Mulheres Coralinas’. Os resultados obtidos frente à sociedade, que encontrou um rol de mulheres marginalizadas na obra coralineana, que ganharam voz e força para enfrentar os percalços da sociedade que marginaliza a mulher e a se reinventarem na sua emancipação. As mulheres presentes na obra da escritora Cora Coralina influenciaram diretamente na criação de deste projeto.

Vale ressaltar que a discussão das relações de gênero não é recente, já desperta o interesse do pesquisador desde a graduação, enquanto discente do curso de Direito da Universidade Federal de Goiás – UFG, sobretudo no período de militância no Movimento Estudantil. Soma-se ao exposto que assim como a poesia coralineana aborda a mulher que rompe com os paradigmas da sociedade que a exclui, evidencia-se o interesse por tal objeto.

A gênese deste projeto está enraizada nas leituras da obra coralineana, que permitiu vislumbrar a figura da mulher livre, que luta por sua independência financeira, que quebra tabus, que se inventa e reinventa. O interesse deste pesquisador pela temática, somado a oferta do presente programa de Pós-Graduação na Cidade de Goiás – casando a literatura e a interdisciplinaridade, a abundância de elementos construtivos da imagem da mulher que se apodera – desenhada nas palavras de Cora Coralina e a existência do “Projeto Mulheres Coralinas”, dão suporte para a contemplação de uma pesquisa teórico-metodológica, prática-operativa e ético-política.

A pesquisa se justifica na compreensão da abrangência deste projeto – pela relevância literária e interdisciplinar, sendo pertinente pelo local de sua execução - em proporcionar a essas mulheres o direito à dignidade.

Foram adotadas como objetos da presente pesquisa: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2001), *Vintém de Cobre: Meias confissões de Aninha* (2007), *Estórias da Casa Velha da Ponte* (2006), *Cora Coralina: O tesouro da Casa Velha* (2014), e *Mulheres Coralinas* (2014).

A pesquisa bibliográfica foi realizada durante todo o processo de elaboração. A finalidade foi desenvolver, esclarecer e alterar conceitos e ideias, bem como fundamentar teoricamente o processo de compreensão da realidade, apontados na obra Coralineana, sobretudo nas obras que analisam a obra coralineana e sua biografia.

Os temas selecionados nessa pesquisa foram os seguintes: a relação da hierarquia de gênero, denunciadas nas obras de Cora Coralina; História de Goiás – recorte para a Cidade de Goiás – econômica, cultural e ideológica – pela visão coralineana, haja vistas que o conservadorismo coronelístico colocou a mulher à margem do espaço urbano e submissa ao homem no campo financeiro, estruturado e respaldado por um modelo hegemônico de família tradicional, social e até mesmo cultural, e a obra da poeta tão bem denunciou as mazelas sociais e floreceu caminhos de inserção e meio de sobrevivência adotados por suas personagens, que romperam com os modelos patriarcais.

Vale ressaltar que a importância da ênfase à dimensão histórica dos processos sociais se faz presente para além do retrato do contexto, mas no sentido de compreender o processo de correlação de forças que se estabelece nas relações sociais em sua interface com as estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais – o que nos possibilita uma aproximação à realidade a ser estudada, tão bem descrita nas palavras de Cora.

Levantadas as características das mulheres descritas na obra de Cora, sua própria biografia e estudos diversos, a presente pesquisa avança na busca documental do que é o “Projeto Mulheres Coralinas”, visando compreender sua funcionalidade e sistema organizacional, tal como, seu público alvo, suas atividades e especificidades.

A pesquisa documental se deu através de Leis, documentos oficiais do “Projeto Mulheres Coralinas”: por todas as Marias, desde sua fundação até a sua consolidação, material obtido em Anais de Congressos, Palestras frequentadas pelo pesquisador, cartilhas, dados estatísticos, folders, panfletos etc.

Embora seja claro que a realidade é dinâmica e que os limites de compreensão do próprio pesquisador se fazem presentes, resta provado que as mulheres envolvidas neste projeto se identificam com as descritas por Cora e que se beneficiaram do conhecimento para conquistar sua autonomia e independência, como auge do retorno que o “Projeto Mulheres Coralinas” dá a comunidade vilaboense.

Por todas as Mulheres Coralinas, pela equidade de direitos e autonomia financeira, a Cidade de Goiás – Patrimônio Mundial da Humanidade – se viu diante da necessidade de dar voz à mulher, de valorizar, de formar, de empoderar e acima de tudo de dignificar as condições de vida dessas trabalhadoras que, no dia a dia, carecem de atenção e cuidado. O desejo de grande parte dos leitores era que as

mulheres descritas nas obras de Cora, as sofridas, vilipendiadas, marginalizadas, fossem apenas fictícias ou que tivessem ficado no século passado, todavia, a triste realidade nos remete a dados alarmantes de casos de violência contra a mulher que, muitas vezes pela vergonha, pelo medo ou, até mesmo, pela falta de informação, se cala e vive oprimida.

Mulheres Coralinas são reais, oscilam desde as trabalhadoras que lutam pela sua dignidade e direito até as que são esquecidas pelo poder estatal. O “Projeto Mulheres Coralinas” (2013), tem como finalidade a garantia de direitos, a emancipação cidadã e a independência financeira das mulheres.

Mulheres Coralinas envolvidas no Projeto recebem formação e informação que as prepara para o enfrentamento cotidiano da “Questão Social” (enfrentamento a violência, produção de objetos e doces para comercialização, leituras e outros). Trata-se do reflexo de que, seja no cômico (jeito irônico e engraçado que a autora adota) ou qualquer outro método (escrita regionalizada, liberdade poética e outros), a autora, com suas denúncias conseguiu vencer o tempo e sua obra fez surgir tão nobre projeto.

Por intermédio do “Projeto Mulheres Coralinas”, as professoras Ebe Maria de Lima Siqueira e Goiandira Ortiz de Camargo organizaram o livro “Mulheres Coralinas” e, pela leitura dele, é possível distinguir alguns detalhes da iniciativa e despertar maior interesse e curiosidade em conhecer a fundo a sua realização (CAMARGO; SIQUEIRA, 2016).

Poucas são as pesquisas que permitem ao pesquisador conhecer sua referência teórica, sua aplicação prática e, em especial, o seu resultado social, assim, parte deste trabalho se concentra no contado do realizador com as mulheres que, de fato, se efetivaram como Mulheres Coralinas.

Esta pesquisa tem como objetivos, geral e específicos, apreender a apropriação da poesia coralineana na criação do “Projeto Mulheres Coralinas”, bem como seu impacto na comunidade vilaboense, de forma a identificar como tais mulheres aparecem na obra coralineana – eixo para o primeiro capítulo, como influenciaram a criação do “Projeto Mulheres Coralinas” – vertente do segundo capítulo, e quais os desdobramentos para a comunidade vilaboense, seja no econômico ou ideológico.

O problema apresentado para a pesquisa é em que medida a literatura pode promover mudanças sociais, políticas e econômicas? – a delimitação do problema foi feita da seguinte forma: A apropriação da poesia coralineana na criação do “Projeto

Mulheres Coralinas” e seu impacto na comunidade vilaboense no tocante à garantia de Direitos Femininos à dignidade, no que se refere à autonomia econômica e a emancipação cidadã.

Para o problema apresentado, foram levantadas duas hipóteses: a obra coralínea foi capaz de vencer o tempo e de dar representatividade à figura da mulher na atualidade; os dois anos de capacitação das mulheres no “Projeto Mulheres Coralinas” efetivaram sua autonomia cidadã, sua independência financeira e seus conhecimentos no campo dos seus direitos.

O primeiro capítulo intitulado como: O “Projeto Mulheres Coralinas” tem como temática central o conhecimento acerca de todo o “Projeto Mulheres Coralinas”. É uma abordagem descritiva e teórica de como a figura da mulher aparece de forma direta e/ou indiretamente na obra de Cora Coralina, tal como sua própria biografia. De uma Cora Coralina para tantas Coralinas, dando subsídios para análises conceituais de alguns léxicos que sustentarão o capítulo posterior, estabelecendo a relação entre os significados e o uso cotidiano das unidades lexicais frequentes na obra da poeta.

Assim, o primeiro capítulo visa identificar a mulher descrita na poesia coralínea como autônoma e independente. Uma construção com base em análises documentais dos pilares estruturais e organizacionais que permeiam o “Projeto Mulheres Coralinas”, visando conhecer a origem (a partir da influência, pela figura das mulheres descritas na obra de Cora Coralina), a abrangência e a logística, ou seja, compreender sua funcionalidade e sistema organizacional, tal como, seu público alvo, suas atividades e especificidades.

Fica nítido como um corpo representou várias mulheres, e como uma Coralina influenciou e retratou tantas vidas. Também é abordada a figura da Aninha – personagem presente em várias partes de obras diversas, com recorte para a mensagem desta aos moços, sua análise sobre a pedra e as conclusões. Figura presente nesse capítulo é a representação da dádiva de ser mãe, tão defendida pela poeta, e os impactos dos padrões patriarcais.

As máscaras, o medo que o homem tem da mulher com uma formação intelectual que sobressaia a sua, abordagens iniciais da relação entre cultura e gênero, somam ao exposto nesse capítulo. E a figura da prostituta, mulher a quem Cora imprimiu dignidade no poema “mulher da vida, minha irmã”.

Em síntese, o primeiro capítulo é uma apresentação geral do “Projeto Mulheres Coralinas” (nascimento, criação e estrutura), documentos normativos,

ramificações das ações, a relação entre o projeto e a obra coralineana, definições conceituais de empoderamento e local de fala, dentro de uma macroestrutura e de uma microestrutura.

O segundo capítulo com título “Trabalho das Mulheres Coralinas” aborda a relação da poeta com a Cidade de Goiás, tendo como elemento indispensável para a análise o Espaço, e no campo dos valores que fomentam a ruptura com os paradigmas.

Ainda no segundo capítulo, apresenta-se o corpus da pesquisa, o livro Mulheres Coralinas (2016), de suas notas iniciais as considerações finais, que fomenta a prática-operacional no que se refere a averiguar quais os impactos do “Projeto Mulheres Coralinas” na vida das mulheres que participaram do mesmo, no campo da emancipação, da construção de um espaço próprio para suas práticas e ainda o empoderamento dessa Mulher Coralina.

1 DE CORA PARA AS CORALINAS

1.1 Apresentação geral do “Projeto Mulheres Coralinas”

O “Projeto Mulheres Coralinas” é muito importante para dar mais visibilidade a literatura dessa poeta, afinal, reconstrói o imaginário popular local. O projeto imortaliza a poeta, pois, a escassez de estudos sobre o impacto da produção literária no imaginário local, enquanto mulher, escritora e cidadã vilaboense. Trazer para o campo acadêmico projetos sociais que tenha em seu cerne a produção literária de uma mulher escritora da cidade de Goiás. É a literatura interferindo no viver e ser de pessoas em círculos de risco, ou seja, marginais.

Pensado e Projetado no ano de 2013, surgido como emenda parlamentar, o “Projeto Mulheres Coralinas”, fruto dos saberes, dos dizeres e dos fazeres, está ativo desde o ano de 2014, destinado ao empoderamento, a autonomia e ao combate da violência contra a mulher, conforme exposto a seguir:

O "Projeto Mulheres Coralinas" surgiu em 2013 a partir de uma emenda parlamentar da então deputada federal Marina Santana, que destinou verba para o seu financiamento, pela Secretaria de Políticas para as mulheres- Presidência da República, por meio de convênio n. 799578/2013, referente ao Programa 2016 Políticas para as mulheres. Promoção da Autonomia e Enfretamento à violência - Ação 88/43. Tendo início efetivo em 2014, o projeto reuniu, na sua execução pela Prefeitura Municipal de Goiás, a parceria entre o Centro Especializado de Atendimento à Mulher Brasilete Ramos Caiado (CEAM) e a Secretaria Municipal de Cultura de Goiás. Seu objetivo principal era tecer laços entre cultura - especialmente o patrimônio vilaboense que abrange história, arquitetura, cultura popular e a poesia de Cora Coralina - e atividade de capacitação para a autonomia econômica e a emancipação cidadã das mulheres participantes. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p.13).

Conforme exposto, o mencionado projeto conta, desde sua gênese, com o apoio e fomento do Poder Público Federal e Municipal. O público primário era mulheres com idade igual ou superior a 16 anos, ou seja, delimitado a uma faixa etária em que a mulher já faz parte de um grupo de risco, seja pela inserção no mercado de trabalho, violência, atividade sexual precoce, dentre outros problemas. O foco das

atividades desenvolvidas é voltado para aquelas que são ou que desejam se tornar doceiras, quitandeiras e artesãs.

A relevância do projeto está na sua contribuição para que essas mulheres participem direta ou indiretamente da economia local, da cultura e da educação. São mulheres que protagonizam as representatividades fundamentais para o trabalho indispensável para a Cidade de Goiás. A autonomia dessas mulheres não é uma novidade, como a própria biografia de Cora Coralina irá deixar claro nos tópicos a seguir. A temática toma agora uma maior visibilidade, “um lugar de fala”, que não tinham antes, em detrimento de serem controladas pelos meios de produção intelectual mantido por uma elite dominante (RIBEIRO, 2017).

A base da formação das mulheres são as oficinas, porém, além do conhecimento técnico, elas partilham memórias, vivências e experiências. As Coralinas é uma construção com base em análises documentais dos pilares estruturais e organizacionais que permeiam o “Projeto Mulheres Coralinas”, visando conhecer a origem (a partir da influência, pela figura das mulheres descritas na obra de Cora Coralina), a abrangência e a logística, ou seja, compreender sua funcionalidade e sistema organizacional, tal como, seu público alvo, suas atividades e especificidades. Assim, o objetivo principal do “Projeto Mulheres Coralinas” era:

Seu objetivo principal era tecer lações entre cultura – especialmente o patrimônio vilaboense que abrange história, arquitetura, cultura popular e a poesia de Cora Coralina – e atividades de capacitação para a autonomia econômica e a emancipação cidadã das mulheres participantes. (CAMARGO E SIQUEIRA, 2016 p. 13)

Foi a simplicidade e objetividade da escrita coralineana que deu força a essas mulheres inseridas no projeto, para “rasgarem horizontes para buscar a autonomia financeira e a igualdade de gênero” (CAMARGO E SIQUEIRA, 2016 p. 13).

O que poderiam ser apenas palavras, tomou-se de significado, para substanciar e fortalecer o projeto. A relação entre a palavra (literatura) e a cultura (hábitos e costumes locais), foi determinante na transformação da realidade dessas mulheres.

Se todas as culturas nascem de uma outra cultura criadora, “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p. 88), exatamente como fez Cora Coralina ao usar determinadas unidades lexicais para denunciar as mazelas sociais, sobretudo no que

se refere à realidade da mulher. Ainda nesse sentido é fundamental compreender que a palavra não se limita ao seu significado posto no dicionário ou a uma representação simbólica de algo material (físico).

No mesmo sentido do exposto no parágrafo anterior, é possível identificar que as mulheres do “Projeto Mulheres Coralinas”, durante os dois anos de formação, além de aprenderem ou aprimorarem um ofício, deram voz as narrativas coralineanas. A leitura das poesias, o conhecimento sobre a biografia da mulher que foi Cora Coralina, as descrições dos becos e os museus da cidade, relacionam a cultura a identidade dessas mulheres. Essa identidade de mulher cidadã, emancipada e empoderada, fez essas mulheres tornarem-se sujeitas das suas próprias vidas, conforme exposto a seguir:

Alcançarem na prática e no coração o sentido do adjetivo “coralinas”, porque, assim como a poetisa, representam aquelas que lutam para construir a cidade justa por meio do trabalho, por meio dos sonhos claros que antecipam as manhãs de maio da Cidade de Goiás. (CAMARGO E SIQUEIRA, 2016 p. 13).

Esse poder de relação entre a transformação da realidade, de forma que a mulher seja capaz de se ver como pertencente ao seu lugar, que possam se fortalecer, apropriar dos bens culturais e ter consciência de sua condição de mulher, pode ser equiparada a relação entre língua, literatura e cultura.

Nas palavras de Djamilia Ribeiro (2017, p. 41), “Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto”. Nesse sentido é fundamental pontuar que o “Projeto Mulheres Coralinas” se pauta na vivência e na experiência e individualidade de cada uma das mulheres participantes.

A relação entre a língua, literatura e a cultura pode ser sintetizada nos apontamentos de Câmara Junior (2004), ao definir que a língua explica-se pela cultura até um determinado ponto, sendo em momento posterior usada para explicar a cultura, assim, a língua é elemento da cultura, porém, autônoma, haja vista que possui uma individualidade que permite que esta seja estudada em si, sendo incessantemente reajustada pela cultura. Pactua desse mesmo entendimento, Sapir, conforme exposto a seguir:

É no nível léxico que mais bem se configura a relação entre a língua e a cultura de um povo, ainda que estas não sejam paralelas e que uma língua permaneça mais preservada que a cultura com seus movimentos e dinâmicas constantes. (SAPIR, 1969, p. 256)

Como já foi abordado anteriormente, a língua além de explicar a cultura e poder transformá-la é fruto de uma memória que permite resgatar a herança histórica, mesmo em culturas dinâmicas. O passado teórico da mulher cantada na obra coralínea e o presente prático da mulher inserida no “Projeto Mulheres Coralinas”, perpassa o estudo de língua e de cultura, relações de gênero, e uma abordagem interdisciplinar e intercultural.

1.2 Nascimento, criação, estrutura e ramificações das ações

O “Projeto Mulheres Coralinas” não apenas formou, como despertou e informou a mulher sobre marcas da sua identidade, do seu espaço de pertencimento enquanto sujeita ativa na construção de sua história. Muitas mulheres, mesmo sendo antigas moradoras da cidade não tinham noção e\ou interesse em conhecer a realidade local, assim: “Tudo sendo visto pela primeira vez por muitas delas, porque, apesar de serem moradoras da Cidade de Goiás o olhar ainda não tinha sido convocado, pela beleza e vontade, ao pertencimento, à identidade do lugar e da sua gente”. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p.13).

Descrito o projeto, sobretudo a formação compreendida entre os anos de 2014 a 2016, que marcam os dois anos de partilha de informações, de conhecimentos e de uma relação inteiramente fraternal, o trecho a seguir ilustra a essência das Coralinas de Vila Boa, e ainda menciona o mês de referência em homenagem a história de lutas das mulheres, veja:

Depois de dois anos de estudos, de convivência fraterna e de rasgarem novos horizontes para buscar a autonomia financeira e a igualdade de gêneros, alcançaram na prática e no coração o sentido do adjetivo “coralinas”, porque, assim como a poetisa, representam aquelas que lutam para construir a cidade justa por meio do trabalho, por meio dos sonhos claros que antecipam as manhãs de maio na Cidade de Goiás. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p.13).

O “Projeto Mulheres Coralinas” impulsionou a organização de um livro denominado Mulheres Coralinas, publicado no ano de 2016, corpus de pesquisa da presente dissertação e tema para alguns dos próximos títulos.

Conforme dados extraídos da obra *Mulheres Coralinas* (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016), O processo de formação, digo, capacitação das participantes do “Projeto Mulheres Coralinas” (150 mulheres), englobou o artesanato, gastronomia, leitura e outras iniciativas. Vale partilhar que houve uma contribuição ímpar da mulher gari no fomento a ampliação dos horizontes, tal como ressaltar que essa formação foi permeada do compartilhar de leituras de poesias de Cora Coralina e ainda de orientações diversas, “orientações sobre saúde e segurança no trabalho, cuidados básicos para se protegerem e guardarem com zelo nosso patrimônio material” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p.13).

O nascimento, criação e estrutura do “Projeto Mulheres Coralinas” está descrito na íntegra no livro *Mulheres Coralinas*, cujo a organização da obra é exposta no tópico a seguir.

1.2.1 MULHERES CORALINAS

Montado com base em algumas das memórias e algumas fotografias, conforme descrevem Siqueira e Camargo (2016), o livro *Mulheres Coralinas* retrata o caminho trilhado pelas mulheres inseridas no “Projeto Mulheres Coralinas”, mesmo sabendo que é impossível mesurar valores, solidariedade, laços de amizade e outros tantos contraídos ao longo do tempo, assim, “porque forjadas no que agora são as Mulheres Coralinas. Pertencentes ao seu lugar, apropriadas dos nossos bens culturais, as mulheres foram fortalecidas nos seus afazeres e com consciência de sua condição de mulher na sociedade” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p.13).

A ocupação de um local até então rotulado como pertencente ao homem (patriarca, chefe de família e superior hierárquico), encontra suas primeiras rupturas já na dedicatória da obra, cujo os louros são destinadas a mulher Presidenta do Brasil, a mulher Prefeita de Goiás e a mulher Gari, conforme disposto a seguir:

Dedicatória

A Dilma Rouseff, primeira Presidenta do Brasil

A Selma de Oliveira Bastos Pires, primeira mulher Prefeita do Município de Goiás

A todas as Coralinas

A todas as mulheres vilaboenses, que lutaram e lutam mal chega a manhã

Em memória de Célia Marques Rodrigues, gari, participante do projeto que nos deixou cedo demais. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p.06).

Posições sociais que imprimem realidades de poder e hierarquia distintos (macro e micro poderes), em simetria análoga a Foucault (2001, p. 28) “O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder [...] Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”, pelo exposto, é possível constatar que a mulher se emancipou e empoderou-se, e ocupa os mais variados postos econômicos, sociais e culturais, com o sentimento de respeito, colaboração, valorização e reconhecimento dos trabalhos diversos, almejando o poder, não como forma de supremacia, mas, de igualdade.

O presente livro em análise, representa e justifica o lugar de fala que impulsionou os discursos emudecidos, dando visibilidade aos discursos próprios daquelas que vivem a realidade cotidiana, e não da mera representação de um discurso sobrerrepresentado (RIBEIRO, 2017). Assim, o pesquisador não objetivou relatar (ter um local de fala), mas, tomar como objeto de estudo o que as verdadeiras mulheres coralinas, empoderadas e emancipadas, publicaram enquanto falas autênticas.

A organização do livro *Mulheres Coralinas* (2016), conta com uma divisão de 9 títulos, sendo o primeiro destinado a identificação do “Projeto Mulheres Coralinas”, apresentando como subtítulos: Mulheres que são coralinas; o legado da poeta que renova a cultura da cidade de Goiás; E aqui estamos nós... mulheres; sobre a metodologia do “Projeto Mulheres Coralinas”; Quebrando pedras, unindo mãos; Mulheres Coralinas um legado a ser lembrado; Cultura turismo e cidadania de mulheres, entre as páginas 12 a 35.

Pensando no livro *o que é lugar de fala?* de Djamila Ribeiro (2017), é possível identificar a simetria entre a crítica feita pela autora e o que defende o “Projeto Mulheres Coralinas”. Ambos os mencionados lutam com base na perspectiva de que essas mulheres possuem perspectivas relacionadas ao local que ocupam na sociedade. Assim, o eixo-norteador são as experiências e vivências de cada uma, contra toda e qualquer forma de opressão.

Nas páginas subsequentes, de 36 a 61, o livro apresenta o Módulo I – Gastronomia: Confeção de doces e quitandas, tendo como subtítulos: Pequenos fatos que alegram a alma e o paladar; Mulheres Coralinas; Perfil socioeconômico das cursistas – módulo I gastronomia: quitandas; Perfil socioeconômico das cursistas – módulo I gastronomia: doces.

O Módulo II – Artesanato: Confeção de bordados (p. 62-83) apresenta: Bordados com as mulheres Coralinas; Pontos de Bordado e Perfil socioeconômico das cursistas – módulo II artesanato: confecção de bordados.

As páginas 84 a 101, são destinadas ao Módulo III – Artesanato: confecção de bonecas, subtítulos: História e cultura na confecção de bonecas; Uma experiência gratificante; Perfil socioeconômico das cursistas – módulo III Artesanatos: confecção de bonecas.

As autoras Siqueira e Camargo (2016), organizaram uma parte do livro que levou o título de: Eixo transversal: leitura, cultura popular, direito e cidadania, subdivididos entre as páginas 102 a 119 em: As sessões de leitura; De monitoria Pedagógica a Mulher Coralina; Tertúlias Vilaboenses: Vozes Coralinas; O patrimônio das coralinas; Mulheres Coralinas: uma experiência de direito como efetividade do ser mulher; Desenvolvendo a consciência de trabalho coletivo e Que ousadia das Mulheres Coralinas!

Antes que o leitor recupere o fôlego da viagem pelas vidas de mulheres coralinas, o livro apresenta entre as páginas 120 a 137, o Módulo IV – Artesanato de fibras naturais, com subtítulos: Tradição e sustentabilidade na tessitura de fibras naturais e Perfil socioeconômico das cursistas – módulo IV Artesanato de fibras naturais.

O Módulo V – Artesanato em cerâmica, compreende as páginas 138 a 159, sendo dividido em: Minha experiência com Mulheres Coralinas; O pouco do que sei, o muito que aprendi e Perfil socioeconômico das cursistas – módulo IV Artesanato em cerâmica.

Na sequência, mais especificamente entre as páginas 160 a 179, as organizadoras apresentam o Módulo VI – Leitura e escrita criativa para educadoras e garís, tendo essa honrosa junção, sido dispostas entre os subtítulos: Conversa com Mulheres Coralinas; Carta Coralina; Perfil socioeconômico das cursistas – módulo VI Leitura e escrita criativa: educadoras; quando a leitura do mundo amplia a leitura da palavra escrita e Perfil socioeconômico das cursistas – módulo VI Leitura e escrita criativa: educadoras.

O último título apresentado no livro, e Arremates de Saberes, tem início na página 180 e se estende até a página 199, subdividido em: Seminário; Inauguração do forno coletivo; Missão técnica em Diamantina e Olhos d'Água; Exposição Memória das Mulheres Coralinas: fotografias e objetos; Certificação e posse da

ASCORALINAS; Sustentabilidade e desdobramentos do “Projeto Mulheres Coralinas”; Perfil socioeconômico geral das cursistas e por onde você for, quero ser seu par: do projeto, para um todo, um coletivo, uma força coralina.

O livro *Mulheres Coralinas* é um lugar de fala para mulheres dos mais variados contextos socioeconômicos-culturais, intelectuais e outros. Conforme apontado anteriormente, agrega fala de mulheres inseridas nos mais altos cargos políticos, doutoras e mulheres sem nenhuma formação escolar. Essa pluralidade é que respalda a autonomia de cada discurso presente nesse livro, pois, segundo Ribeiro (2017, p. 47) “Se você não dá espaço para as pessoas contarem como é sua vida a partir da experiência de vida delas, a experiência vai ser a do homem branco, que é o privilegiado da sociedade.”

A estrutura do livro *Mulheres Coralinas* (2016), ilustra que as mulheres participantes não só deram voz a sua história, consolidando o seu lugar de fala (RIBEIRO 2017), como foram empoderadas dentro da seguinte definição conceitual,

(...) o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social e não se propõe a “viciar” ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários. (BERTH, 2018, p. 25)

A análise técnica aqui feita de forma minuciosa de cada parte do livro *Mulheres Coralinas* (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016), foi necessária para o direcionamento do próximo capítulo, haja vistas que é o livro o corpus que será analisado enquanto objeto de pesquisa.

1.3 Metodologia do “Projeto Mulheres Coralinas”

A gastronomia, o artesanato e a leitura foram as três áreas norteadoras do “Projeto Mulheres Coralinas”, divididas em subáreas. Os doces e as quitandas ficaram incorporados a gastronomia, enquanto o bordado tradicional goiano, a confecção de bonecas de pano, peças em palha e peças em cerâmica, ficaram como subáreas do artesanato (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016).

A leitura foi comum aos dois segmentos expostos anteriormente, de forma que não houve divisão em subárea. Apesar de serem áreas do saber distintas e

independentes uma da outra, a formação ocorreu respeitando uma sequência cronológica (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016).

Como o projeto foi idealizado, em sua maioria, por professoras, foi comum uma metodologia ligada a prática didática pedagógica, cujo referencial nítido foi o método Paulo Freire, aqui descrito com base nos apontamentos de Mário Sérgio Cortella (2015), o engessamento didático, reside em fazer sempre a mesma coisa esperando resultados distintos, e que para sair desse modelo falido é necessário transportar para uma prática realmente engajada na mudança de metodologia, conectada com o contexto atual, com a prática profissional e social.

Desde as linhas iniciais já ficou explícito que o “Projeto Mulheres Coralinas”, teve como meta emancipar e empoderar as mulheres participantes, de forma que o ponto de partida foram as próprias vivências e experiências delas.

A metodologia de formação das mulheres coralinas saiu do caráter conteudista e tecnicista e deu ênfase a uma formação transversal, que trabalhou com a abordagem do conteúdo específico e com temáticas gerais, confira:

As áreas de saber e as práticas básicas, definidas ao modo de uma matriz curricular, foram perpassadas por um eixo transversal que contemplava leitura específica da obra poética de Cora Coralina, Cultura Popular e Educação Patrimonial para todas as participantes, ainda conteúdo como cooperativismo, associativismo, empreendedorismo, direitos assegurados a mulher, segurança e saúde no trabalho. (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 25).

A teoria da transdisciplinaridade, eixo que engloba o transversal, perpassa entre, através e além das diferentes disciplinas curriculares, é pautada nos conhecimentos científicos, sociais e culturais, sendo necessária à educação, que assuma uma perspectiva multidimensional e multirreferencial, além do conhecimento prévio e particular de cada um dos envolvidos no processo, justificando sua autorreferencialidade (SUANNO, 2013).

Essa formação completa, emancipadora, pode ser análoga as palavras de Cora Coralina em “Conclusões de Aninha” (In: DENÓFRIO, 2011, p. 69), “{...} a quem te pedir um peixe, dá uma vara de pescar... pensando bem, não só a vara de pescar, também a linhada, o anzol, a chumbada, a isca...” Assim, além do conteúdo específico e da formação comum a todas, cada cursista recebeu seu próprio material, confira:

Todas as mulheres receberam um kit de material próprio à subárea, acrescentado de material personalizado de identificação do projeto: um

livro de poesia de Cora Coralina, uma cartilha com a Lei Maria da Penha em quadrinhos, lápis, camiseta, avental, bolsa e lenço. Elas também receberam os cadernos coralinas, nos quais constam o conteúdo durante sua participação, as orientações específicas de cada módulo e o registro do que foi vivenciado. (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 25).

Para cada subárea foram ofertadas 15 vagas, acrescido do fato de vagas extras para ouvintes, os momentos de aprendizagem foram intercalados entre teoria e prática. O início de cada oficina era com leitura de alguma poesia de Cora Coralina, algumas rodas de discussão sobre a vida e obra da poeta e oficinas sobre a escritora. Soma-se ao exposto que foram exibidos filmes sobre Cora, visitas ao Museu Casa de Cora Coralina, além de seminários e atividades diversas realizadas pelo Ministério Público Estadual, Universidade Estadual de Goiás, Universidade Federal de Goiás e outras instituições parceiras (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016). Nesse sentido,

Esse tipo de condução dos trabalhos propiciou a troca de experiências, uma vivência contextualizada e muita aprendizagem às participantes. As rodas de conversas e palestras também contribuíram para aproveitar e valorizar ainda mais o saber de cada uma, para que seja mantido e sempre renovado. (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 25).

A prioridade metodológica foi o desenvolvimento prático. A confecção dos produtos e o intercâmbio entre as cursistas associado à troca de experiência, implicou numa relação próxima entre todas as mulheres participantes do projeto (Os módulos desenvolvidos já foram mencionados no tópico destinado a estrutura do livro “Mulheres Coralinas”).

Face a essa metodologia que busca o empoderamento da mulher participante do “Projeto Mulheres Coralinas”, cabe analisar que empoderamento é oriundo da busca pelo poder. Assim, Foucault (2008) ressalta que o poder só pode ser obtido se for compreendido que não se limita a um único segmento. O poder é difuso e espalha-se como uma rede social que inclui família, escola, hospital e outros, ou seja, o poder nasce do saber, do conhecimento e se firma na relação de forças multilaterais.

1.4 O projeto e a obra de Cora Coralina

A mulher coralineana abordada como temática central deste primeiro capítulo, refere-se às personagens femininas presentes na narrativa da poeta Cora Coralina. A

poeta, criou personagens que se tornaram mulheres e se reinventaram no bojo da sociedade em que estavam inseridas (BEAUVOIR, 1967).

Cora Coralina deu voz e retratou a história de inúmeras mulheres marginalizadas, silenciadas, subordinadas aos esposos e outras que romperam os obstáculos e se firmaram enquanto autônomas. Mesmo sabendo da independência e liberdade poética concedida ao escritor literário (CANDIDO, 1995), a obra coralineana apresenta um contexto interdisciplinar que evidencia uma realidade dura e excludente para a mulher em meados do século XX (período em que escreveu suas obras).

A presente dissertação, destaca a via de mão dupla do “Projeto Mulheres Coralinas” que é o caráter transdisciplinar. Permitindo a multiplicação de voz dessa em lugares que talvez não entre narrativas literárias, quem dirá poesia.

1.4.1 UMA CORA CORALINA: PARA TANTAS CORALINAS

Cora Coralina, mulher, nasceu rotulada pelas imposições ao sexo biologicamente definido (LOURO, 2000), mas foi sua dura trajetória marcada pelo conservadorismo da hierarquia machista que a fez romper os padrões do tempo e do espaço e tornar-se mulher (BEAUVOIR, 1967), protagonista de sua própria história e cidadã que em cada unidade lexical da sua obra denunciou a triste realidade da condição feminina daquelas que não estavam submissas a um homem.

Uma apresentação sintetizada da biografia da poeta goiana que não se curvou aos ditames culturais e sexistas do seu tempo, que se reinventou e rompeu as diversas dificuldades que a vida lhe trouxe, fundamentam a necessidade de uma dissertação como essa. O presente trabalho, visou considerar não só as personagens, como a própria escritora, uma referência para a ruptura de alguns paradigmas e condicionantes sociais, tendo como subsídio para os próximos parágrafos a obra de Clovis C. Britto (2009).

As abordagens sobre a vida de Cora Coralina foram apresentadas e explicitadas com toda fundamentação em sua biografia, escrita por Clovis C. Brito (2009). A obra poética da escritora goiana se tornou uma grande fonte para leitura e análise nos últimos anos e retrata uma Cora que “ousou sair do espaço tradicionalmente destinado à mulher, tornando-se através da escrita protagonista/enunciadora de seus desejos e porta-voz dos outros, a própria Cora se torna baliza, limite, fronteira.” (BRITO, 2009. p. 223).

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, natural da Cidade de Goiás-Go, nascida no dia 20 de agosto de 1889, filha de Francisco Paula Lins Guimarães Peixoto e Jacinta Luisa do Couto Brandão, viveu sua infância as margens do Rio Vermelho nessa cidade, estudou apenas as quatro primeiras séries, ou seja, possui um baixo letramento – escolaridade, comum às mulheres de sua geração.

Começou a escrever seus primeiros textos com idade aproximada dos 14 anos, tendo êxito de publicá-los nos jornais da Cidade de Goiás e outros. Aos 21 anos, casou-se em 1910 com o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas e mudou-se para a cidade de Jaboticabal no interior do Estado de São Paulo, afinal, era comum que as esposas acompanhassem seus maridos, chefes dos lares e responsáveis pelo sustento financeiro.

A submissão da mulher em acompanhar o marido, deve-se ao fato de vivenciar o modelo patriarcal, conforme disposto a seguir, “trata-se do conceito capaz de ‘capturar a profundidade, penetração ampla e interconectividade dos diferentes aspectos da subordinação das mulheres” (WALBY, 1990, p.2).

A vida de uma mulher comum, padronizada aos preceitos do seu tempo teve fim com a viuvez. Cora foi obrigada a repensar sua vida, começou a vender livros, posteriormente, produzindo e vendendo linguiça feita em casa e manteiga de porco. Após algumas mudanças de cidade no Estado de São Paulo, no ano de 1956, retornou à Cidade de Goiás.

Quando retornou à Cidade de Goiás, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas já havia adotado o pseudônimo de Cora Coralina – feito esse que segundo relatos da própria autora, estão ligados ao fato de uma transformação que teve quando completou cinquenta anos, mudança essa que Cora chamou de perda do medo.

Nas palavras de Djamila Ribeiro (2017, p. 38), “é que existe uma resistência quando a produção intelectual de pessoas que fazem parte de grupos oprimidos, como se falarem a partir de seu local social, sua fala não seria neutra”. Nesse mesmo sentido, Léia Gonzalez diz,

[...] quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal é o branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim invisibilizando outras experiências do conhecimento. (cf. In. RIBEIRO, 2017, p. 42)

Com base no exposto, vale ressaltar ainda que, Cora Coralina, além dos preconceitos de ser uma mulher viúva, ou seja, sem a figura da proteção e segurança financeira do marido, ainda rompeu outra barreira que foi sua consolidação no campo literário quando já estava idosa, e exercendo uma profissão que estava longe de ser considerada uma das principais do mercado formal, afinal era ela uma simples doceira. Sustentando o que é apontado a seguir,

Sempre vista como improdutiva, a mulher fora formada pelo homem através de um discurso machista. No século XIX , principalmente na França , a mulher deveria estar reclusa em sua casa, ser uma boa mãe e cuidar bem de seu esposo, que todos os dias ia buscar o sustento do lar nas fábricas e indústrias modernas. O que podemos dizer de fato é que a mulher foi e continua sendo vítima da história feita pelos dominantes. Entretanto, vemos também no século XIX uma mulher francesa que luta, que reivindica, que reclama e, logo, exerce poder. (PERROT, 1992, p. 135)

Uma identidade social moldada por uma sociedade capitalista, cujo o mercado formal era ditado pela busca de acúmulo de capital. Cora vendia seus doces, não para enriquecer-se financeiramente, mas para sobreviver dia após dia do seu próprio labor. A iniciativa de Cora de não se colocar como uma velha moribunda, alavanca a sua história de vida e como consequência influencia toda a Cidade de Goiás, cujo retrato cultural de tal transformação é a emancipação das mulheres participantes do “Projeto Mulheres Coralinas”, assim,

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. (LOURO, 2000, p. 06)

A organização logística e mercadológica do Sistema Capitalista caminhou ao longo dos anos para a coisificação do sujeito, isso posto na perspectiva do consumismo desenfreado, todavia, as últimas décadas tem apresentado para o indivíduo uma nova roupagem cultural e rotineira, delineada pelo avanço tecnológico e as novas formas de relações sociais.

A primeira publicação de um livro de Cora Coralina foi no ano de 1965, quando a poeta já estava com mais de setenta anos, “*Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*” (considerado pelo jornal O Popular, uma das vinte obras mais importantes do

século XX). Em sua caminhada rumo ao reconhecimento de importante escritora no cenário nacional e estadual, a poeta contou com o valorar de sua obra, graças à saudação feita por Carlos Drummond de Andrade, no ano de 1980. Segue um trecho da carta,

Minha querida amiga Cora Coralina: Seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia (...). (cf. In. BRITTO, 2009, p. 89)

Cora Coralina recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Goiás (UFG), ganhou no mesmo ano o prêmio Juca Pato da União Brasileira dos Escritores. Cora Coralina faleceu no ano de 1985 (BRITTO, 2009).

São elementos marcantes da escrita coralineana o folclore, a vida simples e regrada da sua infância, sua relação direta com a Cidade de Goiás, a simplicidade de sua escrita que era voltada para uma mensagem pautada no linguajar de fácil entendimento, pela falta de padronização aos preceitos definidos pela estética literária, fatos estes que podem ser analisados em detrimento da sua baixa escolaridade (conforme já mencionado), ou de suas escolhas pessoais.

A simplicidade foi o caminho escolhido por Cora para se alcançar a riqueza do espírito, na Cidade de Goiás, tornou-se doceira de ofício e escritora por paixão. Nesse sentido, Eguimar F. Chaveiro (2015, p. 98) aponta que “aquele que escreve investiga a si mesmo, percorre as suas trajetórias, dialoga com imagens de sua infância, com seus traumas, medos, dores. A escritura é uma viagem nos próprios recônditos do sujeito.” E, conforme alude o geógrafo Douglas Santos (2014), ao argumentar sobre a dimensão topológica da existência, diz que, no percurso da vida humana, o simbólico se inscreve como uma mediação espacial obrigatória. Cora ilustra o presente parágrafo, pois, tanto pela obra quanto pela biografia da autora, conforme detalha Clovis C. Britto,

Desse modo, concluímos que não foi por acaso que Cora Coralina tornou-se ícone de Goiás. A análise de sua trajetória e de seu processo de inserção no campo literário brasileiro fornece elementos significativos para a compreensão das influências e posicionamentos que assumiu perante as questões de seu tempo. Cora Coralina, após as primeiras incursões na literatura, conquistou um estilo que lhe permitiu, através de uma aparente simplicidade estética, desafiar as convenções. O primeiro desafio foi a sua

condição de mulher: raras foram as mulheres que se colocaram na vanguarda de sua época ousando ingressar no mundo das letras e explorar com profundidade temáticas que imprimiam um tom mais crítico às suas obras. (BRITTO, 2009, p. 343).

Antes de construir uma análise histórica e sociológica de alguns personagens presentes na obra coralineana, mais uma vez é fundamental considerar que a poeta é a todo momento parte deste espaço. Cora representa o corpo fora de outros corpos e que observa com exatidão e completude o todo, a estratégica colocação da autora enquanto parte do espaço pode ser entendida nas palavras de Mikhail Bakhtin (2003):

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar — a cabeça, o rosto, a expressão do rosto —, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (cf. p. 43)

A autora vivenciou, fantasiou, imaginou, criou e recriou os becos em sua obra, observou o que foi negligenciado por quem deveria fazer algo em prol da situação de vulnerabilidade de tantos que ali estavam padecendo de cuidado, de seres humanos e animais jogados à sorte, vítimas de uma sociedade seletiva e excludente, pessoas da cidade, longe de serem considerados cidadãos, uma mazela social distante do cego e fantasioso “Direitos Humanos” – equitativo e universal.

Cora observou cada um dos personagens narrados em sua obra, o que permitiu a autora ver não apenas o físico, mas, analisar o espaço como um todo, ver a alma, o sofrimento, a desilusão e o fim dos esquecidos, em especial das mulheres.

Ainda nesse sentido, aponta Mikhail Bakhtin (2003, p. 66) “o que tem extrema importância para a problemática é a posição que o corpo, enquanto valor, ocupa num mundo concreto, único, relativamente ao sujeito. Meu corpo é um corpo interior, o corpo do outro é, um corpo exterior.” Dessa forma, acrescenta Mikhail Bakhtin (2003):

E é nesse terreno revolvido pelos tempos cíclicos que começam a surgir os indícios do tempo histórico. As contradições internas da época, perdendo seu caráter absoluto, eterno, adquirido, revelam, no interior da época, uma pluritemporalidade histórica: o remanescente do passado e os germes, as tendências do futuro. Simultaneamente, o tema das idades do homem, que se amplificará até englobar o tema das gerações, começa a perder seu caráter cíclico e a preparar uma ótica histórica. Esse processo de preparação que leva à descoberta do tempo histórico era mais rápido, mais complexo,

mais profundo na *criação literária* do que nas especulações abstrato-filosóficas e nas especulações propriamente histórico-ideológicas dos iluministas. (cf. 2003, p. 246)

Nesse sentido, acorda que a narrativa coralineana, nas análises da Professora Solange em seu artigo “Confissões de Aninha e memória dos becos: a reinvenção poética da memória em Cora Coralina”, mostram que

...ao mesmo tempo em que conta de maneira cômica os fatos, também denuncia um desacordo entre o comportamento da mulher com a satisfação de viver a vida de outrem. É o que Cora fez, muitas vezes, em sua obra, conferindo aos oprimidos uma dignidade lírica, um “[...] heroísmo poético que reabilita a periferia, a marginalidade, a clandestinidade, a poesia coralineana subverte e reorganiza a história oficial.” (YOKOZAWA, 2002, p.6).

A comunidade local na Cidade de Goiás, no dado contexto vivido por Cora Coralina considerava os Becos da cidade como local de jogar galinha morta. Assim, o beco apresenta uma dicotomia entre o beco sujo e o beco da autonomia, haja vistas que para algumas pessoas, a elite do centro da cidade, o beco era marginalizado e impuro. Na contramão do pensamento elitista, para os moradores do beco, sua luta pela sobrevivência era marca de sua autonomia.

No campo da geografia, história, sociologia e outras, foi nítida a contribuição interdisciplinar da literatura. Nesse sentido:

Informa-nos que Cora, em sua narrativa, busca a singularidade do instante. Além disso, analisa como a autora “representa seu mundo em imagens e as torna em concretudes da cidade de Goiás, seja pela memória de fatos ocorridos, seja pelas experiências vividas, sobre as quais lança um olhar crítico a uma cidade feita de pessoas e costumes peculiares”. Cora Coralina, por meio de relações de afeto com sua Goiás, “reconstrói num discurso de significações múltiplas”, sobremaneira, em temas do dia a dia, apontando de forma debochada, risível, irônica e sarcástica as dissimulações presentes naquela sociedade prosaica, revelando-nos novas dimensões. (BRITO, 2009. p. 115).

Segundo Chaveiro (2015, p. 81), “um dos objetivos da história pode ser, exatamente, lançar uma ponte entre o passado e o presente, e restabelecer, essa continuidade interrompida”. E ainda parafraseando este, o drama humano, a história de uma cidade, os detalhes de um conflito não se limitam à trama de significados e sentidos. E ainda:

Esta nova aproximação quer mais do que identificar elementos reais na descrição das paisagens e dos lugares. Quer estabelecer um entrelaçamento

de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural. (CHAVEIRO, 2013).

Pelo exposto fica nítida a relação de que a poeta enquanto sujeito social de sua própria história, esteve vinculada à cultura enquanto elemento determinante das relações sociais, o que influenciou diretamente na construção dos seus personagens ao longo de toda sua obra, seja nos seus poemas ou contos, carregados de significados e significantes que impulsionaram e inspiraram a criação e consolidação do “Projeto Mulheres Coralinas”.

1.4.2 AS MULHERES PERSONAGENS NA NARRATIVA DE CORA CORALINA

Cora Coralina retratou em sua obra diversas mulheres, porém, a presente análise fez um recorte para as prostitutas, as negras, jovens brancas oprimidas e senhoras de idade (velhas).

Para ilustrar o exposto, em pequenos trechos da obra coralineana, é possível identificar a apropriação do leitor e sua proximidade com a realidade, fomentando o saber acerca de uma sociedade machista, como exemplo do exposto na obra “Estórias da Casa Velha da Ponte – ECVP” que aponta para o medo e a marginalidade, conforme dispõe que depois da “negrada livre” e o “pauperismo geral, a melancolia dos senhores definindo-se no saudosismo estéril de negras submissas e amedrontadas, de negros animalizados. (...) O sadismo sem mais onde cevar” (CORALINA, 2001, p. 10-11).

Na última citação do parágrafo anterior fica evidente a exploração sexual da mulher. O recorte específico foi da negra, com abrangência para uma interpretação de que a cultura do estupro não é restrita a mulheres negras e tampouco às mulheres de classes vulneráveis, conteúdo sociológico que leva à reflexão do tema em diferentes gerações. Segundo Berth,

Como mulheres de periferia do quarto de despejo da cidade, é importante falar o que entendemos como empoderamento a partir de nossas vivências. Não encontramos em nenhuma discussão produzida pelo movimento feminista branco uma possibilidade de construção de nossa identidade. Somos muitas, somos plurais. Nossa discussão sobre empoderamento é no sentido da busca que fortalece o grupo na caminhada dentro de uma sociedade desigual, racista, machista, preconceituosa. Empoderar o coletivo leva a conscientização, união e a transformação das pessoas e da comunidade. Especificamente nós, mulheres periféricas, buscamos estratégias sempre criativas de superar a

desigualdade, o machismo, a violência e a maneira como a sociedade nos vê e reage diante de nossas lutas. Por causa de nossa história de opressão, silenciamento, marginalização, buscamos caminhos pra superação, daí o nosso entendimento do que seja empoderamento. (2018, p. 05)

Além das negras exploradas sexualmente, a obra coralineana apresenta outras tantas personagens que são representações reais da realidade de uma sociedade arcaica e excludente nas relações de gênero, como exemplos de moças que precisam fugir de casa para viver seus amores, esposas que apanham dos maridos, mulheres bisbilhoteiras que sentem prazer em viver a vida alheia, mulher brava e forte que defende a honra de sua família e que usa a sua força física para se defender do seu agressor, mulheres que não querem viver romances às escondidas e, entre muitas outras, a mais rica biografia que Conforme Clovis C. Brito e Maria Eugênia Curado

Além de ser praticamente uma desconhecida, ou conhecida apenas por seus textos da juventude, Cora Coralina, em sua trajetória social, reuniu condições consideradas desfavoráveis: possuía apenas a terceira série do primário, recebia as restrições impostas pela dominação masculina e estava idosa. (BRITTO, 2009, p. 12)

Nesse sentido, acorda que a narrativa coralineana, nas análises de Yokozawa (2002) em seu artigo *Confissões de Aninha e memória dos becos: a reinvenção poética da memória em Cora Coralina*, mostram que, ao mesmo tempo em que conta de maneira cômica os fatos, também denuncia um desacordo entre o comportamento da mulher com a satisfação de viver a vida de outrem. É o que Cora Coralina fez, em diversos pontos de sua obra, conferiu aos oprimidos e marginalizados uma dignidade lírica, um “[...] heroísmo poético que reabilita a periferia, a marginalidade, a clandestinidade, a poesia coralineana subverte e reorganiza a história oficial.” (YOKOZAWA, 2002, p.6).

A mulher apresentada na obra coralineana foi retratada, entre outras, para a presente pesquisa nas obras *Estórias da Casa Velha da Ponte* (2006), conforme apresentado no parágrafo anterior, *Cora Coralina: O tesouro da Casa Velha* (2014), *Vintém de Cobre* (2007) e *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais* (2001). A obra Coralineana retratou a negra marginalizada, a senhora de idade incompreendida, as prostitutas e tantas outras. As mulheres coralineanas não se renderam às amarras do tradicionalismo, sobreviveram ou morreram sem vender suas almas, conseguiram sua independência.

Em sentido amplo Cora buscou, ao longo de sua obra, retratar a mulher, denunciar o seu status de servidão, de submissão, de dependência financeira e de outros abusos, frutos de uma sociedade machista, ou seja, que considera a mulher como um segundo sexo (BEAUVOIR, 1967), inferior ao homem, porém, Cora Coralina nunca deixou de apontar a força da mulher enquanto sujeita de sua vida, possibilidades de superação, de emancipação e de autonomia, vertente que norteia a identificação das mulheres coralinas com a vida e obra da poeta no “Projeto Mulheres Coralinas”.

Para a construção de suas personagens, a presente dissertação destaca três unidades lexicais que fomentam o significado literal, literário e simbólico de algumas personagens. As unidades lexicográficas mulher, mãe e mulher da vida, representam as dimensões de um gênero amplo e de seus desdobramentos.

Para ilustrar a presente, segue o quadro de análises dos significados postos nos dicionários: Dicionário Prático da Língua Portuguesa – Michaelis (2001); Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) e Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa – Caudas Aulete (2011). Conforme o quadro 1, apresentado a seguir:

	Mulher	Mãe	Mulher da vida
Dicionário Prático da Língua Portuguesa – Michaelis (2001)	1 – Feminino de homem; 2 – esposa; 3 – Pessoa adulta do sexo feminino.	1 – Mulher ou fêmea de animal que teve um ou mais filhos; 2 – ascendente feminino em primeiro grau; 3 – origem, causa, fonte; 4 – Pessoa dedicada, generosa, 5 – Pessoa que protege muito a outra.	- Mulher da zona, (zona = rua em que se acha estabelecido o meretrício).
Dicionário Houaiss da Língua	Indivíduo do sexo masculino considerado tanto do ponto de vista	1 – Mulher que deu à luz, criou ou cria um ou mais filhos; 2 –	Mulher – dama =

Portuguesa (2009)	das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, como tipo representativo de determinada região geográfica; 2 – ser humano feminino; 4 – esposa; 5 – amante, concubina.	fêmea de animal que teve crias; 3 – pessoa que protege e que dá assistência a quem precisa; 4 – origem, causa, fonte.	meretriz, prostituta.
Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa – Caudas Aulete (2011).	1 – Pessoa do sexo feminino; 2 – quando deixa de ser virgem; 3 – Pessoa, amante, companheira.	1 – Mulher ou fêmea de animal que teve um ou mais filhos; 2 – fêmea de animal que deu cria; 3 – origem, causa, motivação; 4 – Pessoa dedicada.	Mulher – dama = prostituta.

Quadro 1: Léxicos e significados em dicionários diversos

Em contraposição ao quadro 1, é possível nos mesmos dicionários evidenciar os significados para homem, pai e homem vadio, cujo a análise irá demonstrar a relação teórica e de significados hierárquicos das unidades lexicais em uso. O quadro 2, não se refere a personagens da obra *Coralineana*, é destinado apenas ao contraste entre o sexo masculino e feminino. Veja o quadro 2 a seguir:

	Homem	Pai	Homem vadio (Prostituto)
Dicionário Prático da Língua Portuguesa – Michaelis (2001)	2 A espécie humana. 3 do sexo masculino. 4 idade adulta; homem-feito. 6 Homem dotado de atributos másculos, como coragem, determinação, força física, vigor sexual etc.; macho.	1 Homem que gerou um ou mais filhos; genitor; progenitor, velho. 6 REL, TEOL Denominação dada ao ser eterno e infinito; a causa e o fim de tudo o que existe. 8 Aquele que ajuda, que faz	Não foram encontradas definições.

	9 Marido ou amante.10 Indivíduo que mantém uma relação afetiva com uma prostituta e a explora financeiramente.	benfeitorias e pratica o bem; benfeitor, protetor:	
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009)	Indivíduo dotado de inteligência e linguagem articulada. Espécie humana, humanidade: a evolução social do homem. Pessoa do sexo masculino. Esposo, marido, companheiro.	Aquele que tem ou teve filho(s); genitor, progenitor. Indivíduo em relação aos seus filhos. Responsável pela criação de;...	Que se prostitui
Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa – Caudas Aulete (2011).	1 – O ser humano que pertence a mais evoluída espécie animal. 2 - Indivíduo do sexo masculino em oposição a mulher. 3 – Adulto do sexo masculino em oposição a criança	1 – Homem que teve filho, que cria ou criou o filho; progenitor; 2 – homem que de fato cria ou educa criança ou jovem; 5 – Protetor e bem -feitor, pai dos necessitados.	Não foram encontradas definições.

Quadro 2: Léxicos e significados em dicionários diversos

As dicotomias apresentadas no campo dos significados trazidos nos dicionários deixam evidente o quanto a figura masculina é posta como forte, dominante e superior, enquanto a mulher é frágil, protegida e submissa. Para Aulete (2011) o pai e protetor e bem – feitor, enquanto a mãe é pessoa dedicada. Já Michaelis (2001), apontou a mulher como feminino de homem e esposa, ou seja, sua existência só tem significado se tiver o homem como suporte, na mesma medida em que esse autor, definiu o homem como corajoso, dotado de atributos másculos, macho, que usa a prostituta para fins de satisfação sexual.

O dicionário Houaiss (2009), foi o único a definir o homem vadio (prostituto), e mesmo assim de forma superficial, apontando como sendo aquele que se prostitui.

Os outros dois dicionários não apresentaram definições exatas e nem similares. Já para a mulher, todos os dicionários apresentaram definições e adjetivações para qualificar e apontar como algo fora do padrão moralmente aceitável pela sociedade conservadora.

A elite intelectual que se apega aos padrões linguísticos como modelos cultos de aplicação da língua, encontram suas formalidades, significantes e significados nos dicionários. Porém, se tomada “a gramática normativa e a valorização de uma única forma de falar e escrever como certa, fortalece a manutenção do poder em que determinados grupos são marginalizados” (RIBEIRO, 2017, p. 36).

Ainda nesse sentido, dentre muitas abordagens no campo da sexualidade, da visão da mulher enquanto objeto sexual, além das narrativas de abuso, Cora deixou seu recado “Mulher, não te deixes castrar. Serás um animal somente de prazer e às vezes nem mais isso.” (CORALINA, 2001, p. 32), e ainda incentivou a mulher a tornar-se independente, lutar pela igualdade, a ter empregos fora do lar, tudo isso sem perder a maestria de ser mãe, conforme ilustra o trecho a seguir

Que pretendes, mulher?
Independência, igualdade de condições...
Empregos fora do lar?
És superior àqueles
que procuras imitar.
Tens o dom divino
de ser mãe
Em ti está presente a humanidade. (CORALINA, 2001, p.80)

Cora também retratou a mulher que não encontrou forças para lutar, “Sem carinho de Mãe. Sem proteção de Pai... - melhor fora não ter nascido. E nunca realizei nada na vida. Sempre a inferioridade me tolheu. E foi assim, sem luta, que me acomodei na mediocridade de meu destino.” (CORALINA, 2001, p.50).

Apontadas as dualidades que Cora, com sua simplicidade fazia da sua escolha de cada unidade lexical instrumento de luta, o trecho do poema *Ofertas de Aninha*, parte dedicada aos moços, ilustra a garra que a poeta deixava de legado as mulheres, “eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida. Não desistir da luta. Recomeçar na derrota. Renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos. Ser otimista.” (CORALINA, 2014, p.30).

Quanto ao reconhecimento masculino, cabe a seguinte reflexão,

É que é difícil para o homem medir a extrema importância de discriminações sociais que parecem insignificantes de fora e cujas repercussões morais e intelectuais são tão profundas na mulher que podem parecer ter suas raízes numa natureza original. Mesmo o homem mais simpático à mulher nunca lhe conhece bem a situação concreta. Por isso não há como acreditar nos homens quando se esforçam por defender privilégios cujo alcance não medem. (BEAUVOIR, 1967, p. 20)

Foi nessa perspectiva de transformação e reconstrução da identidade da mulher, a considerar que para Beauvoir (1967, p. 18), “certos homens temem a concorrência feminina”, que a obra coralínea evidenciou tantas mulheres que se firmaram enquanto autônomas a partir do seu próprio trabalho, de sua formação e de suas escolhas. Segundo Libâneo (2011), o alicerce da educação é a base para a transformação de qualquer sociedade, o processo de ensino e aprendizagem (troca mútua entre os agentes da comunicação), fomentam uma ruptura com o determinismo biológico para padrões culturais, econômicos, políticos e sociais.

Não nos deixaremos, portanto, intimidar pelo número e pela violência dos ataques dirigidos contra a mulher, nem nos impressionar com os elogios interesseiros que se fazem à “verdadeira mulher”; nem nos contaminar pelo entusiasmo que seu destino suscita entre os homens que por nada no mundo desejariam compartilhá-lo. (BEAUVOIR, 1967, p. 20)

Como abordado anteriormente, ser mulher não se limita a condição biológica do corpo feminino, pois, é das tradições culturais, das influências econômicas, sociais e outras que emana o tornar-se mulher, sujeito, ser humano, cidadã igual a qualquer homem (BEAUVOIR 1967). A obra coralínea aborda com maestria as diversas vertentes, pois, Cora Coralina (2006, p. 55) já defendia que “Versos... não; Poesia... não, um modo diferente de contar velhas histórias”, em sua maioria história de mulheres marginalizadas e segregadas, porém, que pela ótica coralínea jamais deixaram de ser seres humanos e dignas de respeito. Assim,

Muito tem se falado ultimamente sobre o conceito de lugar de fala e muitas polêmicas acerca do tema têm surgido. Fazendo o questionamento de quem tem direito à voz numa sociedade que tem como norma a branquitude, masculinidade e heterossexualidade, o conceito se faz importante para desestabilizar as normas vigentes e trazer a importância de se pensar no rompimento de uma voz única com o objetivo de propiciar uma multiplicidade de vozes. (RIBEIRO, 2017, p. 28)

Ao longo de sua obra, Cora sempre referenciou aos becos como um espaço de muito sofrimento e carregado de significados e símbolos, tal como, adotou a pedra

como elemento simbólico das suas narrativas para falar da dureza do ataque, dos obstáculos, mas, também do fortalecer, da superação e do enfrentamento. Pela análise lexical dos signos espaço e pedra posto pelos dicionários temos que:

	Espaço	Pedra
Dicionário Prático da Língua Portuguesa – Michaelis (2001)	1 – O universo todo; 2 – Extensão limitada; 3 – distância Linear entre duas coisas;	1 – Rocha, dura e sólida;
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009)	1 – Extensão ideal; 2 – extensão limitada; ...; 10 Campo abrangido por determinada área dos conhecimentos e fazeres humanos.	1 – Matéria mineral dura, sólida da família das rochas; ...; 10 – palavra ou conjunto de palavras que permitem decifrações de problemas, 11 – pessoa estúpida pouco inteligente.
Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa – Caudas Aulete (2011).	1 – Extensão limitada que contém todos os seres vivos; 2 – lugar; 3 – oportunidade.	1 – Mineral sólido, rocha; 2 – usada para esquecer um assunto; 3 – empecilho ou obstáculo no caminho de alguém; 4 – incômodo.

Quadro 3 – Análise dos léxicos pedra e espaço

Os dois léxicos em análise no quadro 3, fazem referência as abordagens externas à obra coralineana e permeiam as verdadeiras lições que a poeta deixou como legado a literatura brasileira. Pelo espaço, deixou a lição de que qualquer mulher é capaz de conquistar seu próprio espaço, ser protagonista da sua própria história, não se referindo apenas a lugar. A abordagem do espaço por Cora Coralina é muito próxima a definição dada por Houaiss (2009), haja vista que abrange o significado

para uma abrangência do saber, uma busca pelo conhecimento que fomenta a formação ontológica do ser.

Ainda na relação da língua com a cultura no que determina a relação com o espaço de maneira geral, é melhor empregar o termo "ambiente" apenas quando se faz referência a influências, principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem (SANTOS, 2014). Não obstante, tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo "ambiente" tanto os fatores físicos como os sociais. (SAPIR, 1969, p. 43).

Quanto ao léxico pedra, a poeta sintetizou seu uso para explicar a dureza da vida, e mais ainda, a necessidade de se preparar para enfrentar os obstáculos postos no caminho, ou marco de ruptura com determinado assunto, análise próxima do significado dado por Aulete (2011).

Nada melhor que os trechos extraídos da obra *Poemas dos becos de Goiás e estórias* mais para ilustrar o quanto a obra coralínea fomentou a quebra de paradigmas no que se refere ao tornar-se mulher pelo advento da cultura e da sociedade, seja pela sua biografia, pela sua abordagem ou pela simplicidade linguística de sua obra que permite a mulher se identificar com suas personagens, “eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores. Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.” (CORALINA, 2001, p. 68).

Ninguém melhor que Cora Coralina evidenciou em sua obra os aspectos da vida cotidiana da cidade de Goiás. Afinal, partir da literatura para o real só é possível no presente trabalho, devido as denúncias da poeta em sua obra, pondo em evidência as mazelas sociais, permitindo que o leitor identifique e se indigne com o contexto sócio-histórico-geográfico-econômico e cultural em que está inserido, buscando iniciativas que o permita virar sujeito da sua própria história.

1.5 Becos de Goiás; Todas as vidas; Ofertas de Aninha; O casamento e a cegonha; Mulher mãe e Mulher da vida; Não conte para ninguém

1.5.1 ANÁLISE DO POEMA *BECOS DE GOIÁS*

Toda a formação das mulheres participantes do “Projeto Mulheres Coralinas” perpassa a compreensão e análise de como a poeta fez da literatura um instrumento de denúncia social. Compreender e reviver a memória de Cora Coralina faz com que as mulheres do projeto possam ampliar seus conhecimentos acerca da hierarquia de poder existente entre homens e mulheres, tal como ter consciência das desigualdades econômicas. Segundo Alfredo Bosi (s.d), o poema em análise pode ser considerado como resistência, haja vistas que, apresenta oposição aos discursos dominantes e da voz aos oprimidos.

Esse tópico é voltado para a análise do poema *Becos de Goiás (CORALINA 2001)*, publicado no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. O poema em análise apresenta uma série de construções e cenários que retratam a desigualdade social, o preconceito, a condição de inferioridade da mulher entre outros.

A literatura coralineana permite a compreensão da política, da desigualdade de gênero, conforme exposto ao longo de toda a dissertação. De meios de produção arcaicos, de exploração de trabalho infantil, de maus tratos a animais, conforme trecho do poema *Becos de Goiás (CORALINA, 2001)* “e aquele menino, lenheiro ele, salvo seja. Sem infância, sem idade. Franzino, maltrapilho, pequeno para ser homem, forte para ser criança, ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade”. De abuso de poder, de prostituição, de falta de infraestrutura para as zonas periféricas da cidade entre outros que serão descrito ao longo das análises de alguns poemas, e mesmo sem ter a obrigação de fidelidade aos fatos, fez da narrativa coralineana um instrumento de transformação social.

Em fundamentação ao parágrafo anterior, Antônio Cândido (1985), apresentou para a literatura uma função total, uma função social e uma função ideológica. “Ela exprime representações sociais e individuais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo” (CÂNDIDO, 1995, p. 45), assim, fica nítido que Cora escreveu retratando os vários sujeitos dentro de um grande grupo denominado sociedade.

Em *Becos de Goiás (CORALINA 2001)*, Cora teve a grandeza de trazer para sua obra os tantos sujeitos que a sociedade ignora ou menospreza. Ao ser perguntada sobre o papel e posicionamento crítico do poeta em seu tempo, Cora respondeu:

Meu amigo, eu tenho a minha posição. Não sei se os outros poetas têm a sua. Neste meu livro, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, por exemplo, está a minha posição, a assumida, sem interferências e sem

pedidos. Estou sempre documentando a vida em minha poesia. Não gosto de mentiras. Se não posso dizer a verdade inteira, digo a meia-verdade (MORAIS, 1981, In. BRITTO, 2006, p. 118).

O trecho retirado da publicação de uma entrevista de Moraes feita em 1981 e publicada por Britto (2006), Cora Coralina ressalta que o que a sociedade camuflou, na tentativa de normatizar a situação de submissão da mulher, ela fez uso da literatura para expor seu ponto de vista, livre de qualquer manipulação ou censura por parte dos opressores. Ou seja, se a verdade não poderia ser retratada na íntegra, a autora a fez aparecer tendo como instrumento de poder a literatura. Veja:

A cidade de Goiás se transformou em palco para o estabelecimento dessa memória repleta de significados, captados e reconstruídos por Cora entre um exercício de afetividade e percepção crítica [...] a cidade possui aspectos físicos e uma vida interior, num mecanismo contínuo que funde a vida com sua configuração espacial. Dessa forma, os aspectos urbanísticos constituiriam fio condutor para a compreensão do que a pesquisadora define como cidade-vida, cidade-história, cidade-sociedade, cidade-cultura (BRITTO, 2006, p. 110).

O preconceito contra a mulher perpassa o tempo e o espaço não sendo segredo para nenhum sujeito. Ainda que estes não queiram ver ou assumir, sendo muitas mulheres impostas aos rótulos que as condicionam como quem nasceu para ser dona de casa, esposa e mãe, não tendo autonomia, incentivo e nem mesmo apoio moral para buscar espaço fora da subordinação masculina, e as que se atrevessem ainda corria o risco de parecer promíscua, sendo altamente discriminada. Dessa forma, Mikhail Bakhtin (2003)

E é nesse terreno revolvido pelos tempos cíclicos que começam a surgir os indícios do tempo histórico. As contradições internas da época, perdendo seu caráter absoluto, eterno, adquirido, revelam, no interior da época, uma pluritemporalidade histórica: o remanescente do passado e os germes, as tendências do futuro. Simultaneamente, o tema das idades do homem, que se amplificará até englobar o tema das gerações, começa a perder seu caráter cíclico e a preparar uma ótica histórica. Esse processo de preparação que leva à descoberta do tempo histórico era mais rápido, mais complexo, mais profundo na *criação literária* do que nas especulações abstrato-filosóficas e nas especulações propriamente histórico-ideológicas dos iluministas. (p. 246)

A figura da mulher da vida está presente em quase todo o cantar do poema, sempre caracterizada e rotulada como abominável a sociedade, como pessoa doente, “mulher-dama, mulheres da vida, perdidas, começavam em boas casas, depois,

baixavam para o beco.” (CORALINA, 2001, p. 94), ou ainda, “O drama da mulher da vida, antiga, humilhada, malsinada. Meretriz venérea” (CORALINA, 2001, p. 94). Nota-se pelo exposto a presença forte da conotação histórica de uma das mais antigas profissões do mundo, segundo o senso comum, comprovadas pelo uso do termo antiga, porém, a liberdade e o direito ao corpo sempre foram, e é negado a mulher, não o sendo culturalmente inadequado ao homem. Ainda no mesmo sentido, não se pode confundir a unidade lexical profissão com exploração, afinal, prevalece a liberdade de escolha da mulher no que se refere a autonomia de como usar o próprio corpo. O preconceito se consolida ao longo de tantas outras partes do poema *Becos de Goiás*, como,

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gatinha” - diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
solitária, hética, engalicada,
tossindo, escarrando sangue
na umidade suja do beco. (CORALINA, 2001, p. 94)

A cidade de Goiás era formada por um contexto social em que o povo moralmente correto ditava as práticas excludentes e conservadoras, de grupos familiares que moravam nos largos e nas principais avenidas, pessoas estas que deram aos becos identidades dos vulneráveis sociais, “lugar de gatinha” conforme citado anteriormente. Colocados à margem pelos dominantes os becos se constituíram na principal fonte de inspiração de Cora Coralina.

Diante de tanto sofrimento, quando não há mais possibilidade de fazer nada, “Um irmão vicentino comparece. Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara. Uma passagem no grande coletivo de São Vicente. Uma estação permanente de repouso - no aprazível São Miguel. Cai o pano.” (CORALINA, 1985, p. 94). A nobreza da caridade cristã, que fechou os olhos a todo desfecho, aparece sorrateiramente na hora da morte para se fazer o ato final. Nas análises de literatura e espaço, o cantado no poema de Cora se encontra ao exposto,

Reviver as vidas passadas é também compreender e, até certo ponto, “queimar” os “pecados”, isto é, a soma dos atos realizados sob o domínio da ignorância e capitalizados de uma existência à outra pela lei do *Karma*. Chegando-se ao princípio dos Tempos, atinge-se o Não-Tempo, o eterno presente que precedeu a experiência temporal, inaugurada pela primeira queda humana. Em outros termos, a partir de um momento qualquer da existência temporal, pode-se chegar a exaurir essa duração ao percorrê-la em sentido contrário, e desembocar finalmente no Não-Tempo, na eternidade. Isso, porém, estado não-condicionado que precedeu a queda no Tempo e na roda das existências”. (ELIADE,2007,p.80)

Em uma vida de pecados, quem sabe o profano se encontra com o sagrado na hora da morte, quando cai o pano, ironia e comicidade, como a história da fé se apropria da desgraça da humanidade para se promover e fortalecer, o caminho estreito que conduz ao céu, marcado pela dificuldade e renúncia como frutos do livre arbítrio, ressoa como os becos de toda uma vida regrada, para quem sabe ao final encontrar a paz.

1.5.2 ANÁLISE DO POEMA “TODAS AS VIDAS”

A mulher autônoma e emancipada é aquela que não se limita a submissão masculina. A mulher forte dona de sua história toma o controle de suas decisões e assume qual e quais papéis sociais achar necessário. O “Projeto Mulheres Coralinas”, busca preparar a mulher para que possa ter uma formação profissional, um conhecimento intelectual, uma convivência social pautada na troca de experiências e na colaboração.

O presente tópico, analisa o poema *Todas as vidas*, cujo teor é mostrar como um único corpo pode ser habitado por várias mulheres (dona de casa, profissional, mãe e outras). No poema *Todas as vidas*, publicado em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2001), Cora Coralina evidenciou diversas mulheres habitando um só corpo, apontou inúmeras dualidades conforme pode ser analisado nos parágrafos a seguir.

Nas linhas iniciais Cora já descrevia o mal humor da velhice “Vive dentro de mim uma cabocla velha de mau-olhado, acorçada ao pé do borralho, olhando para o fogo” (CORALINA 2001, p. 45), e também a miscigenação que a designa enquanto uma cabocla. Nesse trecho cora já aponta a figura de uma cabocla, fruto da miscigenação que marca a origem da formação da identidade cultural brasileira (LARAIA, 2001), e ainda da mulher velha, cujo a paciência já é bastante limitada.

Não basta pontuar a mistura de raça que marca a formação da identidade do povo brasileiro, Cora também fez questão de pontuar o sincretismo religioso, permitindo a essa mulher ser católica cristã, feitiçeira e outras, “Benze quebranto. Bota feitiço... Ogum. Orixá. Macumba, terreiro. Ogã, pai-de-santo...” (CORALINA 2001, p. 45), evidenciando a liberdade religiosa que mais tarde encontraria normatização legal na Constituição Federal de 1988, tal como marca a luta pela quebra de resistência com o modelo religioso dominante.

Como base parágrafo anterior, Cora Coralina não discriminou as vertentes religiosas dominantes (católicos e protestantes), apenas ilustrou a necessidade de dar voz as religiões marginalizadas, por serem de origens humildes, em sua maioria escravocratas.

A "Terra" era, nas primeiras experiências religiosas ou intuições míticas, o "lugar-todo" que se achava à volta do homem. Grande número de palavras que designam a "Terra" têm etimologias que se explicam por impressões espaciais – "lugar", "largo", "província" — ou impressões sensoriais primárias — "firme", "o que resta", "negro", etc. (ELIADE, 2001, p. 198)

Uma mulher simples da Cidade de Goiás, que lava suas roupas no Rio Vermelho, fazendo uso dos produtos oriundos da cultura local, trajada como toda boa e velha lavadeira, “Vive dentro de mim a lavadeira do Rio Vermelho. Seu cheiro gostoso d’água e sabão. Rodilha de pano. Trouxa de roupa, pedra de anil. Sua coroa verde de São-Caetano” (CORALINA 2001, p. 45).

Ainda nessa mulher velha, amargurada, feliz, simples e rotineira, vive a cozinheira, caprichosa e exigente com o sabor e tempero, fazendo sua comida no fogão de lenha, ilustrando ainda mais a sua simplicidade, sua cozinha estampa a humildade de sua casa, que carrega nas cores de sua parede as marcas do tempo, “Vive dentro de mim a mulher cozinheira. Pimenta e cebola. Quitute bem feito. Panela de barro. Taipa de lenha. Cozinha antiga toda pretinha” (CORALINA 2001, p. 45).

Vive nesse corpo que habita a mulher simples e humilde, mas, que valoriza sua essência de mulher, seu empoderamento, sua identidade de mulher do cabelo cacheado, a mulher que trabalha para tirar seu sustento, que fala e expressa sua opinião, que não tolera abuso, a verdadeira Mulher Coralina, inspiradora, que rompe com o preconceito e com os condicionantes impostos pelo sexo e vai à luta, mulher simples de chinelinha e com muitos filhos, porém, mulher dona do seu destino,

identidade que ilustra muito bem as mulheres corralinas, conforme exposto no trecho a seguir:

Bem cacheada de picumã.
 Pedra pontuda.
 Cumbuco de coco.
 Pisando alho-sal.
 Vive dentro de mim
 a mulher do povo.
 Bem proletária.
 Bem linguaruda,
 desabusada,
 sem preconceitos,
 de casca-grossa,
 de chinelinha,
 e filharada. (CORALINA, 2001, p.45)

Ainda nesse sentido, vive nessa mulher, a tradição do campo, o cheiro da terra, o trabalho braçal, o acordar na madrugada para da terra retirar seu sustento. Uma mulher descalça que sustenta seus pés no chão, que conhece a sua realidade, que não se curva nas dificuldades da vida, que vai à luta logo cedo, sem perder sua identidade de mulher, nem sua essência de mãe e de avó. A mulher que não carece de estar submissa ao homem para conseguir gerir e sustentar o seu lar, que trabalha, que lida com o campo – apontado pelo senso comum como atividade masculina. Mulher que não se vê como o homem, mas sim, como mulher empoderada, e que além de todas as atividades laborais e domésticas, não perde e nem deixa de lado o papel de mãe e de avó, veja a seguir

Vive dentro de mim
 a mulher roceira.
 -Enxerto de terra,
 Trabalhadeira.
 Madrugadeira.
 Analfabeta.
 De pé no chão.
 Bem parideira.
 Bem criadeira.
 Seus doze filhos,
 Seus vinte netos. (CORALINA, 2001, p.45)

Cora finalizou esse poema representando a capacidade da mulher de viver tantas situações diversas e complicadas, sem se curvar aos obstáculos, e ainda com a sensibilidade para entender o seu semelhante sem julgar. Retratou a fragilidade de reconhecer no sorriso, na alegria da sua igual, a tristeza de uma vida dura, sofrida e

de submissão, sem que lhes seja imprimida pelo homem opressor a menor vertente de dignidade, “Vive dentro de mim a mulher da vida. Minha irmãzinha... tão desprezada, tão murmurada... fingindo ser alegre seu triste fado. Todas as vidas dentro de mim: Na minha vida – a vida mera das obscuras!” (CORALINA, 2001, p.46).

1.5.3 ANINHA: OS MOÇOS E AS PEDRAS

Aninha é uma das mais nobres e intrigantes personagens da obra coralineana, alguns pesquisadores a apontam como sendo a introspectiva da memória de Cora Coralina na sua juventude, porém, não será essa abordagem na presente dissertação. Aninha é para a presente pesquisa, mais uma personagem mulher que Cora criou para fortalecer a identidade e o potencial feminino na sociedade. Aninha marca a diversidade de idade, cultura e formação, tão presente no “Projeto Mulheres Coralinas” que atende garis, professoras, doceiras, artesãs, jovens, adultas e velhas.

O presente poema em análise tem como título *Ofertas de Aninha (aos moços)*, publicado em *Vintém de Cobre* (2007). Sendo Aninha a personagem já na sua fase adulta, e o conteúdo destinado aos mais jovens. As linhas iniciais marcam a esperança de uma mulher que o teve o tempo como grande mestre de sua vida, e como lições aprendeu a amar a vida e nunca deixar de lutar. Mostra que a mulher está sujeita a enfrentar inúmeras barreiras em sua vida, mas que nunca deve se acovardar, conforme exposto a seguir:

Ofertas de Aninha

(aos moços)

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.
Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,

generosidade e idealismo.
 Creio nos milagres da ciência
 e na descoberta de uma profilaxia
 futura dos erros e violências
 do presente.
 Aprendi que mais vale lutar
 do que recolher dinheiro fácil.
 Antes acreditar do que duvidar. (CORALINA, 2007, p. 58)

Ainda sobre esse poema, as lições coralineanas para que as mulheres possam ser cada vez mais fortes, apontam como princípios fundamentais para a sociedade: a solidariedade e a fraternidade. Aninha, destaca ainda o termo “família humana” no sentido da necessidade de valorização da pessoa enquanto ser humano, ligado a igualdade e a equidade.

Cora deu voz a Aninha para dizer a sociedade que se o egoísmo e ambição das pessoas der espaço ao fraterno, formando uma grande família, a desigualdade será combatida.

Na transformação da família e de seu Direito, o transcurso apanha uma 'comunidade de sangue' e celebra, ao final deste século, a possibilidade de uma 'comunidade de afeto'. Novos modos de definir o próprio Direito de Família. Direito esse não imune à família como refúgio afetivo, centro de intercâmbio pessoal e emanador da felicidade possível (...). Comunhão que valoriza o afeto, afeição que recoloca novo sangue para correr nas veias do renovado parentesco, informado pela substância de sua própria razão de ser e não apenas pelos vínculos formais ou consangüíneos. Tolerância que compreende o convívio de identidades, espectro cultural, sem supremacia desmedida, sem diferenças discriminatórias, sem aniquilamentos. Tolerância que supõe possibilidade e limites. Um tripé que, feito desenho, pode-se mostrar apto a abrir portas e escancarar novas questões. Eis, então, o direito ao refúgio afetivo. (FACHIM apud CUNHA, 2016, p.14)

Na mesma perspectiva da condição humana, a poeta, que sempre esteve para além do ensino formal, deixou de recado aos seus leitores a necessidade de aceitar as falhas e erros, sem se acovardar, lutando e melhorando a cada dia, fazendo do futuro um local mais digno que o presente.

O poema em análise, firma a crença nos milagres das ciências em benefício do ser humano, tal como a generosidade entre as pessoas e o idealismo. Nas suas últimas linhas, o recado de Aninha aos moços, para que foquem na luta e não na recompensa, ou seja, que o trabalho pode ser mais edificante que o próprio dinheiro.

A forte e marcante personagem aninha, ainda em *Vinténs de cobre: meias confissões de aninha* (2007), agora em um trecho do poema *Aninha e suas pedras*, apresenta a força da mulher para que não se curve aos condicionantes postos a pessoa em detrimento de seu sexo biológico (BEAUVOIR, 1967). Veja a seguir:

Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema. (...) (CORALINA, 2007, p.37)

No trecho exposto fica nítida a lição para que a mulher não se curve aos impedimentos que lançam em seu caminho, que rompam as pedras (cuja análise lexical foi feita anteriormente) e que simbolizam o machismo, a opressão e as relações de poder. Incentiva a mulher a se fortalecer ajuntando cada um dos seus obstáculos e procurando novas alternativas. Cora enfrentou os condicionantes escrevendo poemas e fazendo doces (BRITTO, 2009), Aninha sugere que em face as amarguras da condicionada vida de mulher, que estas se reinventem quantas vezes for necessário.

Com toda sua sabedoria, Cora remete no trecho do poema em análise, a ideia de que não se combate o mal com o mal, sugerindo que cada obstáculo deve ser removido, que as pedras devem ser retiradas dos caminhos, e que não devem ser lançadas no caminho dos outros, sugere que sejam plantadas roseiras, que além de valorizar a vida, encantam com sua beleza, devolvendo a sociedade aquilo que você tem de melhor.

Maingueneau (2006) e Palmas (2007), a literatura não é analisada e nem vista como um fenômeno independente, mas, como uma arte criada dentro de um contexto específico, numa dada língua, numa dada nação, num dado momento da história, trazendo para si as peculiaridades de um contexto sociocultural da linguagem.

A última lição posta na presente análise, ou seja, a mulher não deve se curvar, deve enfrentar cada obstáculo com maestria e remover as pedras do seu caminho. Deve encantar e enfeitar o caminho para que outros possam passar. Devem se emancipar financeiramente, ter um ofício, uma profissão, como no caso apresentado a poeta apresenta como sugestão o fazer dos doces.

1.5.4 ANÁLISE DO CONTO O CASAMENTO E A CEGONHA

A ESSÊNCIA DO CASAMENTO E A APARÊNCIA DA CEGONHA

A análise do conto *O casamento e a cegonha*, publicado em *Estórias da casa velha da ponte* (2006), fomentam valores da família tradicional cristã, conservadora de uma moralidade seletiva e excludente com base nos padrões patriarcais, ou seja, homem superior hierárquico, dominante no âmbito familiar. Conforme a seguir,

O patriarcado pode ser considerado o alicerce da sociedade contemporânea, é uma autoridade imposta ao homem institucionalmente, que os colocam acima das mulheres em ambiente domiciliar e em todas as outras organizações sociais como: consumo, legislação, política, cultura, produção e etc. O papel da mulher socialmente é inferior ao dos homens em todos os quesitos, seja economicamente, profissionalmente, fisicamente e emocionalmente. (LIMA, 2018, p. 02)

Alguns marcadores de tempo como: Na minha época, no meu tempo, hoje em dia e outros populares representam as marcas da transição de alguns períodos históricos, porém, alteram as aparências sociais e mantêm as essências presas a uma sociedade da boa imagem e do politicamente correto. Segundo Lima,

O patriarcado mata todos os dias, ele julga de maneira errada as atitudes das mulheres que andam sozinhas à noite e são estupradas, ele julga as mães que deixam seus filhos em casa e seguem a carreira profissional, ele menospreza o trabalho intelectual de muitas mulheres, coloca os homens como juizes sociais e líderes intocáveis. Ele está em todo lugar, em todos os setores, em todos os momentos. (LIMA, 2018, p. 02)

A submissão involuntária da mulher em relação ao homem, dentro de uma estrutura patriarcal, não começa no seu status de esposa, de mulher do lar, de objeto sexual ou de propriedade do marido. Os abusos em relação a condição de mulher, começam do nascimento (LOURO, 2000), e já houve um tempo em que as mulheres não tinham sequer o direito de escolher com quem se casaria.

No referido conto, fica nítida a falta de autonomia da mulher para resolver sobre seu casamento, tal como a necessidade da família tradicional de se firmar enquanto sujeitos inseridos numa lógica moral que dava aos homens um local de privilégio em relação as mulheres, conforme apresenta os trechos a seguir:

Os pais da noiva tinham resolvido que o casamento da filha se faria ali mesmo, na chácara, à boa moda antiga, com mesada de doces, churrasco, muita empada, leitoa, frango assado, boas comidas e abundantes bebidas. Armou-se o altar na sala da frente. Cobriu-se a mesa do civil com um lindo atoalhado de plástico. Vieram os convidados. Veio o vigário, veio o juiz e veio o escrivão. Testemunhas e a roda dos parentes. Fizeram o casamento. (CORALINA, 2006, p.53)

O trecho exposto apresenta ainda, relatos da tradição das grandes festas de casamento, com muita comida e fartura para atrair boa sorte e ao mesmo tempo para mostrar o poder aquisitivo. No rol dos convidados figuram as grandes personalidades da cidade, juiz (representando a justiça – o judiciário) e o vigário representando a igreja, ou seja, os dois órgãos responsáveis por legitimar esse contrato social denominado casamento.

Uma simples festa de casamento na roça, marca o quanto a mulher estava sujeita a subordinação, teve sua própria festa decidida pelos pais. Retrata a segregação social, unindo os pares, ou seja, ricos com ricos e pobres com pobres, ainda que no mesmo ambiente, ocupando diferentes espaços, “o juiz e o vigário deixaram-se ficar numa roda de amigos, conversando com advogados, escrivães, gente do foro” (CORALINA, 2006, p. 53). Enquanto os ricos mantinham a pose, os pobres aproveitavam a festança e a boca livre, veja: “Bem por isso mesmo diz o caboclo: a alegria vem das tripas — barriga cheia, coração alegre. O que é pura verdade.” (CORALINA, 2006, p. 53).

Tudo ia muito bem com a festa, a aparente família feliz e tradicional, figurava com êxito seu plano de casar dentro dos ditames sociais a sua primeira filha, porém, a descrição detalhada que a autora faz nas primeiras linhas “A moça sempre fora alta, grandalhona, fornida de carnes e de bons quartos. Naquele vestido branco, rodado, de babados subindo e descendo, de véu e grinalda, inda mais reforçada parecia” (CORALINA, 2006, p. 53), já dava pistas para o inesperado, afinal um deslize e tudo estaria perdido.

O casamento havia sido sacramentado com sucesso, só não se esperava o desmascarar de uma situação até hoje encarada como tabu, afinal como poderia uma mulher casar-se grávida, aliás, como poderia uma donzela ter feito sexo antes do casamento. A descoberta da farsa do casamento perfeito poderia representar o declínio e a vergonha de uma família. “Logo mais aparecia na sala o dono da casa, ansioso e afobado, se desculpando e pedindo ao juiz e ao vigário para fazerem o favor

de acabar com a festa porque a noiva estava com dor de parto e a assistente já tinha chegado...” (CORALINA, 2006, p. 53).

Cora também foi muito perfeccionista ao descrever a intromissão de alguns sujeitos do interior (zona rural e pequenas cidades) na vida das pessoas, logo, em tão constrangedora situação seria impossível que se passasse despercebido tal fato. Assim, “Isto é que se chama aproveitar o tempo, comentou um convidado, numa só festa, casa a filha e chega a cegonha...” (CORALINA, 2006, p. 53), deixando clara a ironia de que naquele contexto prevaleceu a vontade de macular o pecado da filha, e ainda pontuando para o quanto outra festa, chá de bebê por exemplo, iria gerar novos gastos, porém, dadas as circunstâncias, festejou-se tudo de uma vez.

Em linhas conclusas na análise do presente poema, não resta dúvidas de que Cora Coralina denunciou a hipocrisia social de manter a aparência do tradicionalmente correto. Ainda nesse sentido, aludiu para a ruptura com o convencional.

1.5.5 MULHER DA VIDA, MINHA IRMÃ

Cora Coralina fez questão de dar voz a mulher prostituta. Retrato o descaso e a marginalização da forma de sustento que permeia a sociedade em todos os períodos históricos, mulheres que eram oriundas das mais diversas nacionalidades e que sobreviviam da comercialização o próprio corpo. Cora mostrou que as mulheres da vida não estavam inseridas em um padrão ético, e que carregavam rotulações depreciativas, que só fomentavam sua condição de inferioridade nessa sociedade carregada de preconceitos e falso moralismo.

Em *Mulher da Vida* (Publicado em *Poemas dos Becos de Goiás* em 1983, e posteriormente em *Cora Coralina* de Darcy França Denófrio, 2008, p.261-265), Cora Coralina imprimiu dignidade a essa mulher marginalizada ao demonstrar o mais nobre gesto de humanidade e fraternidade ao chamá-la de irmã. Conforme ilustra o trecho a seguir:

Mulher da Vida

Mulher da Vida, minha Irmã.
De todos os tempos.
De todos os povos.
De todas as latitudes.
Ela vem do fundo imemorial das idades e
carrega a carga pesada dos mais

torpes sinônimos,
apelidos e apodos:
Mulher da zona,
Mulher da rua,
Mulher perdida,
Mulher à-toa. (cf, DENÒFRIO, 2008, p.261)

O preconceito moral apontado nos parágrafos anteriores, tomam maiores proporções, uma vez que as mulheres da vida não gozam de nenhuma proteção judicial que as regulamente enquanto prestadoras de serviços formais. Nesse contexto, o abuso e exploração sexual para com estas firmava a dificuldade de ter o mínimo de dignidade. Cora Coralina apontou, ainda em *mulheres da vida*, a miséria em que viviam as prostitutas, não só na cidade de Goiás, mas, em todo o mundo.

Ainda nesse sentido, a poeta ironiza ao relatar que a sociedade não dá direitos a essa mulher prostituta, porém, não a dispensa, pois, seus serviços são úteis para manter a lascívia do macho, do homem que tudo pode.

Flor sombria, sementeira espinhal
gerada nos viveiros da miséria, da
pobreza e do abandono,
enraizada em todos os quadrantes da Terra.
(...)
Na fragilidade de sua carne maculada
esbarra a exigência impiedosa do macho.
Sem cobertura de leis
e sem proteção legal,
ela atravessa a vida ultrajada
e imprescindível, pisoteada, explorada,
nem a sociedade a dispensa
nem lhe reconhece direitos
nem lhe dá proteção.
E quem já alcançou o ideal dessa mulher,
que um homem a tome pela mão,
a levante, e diga: minha companheira.
Mulher da Vida, minha irmã. (cf, DENÒFRIO, 2008, p.263)

Para a mulher da vida, cujo tudo lhes foi negado, resta a esperança e a crença de que sua recompensa pelos serviços prestados a essa sociedade que a usa e a condena, será uma recompensa eterna, digna de uma purificação que dentre outras coisas a limpará e livrará dessa memória de tormenta e sofrimento. Cora não foi a única escritora literária a escrever sobre a prostituição, tendo como referência a menção bíblica. José Saramago também referenciou a temática com a mesma personagem, veja,

De certeza que a mulher ajoelhada se chama Maria, pois de antemão sabíamos que todas quantas aqui vieram juntar-se usam esse nome, apenas uma delas, por ser ademais Madalena, se distingue onomasticamente das outras, ora, qualquer observador, se conhecedor bastante dos factos elementares da vida, jurará, à primeira vista, que a mencionada Madalena é esta precisamente, porquanto só uma pessoa como ela, de dissoluto passado, teria ousado apresentar-se, na hora trágica, com um decote tão aberto, e um corpete de tal maneira justo que lhe faz subir e altear a redondez dos seios, razão por que, inevitavelmente, está atraindo e retendo a mirada sôfrega dos homens que passam, com grave dano das almas, assim arrastadas à perdição pelo infame corpo. É, porém, de compungida tristeza a expressão do seu rosto, e o abandono do corpo não exprime senão a dor de uma alma, é certo que escondida por carnes tentadoras, mas que é nosso dever ter em conta, falamos da alma, claro está, esta mulher poderia até estar inteiramente nua, se em tal preparo tivessem escolhido representá-la, que ainda assim haveríamos de demonstrar-lhe respeito e homenagem (SARAMAGO, 1991, p. 15).

Seguindo o mesmo raciocínio do parágrafo anterior, é possível identificar o quanto Cora com toda sua sutileza deixou registrado o desprezo e a repulsa que sentia por um povo que vivia a hipocrisia de se julgarem superiores. Cora se remete ao branco como o de uma virgem, e a existência da prostituta enquanto uma das indispensáveis para a manutenção do modelo patriarcal de família “estrutura sólida e indestrutível da sociedade” em todas as nações e em todos os momentos.

A mulher da vida indispensável para os devaneios da virilidade masculina, sofria não só com o julgamento popular pautado na moral, ela também era lesada no tocante aos mais básicos dos seus direitos, sem proteção da lei, abordagem que será feita com maior estrutura no próximo capítulo, conforme fica explícito a seguir:

Mulher da Vida, minha irmã.
 Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.
 Desprotegidas e exploradas.
 Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.
 Necessárias fisiologicamente.
 Indestrutíveis.
 Sobreviventes.
 Possuídas e infamadas sempre por
 aqueles que um dia as lançaram na vida.
 Marcadas. Contaminadas,
 Escorchadas. Discriminadas.
 Nenhum direito lhes assiste.
 Nenhum estatuto ou norma as protege.
 Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,
 pisadas, maltratadas e renascidas. (cf, DENÓFRIO, 2008, p.264)

Se essas mulheres foram marginalizadas e invisíveis no bojo social no tocante a garantia de direitos, a poesia coralineana imprimiu a elas um lugar de fala e uma

representatividade. Essa invisibilidade pode ser compreendida nas palavras de Dworkin

Em primeiro lugar, o grupo pode ser tão marginalizado financeira, social e politicamente, que lhe faltem meios para chamar a atenção dos políticos e dos outros eleitores para seus interesses e, assim, não exercer o poder nas urnas, ou em alianças ou barganhas com outros grupos, que se esperaria que o número de componentes do grupo fosse capaz de produzir. Em segundo lugar, pode ser vítima de vieses, preconceitos, ódios ou estereótipos tão graves que a maioria queira reprimi-lo ou puni-lo por tal motivo, mesmo quando as punições não sirvam a nenhum outro interesse, mais respeitável ou legítimo, de outros grupos (2006, p. 656).

A menção que a poeta faz entre a mulher da vida do seu contexto social (século XIX) e a mulher prostituta Maria Madalena (personagem bíblica), tem como função primordial, levar o leitor a entender que o julgamento tem como preceito a moral e conduta ilibada, e que uma sociedade mesquinha, corrupta e com inúmeras fachadas, não é digna de condenar o seu semelhante, pautado apenas na conveniência e no juízo de valor, tanto que quando indagados pelo que Cora chamou de justiça, se omitiram e não tiveram coragem de apedrejar a pobre mulher, conforme trecho a seguir:

Um dia, numa cidade longínqua, essa
mulher corria perseguida pelos homens que
a tinham maculado. Aflita, ouvindo o
tropol dos perseguidores e o sibilo das pedras,
ela encontrou-se com a Justiça.
A Justiça estendeu sua destra poderosa e
lançou o repto milenar:
“Aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra”.
As pedras caíram
e os cobradores deram as costas.
O Justo falou então a palavra de equidade:
“Ninguém te condenou, mulher...
nem eu te condeno”. (cf, DENÓFRIO, 2008, p.265)

Cora fez questão de pontuar que os mesmos homens que perseguiam aquela prostituta eram os que a haviam maculado, tamanha heresia, que agora sobre os holofotes sociais se pautava na valoração de homens íntegros, porém, aos olhos de quem tudo vê e tudo sabe (justiça, no dado contexto representada pela figura bíblica de Jesus Cristo), os homens se viram obrigados a recuar. Cora ousou ainda mais,

A Justiça pesou a falta pelo peso
do sacrifício e este excedeu àquela.
Vilipendiada, esmagada.
Possuída e enxovalhada,
ela é a muralha que há milênios detém
as urgências brutais do homem para que
na sociedade possam coexistir a inocência,
a castidade e a virtude. (cf, DENÓFRIO, 2008, p.164)

Na citação em análise a poeta sintetizou e reafirmou o que vem denunciando em toda sua obra. As mazelas sociais e os rótulos são impostos com base em uma falsa moral, travestida de bons costumes, afinal deixou claro que além de ser os perseguidores os mesmo que macularam a prostituta, essa acaba sendo indispensável durante milênios para satisfazer a libido do homem que tudo pode, o refúgio para o tédio da vida em família e a sacanagem que gera o verdadeiro prazer da carne. Conforme aponta Louro,

O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. (LOURO, 2000, p. 09)

Ainda nesse sentido, todo o exposto tem uma dimensão de provocação crítica reflexiva. Cora Coralina finaliza o seu poema com a transcrição de um trecho bíblico que coloca a prostituta como precedente do reino de Deus, em uma colocação de prioridade em relação aos hipócritas que a condenam. Conforme apontado a seguir:

E o juiz da Grande Justiça
a vestirá de branco em
novo batismo de purificação.
Limpará as máculas de sua vida
humilhada e sacrificada
para que a Família Humana
possa subsistir sempre,
estrutura sólida e indestrutível
da sociedade,
de todos os povos,
de todos os tempos.
Mulher da Vida, minha irmã.

Declarou-lhe Jesus: “Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no Reino de Deus”.
Evangelho de São Mateus 21, ver.31. (grifos meus)

(cf, DENÔFRIO, 2008, p.165)

A presente análise ilustra que tanto a obra coralínea quanto o “Projeto Mulheres Coralinas”, tem como limiar a valorização da mulher e o respeito pela diversidade. Mostrando que acima de toda e qualquer situação que possa existir, não deve haver uma diferenciação pelo sexo biologicamente definido. Os valores impostos devem ser oriundos da capacidade de cada um de se entender e entender o outro enquanto ser humano.

1.5.6 UMA ANÁLISE DO POEMA NÃO CONTE PRA NINGUÉM

Conforme exposto na biografia de Cora Coralina, a poeta se dedicou de fato a esse ofício na sua velhice, entre doces, e poesias, e contos, e pensamentos, ela resgatou a memória da sua infância, observou seu presente, deu lição ao futuro, e o mais importante, viveu e conheceu cada canto da sua cidade, a amada Cidade de Goiás.

O poema *Não conte a ninguém* publicado no *Meu Livro de Cordel* de 1976, ilustra o quanto a lucidez de Cora Coralina a permitia simbolizar uma relação de proximidade e cumplicidade com cada canto da cidade, sem perder o encanto e a magia que a liberdade poética a permitia para dialogar com a lua e as estrelas.

Como regionalista que é, e também, ícone no que se refere a valorização das populações que vivem à margem dos grandes centros urbanos, o poema em análise identifica setores periféricos, falando dos amores proibidos e, mais uma vez, das rotulações postas pelo preconceito social.

Uma mulher, uma amante da sua cidade, como se pode notar no poema a seguir:

Não conte pra ninguém

Eu sou a velha
mais bonita de Goiás.
Namoro a lua.
Namoro as estrelas.
Me dou bem
com o Rio Vermelho.
Tenho segredos
como os morros
que não é de advinhá.

Sou do beco do Mingu
sou do larguinho
do Rintintim.

Tenho um amor
que me espera
na rua da Machorra,
outro no Campo da Força.
Gosto dessa rua
desde o tempo do bioco
e do batuque.

Já andei no Chupa Osso.
Saí lá no Zé Mole.
Procuro enterro de ouro.
Vou subir o Canta Galo
com dez roteiros na mão.

Se você quiser, moço,
vem comigo:
Vamos caçar esse ouro,
vamos fazer água... loucos
no Poço da Carioca,
sair debaixo das pontes,
dar o que falar
às bocas de Goiás.

Já bebi água de rio
na concha de minha mão.
Fui velha quando era moça.
Tenho a idade de meus versos.
Acho que assim fica bem.
Sou velha namorada,
lancei a rede na lua,
ando catando estrelas. (CORALINA, 1976, p. 22)

Nas linhas iniciais fica marcado o devaneio daquela senhora que antes de mais nada amou a si mesma. Uma Cora Coralina de vida simples e grandes segredos, amante da cidade e com vários amores pela cidade, vivenciou até mesmo seu namoro com a lua e as estrelas. Os vários amores, aqui mencionado, faz alusão ao empoderamento da mulher, ao seu direito de ter vários namorados, sem ser rotulada como algo ruim.

Descreveu becos, o larguinho, a Machorra e tantos outros cenários que compõe a Cidade de Goiás, sem nunca perder o foco e sua condição de uma mulher autônoma e livre, sobre tudo, livre dos preconceitos e das imposições de uma elite conservadora. Cora uniu nesse poema a zona nobre e a zona pobre de uma Cidade desigual e ao mesmo tempo tão aconchegante para os que assim como ela ousassem viver e desfrutar.

Descrever de forma estreita os becos, porém, com uma riqueza espacial imagética, fomenta a grande homenagem da autora a esse espaço marginalizado na cidade. O espaço é duradouro e conserva muito do meio material que cerca. Neste trecho há uma maior intimidade entre o eu lírico e os espaços descritos por partes da cidade. Nesse sentido Ecléa Bosi (1995, p.447) salienta que “quando há estabilidade espacial, as histórias da vida de um grupo são inseparáveis da morfologia do lugar. São condições sem que a comunicação com o passado conta com apoios vigorosos da prática coletiva, de objetos biográficos e de construções do mundo material”.

Retratou as mazelas deixadas pelo garimpo. Fez versos destinados a nova forma para encarar momentos únicos em uma divertida busca pelo ouro perdido. Retratou o campo da força como local de lembranças escravagistas, porém, como nova forma de vivenciar o batuque de uma identidade cultural, agora marcada pela alegria e a homenagem a tradição de um povo sofrido, explorado e sem direito.

Essa parte da obra coralineana, que a poeta intitulou como *não conte a ninguém*, ou seja, memórias de uma vida única para ser vivida e aproveitada sem as imposições e as marcas excludentes das amarras sociais, um segredo do seu lírico com sua cidade.

Quanto atrevimento, só poderia ser fruto de uma consciência de mulher empoderada, dona do seu próprio destino, afinal, onde já se viu falar que uma mulher se dirigisse a um moço e lhe proferisse que “se você quiser moço: vem comigo” (CORALINA, 1976, p. 22), e ainda no mesmo trecho, pontuar que viveriam ações que dariam o que falar as bocas de Goiás (CORALINA, 1976, p. 22).

Em linhas findas é possível notar que Cora Coralina apontou a falta de equilíbrio social e econômico entre os diversos setores, a quebra de tabus sobre local e ação cabíveis a sua condição de mulher, e principalmente o quanto transformou tantos pontos distintos em uma única Cidade de Goiás de um único povo.

A abordagem entre a literatura e a sociedade é bastante explícita, encontra respaldo inicial nas considerações teóricas de Antônio Cândido (2000), como referência secundária, que vê a obra literária como resultado da incorporação de dados sociais, filtrados por uma construção estética. A obra é vista como objeto estético, mas possui conexões com a realidade, o que significa dizer que os elementos externos se transformam em elementos internos e são tidos como um todo organicamente integrado.

2 O TRABALHO DAS MULHERES CORALINAS

No capítulo anterior, a presente dissertação foi destinada a relacionar a literatura coralínea com o “Projeto Mulheres Coralinas”. Feita a apresentação geral da organização estrutural e didática, foi possível observar o quanto a obra literária foi fundamental para o empoderamento das mulheres envolvidas no projeto.

Na análise de alguns trabalhos da autora, fica nítida a articulação entre o projeto, a literatura, a Cidade de Goiás e o espaço destinado a execução das atividades cotidianas dessas mulheres.

O segundo capítulo apresenta como abordagem central o trabalho desenvolvido por essas mulheres. Para compreensão do trabalho desenvolvido é fundamental descrever como foram realizadas as oficinas de formação, informação e capacitação dessas mulheres.

O fio condutor para a construção desse segundo capítulo é o livro “Mulheres Coralinas”, que apresenta a descrição organizacional e estrutural das oficinas, relatos e depoimentos das mentoras e das mulheres participantes e análise do perfil das cursistas.

O sistema econômico vigente em nosso país exige que o indivíduo se insira na lógica do capitalismo para sobreviver. O trabalho é a ação social pela qual o sujeito consegue obter subsídios para se manter. As oficinas de formação fomentam a discussão apresentada em toda essa pesquisa, pois, o trabalho é o condão para a compreensão de como as cursistas se empoderaram no tocante aos seus direitos, buscando sua autonomia e emancipação.

Para pensar na mulher coralina, como uma mulher empoderada, requer retomar ao que é esse empoderamento. Assim, segundo Joice Berth (2018), o empoderamento é um instrumento de luta social, destinado a preparar as minorias para o enfrentamento das condições de subalternidade, para que possam pertencer a uma frente autônoma e emancipada.

Ainda no sentido de compreensão acerca da relação binária, homem e mulher, que ao longo do processo de construção histórica coloca a mulher na condição de minoria, de subalterna e outros.

Segundo Silva (2011), a sexualidade foi historicamente construída e se constitui o pilar sobre o qual a sociedade se fundamenta estando sujeita a normas que podem variar de uma sociedade para outra. Dessa forma, a sexualidade se inscreve no que

é proibido e no que é permitido, participando da construção da ordem social. No entanto, apesar dos avanços e movimentos em relação à igualdade de direitos entre homens e mulheres, em muitas sociedades a mulher ainda está sujeita a uma submissão absurda; humilhação; violência e outras arbitrariedades impostas por regimes machistas e autoritários sustentados pela tradição e religião de cada cultura.

Foucault (1999), já apontava que os discursos sobre a sexualidade na contemporaneidade têm provocado interditos e proibições, criando um despropósito sexual. Afirma ainda que os pesquisadores e autores mascaram o assunto sexo, produzindo obras com conteúdo abstrato, neutro, ou defasados diante da realidade encontrada. Falar sobre sexo provoca medo nas pessoas, pois as oscilações sexuais podem provocar várias consequências, inclusive o que ele chama de final dos prazeres ou a morte. Falar sobre sua sexualidade é parte essencial do saber humano, uma vez que ela está diretamente ligada às bases da construção dos relacionamentos.

Contrária a ideia exposta no parágrafo anterior, Cora Coralina destinou sua obra a denunciar as mazelas sociais, retratando os espaços marginalizados da Cidade de Goiás (BRITTO, 2009). Ainda nesse sentido, é possível evidenciar que a poeta pode ser analisada a partir da perspectiva de Antônio Cândido (1995, p. 176), ao pontuar que a literatura apresenta uma “construção de objetos autônomos como estrutura e significados, ou seja, uma forma de expressão que retrata a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos como forma de conhecimento.”

A mulher coralina simboliza a mulher que se espelhou na biografia da poeta e em algumas de suas personagens. Segundo Maria Meire de Carvalho,

Acuada e submetida à imagem e representação da “verdadeira mulher”, Cora encontrou na literatura a forma de expressar suas leituras de mundo e denunciar os construtos sociais que permeavam a sociedade de seu tempo. Assim, ancorada nas criações de Cora Coralina, procuro apresentá-la como autora e mulher produzida no gênero e produtora de literatura, pois sua poesia expressa o cotidiano das mulheres no âmbito familiar e nos demais espaços de sua sociedade. (CARVALHO, 2003, p.01)

Pela literatura Cora Coralina, “explicita ou implicitamente, elegeu a si mesma para denunciar diversos atos de um tempo em que as mulheres se encontravam amordaçadas” (CARVALHO, 2003, p.01). Sua mensagem não só foi propagada, como se materializou enquanto instrumento de transformação social com a criação e

execução do “Projeto Mulheres Coralinas”, sobretudo, no que se refere ao trabalho desenvolvido por essas mulheres.

2.1 As oficinas realizadas na execução do “Projeto Mulheres Coralinas”

As oficinas realizadas no “Projeto Mulheres Coralinas”, nas palavras da Secretária Especial de Políticas para as Mulheres (Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos – Governo Federal), Eleonora Municucci, são fomentos para a garantia da autonomia econômica e social para que as mulheres tenham condições estruturantes de transformação das condições de vida e das desigualdades vividas por elas (cf. In: SIQUEIRA; CAMARGO, 2016).

A formação ofertada nessas oficinas é essencial para que as mulheres “possam promover seu próprio sustento e decidir por sua própria vida” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 15). Como a inspiração é a obra coralineana, o momento é oportuno para uma analogia da biografia dessa autora, já apontada de forma sintetizada no capítulo anterior, com as ideias de Virginia Woolf no livro “Um teto todo seu” (1928).

Woolf (1928), faz uma análise aprofundada na mulher na sociedade e sua relação com a literatura. Como já foi exposto anteriormente, o século XIX é marcado no campo literário pela supremacia do homem. Em “um teto todo seu”, a autora ressaltou os impedimentos que a mulher tinha para escrever da forma que desejasse. A abordagem principal da obra em comento é a justamente a necessidade da escritora de ter um teto todo seu, ou seja, um local próprio, adequado e silencioso para que possa escrever.

Outro fator importante abordado por Woolf (1928), é a necessidade da independência financeira, não sendo submissa aos pais e aos maridos. Até aqui, não resta dúvidas de que Cora é uma dessas mulheres que encontrou um teto, um local para sua produção literária, somado ao fato de que a poeta, com o labor da venda dos seus doces, conquistou a sua independência financeira. “... tudo pode acontecer quando a feminilidade tiver deixado de ser uma ocupação protegida” (WOOLF, 1928, p. 51).

As oficinas foram resultantes da “combinação de atividades de estímulo intelectual, de produção manual, a recuperação da cultura local com o objetivo de promover acesso à renda e às oportunidades de trabalho.” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 15).

Cora Coralina unia a venda dos seus doces aos seus versos. O projeto em comento teve como grande desafio dar concretude na etapa de comercialização dos produtos das oficinas, “dando protagonismo as mulheres e abrindo espaço para fortalecê-las no poder para regular e determinar suas próprias vidas” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 15). Afinal, como Cora Coralina (1976, p. 12-13), bem descreveu,

Sobrevivi, me recompondo aos
 bocados, à dura compressão dos
 rígidos preconceitos do passado.
 Preconceitos de classe,
 Preconceitos de cor e de família.
 Preconceitos econômicos,
 Férreos preconceitos sociais. (apud. CARVALHO, 2003, p. 01)

Nas palavras da Prefeita Municipal da Cidade de Goiás, Professora Selma de Oliveira Bastos Pires, “as oficinas interdisciplinares disponibilizadas ao público-alvo-garis, artesãs e professoras – abrem caminhos para que essas mulheres se formem e se reconheçam como partícipes da dinâmica cultural e econômica da cidade.” (In. SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 17).

Pensar em como a literatura coralineana, enquanto “a literatura que aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CÂNDIDO, 1995, p.174), associada ao empoderamento da mulher, no que se refere a conscientização do seu papel na sociedade, pela ótica da sua construção enquanto sujeita autônoma (BERTH, 2018), pela execução do “Projeto Mulheres Coralinas”, temos que

Cora, mulher que na vanguarda da história feminina vigente buscou luz para o seu saber na leitura de grandes nomes da literatura universal e com seu discurso atípico na poesia sem medida, na autonomia financeira que o labor com os doces lhe proporcionava, lutou e denunciou a ordem corrente buscando afirmação social, também essas Mulheres Coralinas, ao se apropriarem de um acervo de conhecimento e memória, abrem perspectivas de reencontro da própria identidade com o saber e o fazer criativo. (SIQUEIRA, CAMARGO, 2016, p.17)

Nas oficinas de formação, além dos cursos específicos, eram comuns que, segundo Elenizia da Mata de Jesus – coordenadora do “Projeto Mulheres Coralinas” e Coordenadora do Centro Especializado de Atendimento à Mulher Brasilede Ramos Caiado – Prefeitura Municipal de Goiás, pelo viés poético de Cora, foi possível debater e refletir temas referentes as discussões de gênero (machismo, Direitos Humanos da

Mulher), cooperativismo, feminismo, empreendedorismo, autonomia emocional e econômica, negócio social, cultura e turismo (In. SIQUEIRA; CAMARGO; 2016).

2.1.1 GASTRONOMIA: Confeção de doces e quitandas

A própria história da Cidade de Goiás exigiu que se criasse uma culinária goiana, permeada pela descoberta do aroma, textura e sabores de todos os alimentos ofertados pelo Cerrado. Nesse contexto culinário segundo Siqueira e Camargo (2016, p. 37), “a mulher teve e ainda tem papel fundamental. Tais conhecimentos clareiam também o entendimento acerca do papel feminino na história de Goiás”.

Ainda pelo exposto por Siqueira e Camargo (2016), as cozinheiras entendiam o mundo a partir de suas receitas e descobertas, e ainda construíam um legado para as gerações posteriores, fato comprovado pelas práticas tradicionais do cozinhar que se mantém vivas na Cidade de Goiás.

Pelo exposto, não resta dúvidas de que a memória é elemento indispensável na transição do saber e dos costumes, assim, “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 1950, p. 75).

A Cidade de Goiás é reconhecida no Estado e no Brasil pela sua gastronomia. Pensar a gastronomia da Cidade de Goiás, remete ao legado de Cora Coralina, que pelas suas memórias escreveu sua obra como relato de resistência e superação da mulher.

No livro “Mulheres Coralinas”, as autoras resgatam trechos do livro “Vintém de cobre, meias confissões de Aninha” para ilustrar como a mulher no interior do Brasil, frente a economia de subsistência, conseguiu se firmar e garantir o sustento de sua família pelo trabalho na cozinha. Veja os trechos mencionados,

A pobreza em toda volta, a luta obscura / de todas as mulheres goianas. No pilão, no tacho / fundiam velas de sebo, no ferro de brasas de engomar. / aceso sempre o forno de barro. / As quitandas de salvação, carreando pelos tabuleiros / os abençoados vinténs, tão valedores, indispensáveis. (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 37)

Pelo exposto é possível perceber que a culinária, conduzida pela mulher, marca a identidade e a sensação de pertencimento a cultura local. Ainda nesse sentido, foi

possível relacionar a literatura coralínea com o “Projeto Mulheres Coralinas” no que se refere a transposição do tempo, chamando a leitora (participante deste módulo), para desenvolver novos ofícios a partir do resgate da culinária tradicional da cidade de Goiás, conforme pode se observar:

Porque a literatura, como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social; ao mesmo tempo, instaura e amplia o espaço interdiscursivo, na medida em que inclui outros interlocutores – de outros lugares, de outros tempos, criando novas condições e novas possibilidades de troca de saberes, convocando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece. (SMOLKA 1988, p. 80).

Segundo Siqueira e Camargo (2016), a metodologia adotada sempre tinha como início das aulas a leitura de poesias de Cora Coralina e as instruções gerais. Posteriormente, eram produzidas quitandas doces e salgadas que tinham como referências as receitas resgatadas da tradição vilaboense. Um fato importante e sempre ressaltado é a liberdade para a troca de experiências entre as cursistas. Foram desenvolvidas novas receitas e realizados encontros extras.

Ainda no campo da metodologia é fundamental explicitar que a última atividade era a partilha, de forma que “todas as pessoas participantes experimentavam os doces e quitandas preparados e, ao comer juntas, viviam o significado de comunhão, fato que contribuiu para reforçar os laços que já estavam sendo criados pelo grupo” (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 39).

A interação social, com base no resgate do passado e na inspiração da poesia de Cora Coralina, pode ser entendida, até pela própria memória que “nós falamos nossas lembranças antes de evocá-las; é a linguagem, e é todo o sistema das convenções sociais com ela solidário, que nos permite, a cada instante, reconstruir o nosso passado” (HALBWACHS, 1950, p. 134), e transformar o nosso presente.

O chefe de cozinha Humberto Marra, responsável pelas atividades do presente módulo, em depoimento publicado no livro “Mulheres Coralinas” disse que: “eu me emocionei com doceiras de 101 anos e aprendizes de primeira viagem” (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 45).

Sobre a emancipação financeira e a identidade de uma mulher empoderada a partir do “Projeto Mulheres Coralinas”, segue o depoimento de Maria de Lourdes Pereira Chargas:

Eu sou divorciada, fazia acompanhamento psicológico porque eu não sabia que existia uma Lourdes mulher. [...]. O projeto me deu a possibilidade de eu ser reconhecida como profissional da gastronomia, de ter um contato direto com meu cliente e dispensar os intermediários que ficavam com a maior parte da venda dos meus produtos. Mas, o mais importante, é que o projeto me mostrou a Lourdes mulher que tem direitos. (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 48).

Essa mulher autônoma, emancipada e empoderada representa o que Berth (2018), elucidou como quebra do parâmetro de divisão social, ao apontar que a configuração da cidade hoje, é marcada pelas periferias que representam as senzalas e os centros urbanos que representam a casa grande, firmando que, o conceito de universal prevalece como o conceito do branco e do masculino.

A mulher, além, de se tornar produtora, adquire o status de comerciante, administradora e dona do próprio negócio. Por consequência, responsável por seu sustento, ou seja, independente financeiramente e livre de um trabalho voltado para o enriquecimento dos outros, a quem a cursista chamou de intermediários.

Ainda em depoimentos de outras cursistas desse módulo, foi dito que “aqui estou vivendo situações que nunca me imaginei fazendo, como, por exemplo ia a frente de um grupo ler um poema de Cora Coralina” (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 48), e, “eu vejo que participar do Projeto ‘Mulheres Coralinas’ é uma forma de interagir com as outras pessoas e de adquirir conhecimentos, que poderá ser revertido em renda” (SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 48).

Nas palavras da Chefe de Cozinha Letícia Massula (In. SIQUEIRA E CAMARGO, 2016, p. 53), trata-se de “um projeto de fortalecimento cultural de geração de renda, com recorte de gênero e direitos humanos”.

Esses avanços e transformações no tocante a efetivação da igualdade entre os seres humanos, independente de sexo, orientação ou qualquer outro fator, marcam a gênese da conquista de um lugar de fala, que segundo Djamilia Ribeiro (2017), da voz as mulheres silenciadas pela sociedade patriarcal, machista e excludente.

2.1.2 ARTESANATO: Confecção de bordado

O módulo 1, anteriormente abordado, teve a memória como principal fonte para a execução. O presente módulo adota a cultura tradicional e a identidade como determinantes na prática do bordado. Sobre a identidade, Siquera e Camargo (2016, p.63), apontaram que “a imagem da bordadeira evoca um painel de intimidade,

graciosidade doméstica e aliança familiar, representativo da mulher em seu papel consagrado de esposa devota e mãe diligente.”

A formação cultural não depende da herança genética. Com o advento da pós-modernidade, cultura não pode ser limitada as definições de Bosi (1995), que apontava a raiz etimológica da palavra cultura ao habitar e ocupar a terra, em face de uma construção da sociedade pela memória cultural. Em uma análise mais completa, Canclini (2000) defende uma vertente muito para a ideia de que, a cultura é resultante da sociedade em que o sujeito está inserido desde suas primeiras concepções, seja pela herança do conhecimento e/ou das experiências.

No mesmo eixo teórico-metodológico, Laraia (2001), sintetizou em sua obra algumas definições do antropólogo americano Alfred Kroeber, acerca do conceito de cultura. Assim, entende-se a cultura como determinante do comportamento e das realizações humanas. A cultura nada mais é que a acumulação que emerge como resultado da experiência histórica, podendo ser limitadora ou estimulante da criatividade do indivíduo.

Historicamente, “o valor dos trabalhos executados por mulheres era depreciado já em seu nascedouro, reforçando mais ainda esse aspecto com a sua subvalorização econômica (SIQUEIRA, CAMARGO, 2016, p. 63). Ainda nesse sentido

O trabalho da mulher continua depreciado em relação ao homem, como acontece em algumas regiões brasileiras onde o bordado delas surgiu como simples reforço ao orçamento. Porém, ao conquistar o mercado e valor econômico, tornou-se atrativo para os homens, que agora se dedicam também a esse ofício. (SIQUEIRA, CAMARGO, 2016, p. 63)

Na Cidade de Goiás, há bordadeiras que com o bordado, feito nos intervalos das atividades domésticas, mantém viva a tradição, e ainda complementam a renda familiar. O “Projeto Mulheres Coralinas”, teve a gênese do módulo em destaque, marcada pela pretensão de incentivar as bordadeiras tradicionais (e as novas que viessem a formar), a encontrar no bordado, uma renda efetiva (SIQUEIRA, CAMARGO, 2016, p. 63).

A mulher precisa, em qualquer que seja o contexto histórico, permanecer ativa na luta pela efetivação do seu direito de igualdade. Romper fronteiras, em especial as pautadas no tradicionalismo, é uma constante e interminável luta. Cora Coralina,

segundo Carvalho (2003), mesmo enquanto submissa a representar a “mulher de verdade”, fez da literatura a arma para denunciar os abusos construídos pela sociedade de seu tempo. Ainda nesse sentido, conforme expõe o trecho a seguir,

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’, para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo ‘pós’: pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo... (BHABHA, 2013, p. 19).

Ainda nesse sentido, Bhabha (2013), defende que só a partir do momento que os conceitos de classe social e gênero, tomaram maiores proporções é que houve uma gênese da formação da consciência do sujeito. Para Siqueira e Camargo (2016, p. 64) “a ação objetivou agregar forças ao processo de mudança na forma de pensar a posição da mulher e das culturas tradicionais no campo das artes e da sociedade como um todo.”

Além do campo econômico, o módulo de confecção de bordado promoveu a solidariedade e a colaboração no serviço coletivo, de forma que, a agulha passou a ser vista como um instrumento de trabalho e de luta para a igualdade de gênero. Segundo Maria Sebastiana da Silva Santana:

O ‘Projeto Mulheres Coralinas’ foi um diferencial mesmo. E dele eu tirei muitas coisas boas, lição de vida, aprendi a bordar meus paninhos como amor e carinho. Foi uma coisa ótima, meu trabalho está sendo cada vez mais valorizado (In. SIQUEIRA, CAMARGO, 2016, p. 72).

O novo modo de ver o mundo, rompeu a permanência da condição estática da “mulher coralina” frente a autonomia econômica, dando força a hibridação cultural da sociedade, agora com mulheres que construíram uma identidade que a valoriza. Conforme Canclini (2000), hibridação cultural,

Pode ser definido como um rompimento entre as barreiras que separam o que é tradicional e o que é moderno, entre o culto, o popular e o massivo. Em outras palavras, a hibridação cultural consiste na miscigenação entre diferentes culturas, ou seja, uma heterogeneidade de culturas presente no cotidiano do mundo moderno”. (p. 120)

Segundo Milena Curado de Barros, professora de bordado, “nos deparamos com mulheres de todas as idades, e diferentes tipos, mostrando que ali trabalharíamos a inclusão (In. SIQUEIRA, CAMARGO, 2016, p. 71). Complementa Ciça Fittipaldi –

Professora da Universidade Federal de Goiás, “fazendo do bordado um motivo de mergulho literário, nos deixamos levar pelo encantamento das muitas histórias dentro do poema” (In.SIQUEIRA, CAMARGO, 2016, p. 75)

A metodologia do módulo em comento, foi a realização de oficinas, leituras e encontros diversos. A poesia de Cora Coralina tornou-se a maior fonte de inspiração para os bordados, com a autorização da senhora Vicência Brêtas Tahan, titular dos direitos autorais da poeta.

2.1.3 ARTESANATO: Confeção de bonecas

O módulo III refere-se ao artesanato voltado para a confecção de bonecas de pano. As marcas e registros históricos demonstram que sua produção era caseira e simples, sendo tais bonecas, brinquedo para crianças pobres. Segundo Cora Coralina:

Não havendo recurso nas famílias para alegras as meninas com bonecas de loja, começou na cidade uma indústria, muito insistente em bonecas de pano. Foi a salvação geral e a criança pôde ter sua boneca. Eram vários tamanhos e preço acessível à pobreza do tempo. Feitas de pano velho, o corpo, a cabeça, e braços em separados, recheio de paina, vestidos de retalhos variados, boca de linha vermelha, olhos e sobancelhas de retrós, não faltando as pestanas e as botinas (faz de conta) de pano preto. (cf. In. SIQUEIRA, CAMARGO, 2016, p. 85)

A metodologia foi a mesma dos módulos anteriores, ou seja, leituras e dinâmicas iniciais e oficinas de produção. A história da confecção das bonecas de pano, já descrita por Cora Coralina no parágrafo anterior, era complementada pelos relatos de algumas cursistas. O “Projeto Mulheres Coralinas”, no presente módulo, buscou resgatar a memória que ainda resiste em muitas mulheres. Segundo Siqueira e Camargo,

O testemunho da poetisa trouxe para a cena do Módulo III Artesanato: confecção de bonecas muitas lembranças de mulheres participantes. memórias de dificuldades financeiras, de penúria do que era considerado supérfluo para quem tinha de economizar para garantir a sobrevivência, mas de um tempo também de muita criatividade e imaginação (cf. 2016, p. 85)

As transformações no cenário econômico, em especial nos aspectos de comercialização mercadológica, provocam uma readequação no que se refere a

boneca de pano no contexto de uma modernidade fluida. Nesse sentido, segundo Bauman (2015), a modernidade é líquida, pois, trata-se de um contexto de liquidez, de fluidez, de incertezas e inseguranças, o presente tem como máxima o consumo e a facilidade de adaptação a espaços distintos, gozo e da artificialidade que permite múltiplas identidades. O efeito gerador de tais mudanças é a globalização, pois a aproximação. Assim,

No cenário atual, a cultura vivencia um momento de ímpar transformação, de plurais significações, na busca de seus sentidos perante o fenômeno da comercialização globalizada. Para alguns pesquisadores, a inserção mercadológica da boneca de pano não a deprecia como objeto artesanal e arte popular, mas, agrega-lhe novos significados (SIQUEIRA, CAMARGO, 2016, p. 85)

A globalização, entre outras transformações rompeu a permanência do tradicionalismo cultural, dando força a hibridação cultural da sociedade, que conforme Canclini,

Pode ser definido como um rompimento entre as barreiras que separam o que é tradicional e o que é moderno, entre o culto, o popular e o massivo. Em outras palavras, a hibridação cultural consiste na miscigenação entre diferentes culturas, ou seja, uma heterogeneidade de culturas presente no cotidiano do mundo moderno. (cf. 2000, p. 120)

É no contexto dessa miscigenação de diferentes culturas, o tradicional e o moderno, que a simples boneca de pano ganhou uma identidade cultural e tornou-se símbolo da Cidade de Goiás. Tamanho sucesso na confecção das bonecas, que foi feita uma parceria com o projeto de “Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA) na comunidade, que propiciou a oficina de bonecos articulados, feitos para filmes ou vídeos de animação” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 87).

As inspirações para a confecção das bonecas, são outros exemplos da relação do “Projeto Mulheres Coralinas” com a vida e obra da poeta. Uma das principais confecções é a da boneca “Maria Grampinho”, cantada em um poema, uma mulher negra, de idade, que habitava o porão da Casa Velha da ponte. Outro famoso personagem confeccionado é “Seu Vicente”, o jardineiro da poeta. E, a própria Cora Coralina. Segundo Elenizia da Mata de Jesus (coordenadora do “Projeto Mulheres Coralinas”),

Para que elas tivessem identidade vilaboense, foram realizados vários estudos sobre a obra de Cora Coralina e sobre personalidades, que

foram transformadas em bonecas. Assim, além da aprendizagem de um ofício, as mulheres puderam aprofundar seu conhecimento sobre a Cidade de Goiás, sua história, seus costumes e sua cultura (cf. In. SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 93).

Ainda sobre os personagens principais na confecção das bonecas, a cursista Wanda Elizabeth Moiana, ressalta que,

Eu nunca tinha confeccionado uma boneca, me vi criando bonecas com identidade: Cora, Maria Grampinho e seu Vicente, personagens que me ajudaram a compreender melhor a cultura da Cidade de Goiás e a importância de ter um artesanato que conte a história do lugar. Construir essas bonecas me ajudou a me reconstruir como mulher. (cf. In. SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 94).

A confecção das bonecas emergiu para essas mulheres, não apenas como um ofício ou fonte de renda, mas, como uma possibilidade de resgatar a memória de uma infância triste, porém, agora com a alegria de homenagear a mulher que inspirou tantas outras.

2.1.4 ARTESANATO: de fibras naturais

O “Projeto Mulheres Coralinas”, desde sua gênese buscou a formação, capacitação e emancipação da mulher cursista. O módulo IV – Artesanato de fibras naturais, representa a prova da conscientização de que a produção deve ser ecologicamente correta, tal como o resgate e preservação de culturas anteriores. Assim, “recuperar esse tipo de saber, portanto, é um trabalho que envolve uma preocupação como desenvolvimento sustentável e com a preservação da cultura dos antepassados” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 121).

O trabalho feito com as fibras naturais das bananeiras, palha do milho e outros elementos do cerrado como semente e folhas, traduz em suas esculturas a religiosidade, às crenças e as tradições folclóricas do nosso povo, conforme abordado por Siqueira e Camargo (2016).

Na didática de um sistema capitalista utilitário e imediatista, apresenta aqui uma dialética produtivista, em que a artesã, antes de mais nada presa pela sua relação direta com a natureza, evidenciando suas paixões e outros sentimentos diversos. Conforme Eguimar Chaveiro,

Ora, uma dessas críticas, notadamente a mais pungente e estrutural, certifica que uma tradição que vergou a construção da ciência e reduziu o seu sentido ao campo do economicismo e ao produtivismo, é estranho aceitar outros sentidos que, por exemplo, coloquem que as tramas do sujeito humano e sua relação com o mundo são atravessadas por paixões, intencionalidades, medos, desejos, afetos, estratégias inconscientes, imaginação, ideologias etc. (CHAVEIRO, 2013, p. 01)

As peças criadas nesse módulo, foram “feitas com muita delicadeza e poesia. As peças traduzem equilíbrio, porque a artesã sabe ouvir o que sua matéria prima tem a dizer” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 121). Se por um lado o trabalho das artesãs é feito de forma consciente, por outro o Brasil caminha para o caos. Nesse sentido,

Há que se produzir uma consciência: o Brasil atual é um país que tenta reescrever o seu lugar na geopolítica e na economia mundial. Com status externo e com um dinamismo interno, novos objetos como duplicação e construção de rodovias; construção e reparos de ferrovias; reforma de aeroportos; organização de eventos mundiais; reforma e reconstrução de estádios de futebol; construção de plataformas tecnológicas; descoberta de petróleo; criação de hidrovias; expansão da Universidade Pública; edificação de Usinas hidrelétricas – fermentam o mercado interno, pressionam o território, reorganizam as classes, redefinem padrões territoriais da mobilidade de trabalhadores, capitais, estimulam outras lutas e bandeiras do Movimento social, criam tragédias, novos modos de morrer, assim como problemas ambientais, psicológicos. E um rol de grandes possibilidades para a ação direta do geógrafo e do saber geográfico. (CHAVEIRO, 2013, p. 07)

Enquanto o mundo se autodestrói pela ação desenfreada do homem, as mulheres coralinas acreditam e trabalham com a perspectiva de que “a noção de desenvolvimento econômico precisa estar aliado à noção de respeito a vida do bioma Cerrado” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 121).

A metodologia adotada foi composta por aulas teóricas e práticas, tendo como diferencial as visitas ao cerrado e as palestras sobre a importância de preservar e cuidar dos bens naturais.

A relação geral de produção e consumo, de ordem mercantil, pode ser descrita na análise a seguir,

A vida humana lograda na pressa, na disputa renhida de espaços, em meio a ruídos, digladiando-se com símbolos alhures, sofrendo o impulso de imagens artificiais, encontra-se na metrópole contemporânea um lugar de apropriar-se das novidades do mundo. Todavia, como entidade total da mercadoria, o espaço metropolitano enlouquece, assassina, esgrima não apenas a subjetividade do sujeito, suas raízes, tradições, mas a natureza. Daí, a novidade mercantil pode

seqüestrar a sensibilidade para ver a lua nova. (CHAVEIRO, 2013, p. 10)

A crítica feita pelo professor e geógrafo Eguimar Chaveiro, remete ao contexto de uma produção em grande escala, cujo o lucro é o maior valor. Contrapondo o exposto e ilustrando o que defende o geógrafo, no que se refere a qualidade de vida e a produção sustentável, as cursistas Irani Maria da Silva Pereira e Juracy Maria da Silva, deram o seguinte depoimento:

Para nós, participar do 'Projeto Mulheres Coralinas' foi sair do anonimato, deixar nosso mundinho, no município de Itapirapuã, estar junto com outras pessoas e em uma cidade onde a arte acontece. Nós já tínhamos um conhecimento que ia desde juntar a matéria prima até fazer o tingimento das folhas. Mas, nosso conhecimento era limitado. Com o projeto, vimos que, com criatividade, é possível fazer inúmeras coisas com tudo o que temos ao nosso alcance. Além disso, conhecemos muitas pessoas, histórias e comprovamos que, para que a arte circule, é importantíssima a coletividade. Hoje fazemos parte de uma associação e estamos muito felizes. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 127).

O módulo de artesanato em fibras naturais, produziu laços materiais e imateriais entre a cooperação coletiva das cursistas, a produção de produtos para comercializar e a integração com a cultura local, sobretudo em relação a preservação do meio ambiente.

2.1.5 ARTESANATO EM CERÂMICA

O módulo V foi voltado para o artesanato em cerâmica. A metodologia adotada foi abordar o resgate e\ou a manutenção da arte de se moldar o barro. Como eixo teórico, focou nos bens culturais e imateriais relacionados a Cidade de Goiás. A parte prática foi trabalhada com as referências apresentadas pelos monitores e as trocas de experiências entre as cursistas.

Falar em moldar o barro, remete a ideia da teoria criacionista, fruto do livro de gênese da Bíblia Sagrada, haja vista, que o homem foi moldado do barro. Posteriormente a história revela que o aprimorar das técnicas de endurecimento do barro, com uso do fogo, fez com que a indústria apresentasse crescimento significativo.

A centenária Cidade de Goiás, antiga capital do Estado e Patrimônio Cultural da Humanidade, vivenciou nas últimas décadas a evolução das ideias e reconceituação do patrimônio imaterial com suas tradições, saberes e fazeres populares. Gradativamente tomou forma o processo de conscientização e reconhecimento dos vilaboenses quanto aos seus valores e ao legado histórico, imprescindíveis para a revitalização e permanência das artes, dos costumes e dos ofícios tradicionais no cotidiano social e econômico da cidade. Esse novo panorama impulsionou a cultura local, atraiu turistas e ampliou as perspectivas da economia interna, com destaque para a projeção comercial do artesanato. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 139).

O recorte da presente dissertação é para a cerâmica enquanto arte artesanal. O trabalho das artesãs permite a elas a conquista da independência financeira, tal como Cora a conquistou pela produção e comercialização dos seus doces.

O trabalho feito com cerâmica reúne na Cidade de Goiás, inúmeras mulheres marginalizadas que buscam sobreviver do seu trabalho. Frente a escassez de empregos e a baixa escolaridade, foi na cerâmica que viram a possibilidade de uma iniciativa para tirar o sustento de suas famílias, ou contribuir para o aumento da renda familiar. Assim, “preservam tradições herdadas do remoto mundo humano feito a mão, que fazem brotar das mãos sua expressão telúrica e, como só elas sabem, vão moldando o barro e reinventando o próprio destino” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p 139). Ainda nesse sentido de recriar o próprio destino,

No entanto, o que não se pode negar é que Cora Coralina construiu um universo peculiar, transitou entre o público e o privado e, em meio a tachos de doces, maternidade, literatura e vida doméstica familiar, ela desafiou várias condutas da sociedade que estabeleciam como as “mulheres decentes” deviam se portar. Sua determinação abriu brechas para resistir às práticas que reservava oportunidades diferentes a homens e mulheres e, “a menina feia da ponte da Lapa”, transformou-se numa mulher “aventureira e libertária”. (CARVALHO, 2003, p. 09)

Cora não se curvou aos ditames do seu tempo, mulheres coralinas não desistiram de lutar e de se emancipar financeiramente, pois, “criou-se um espaço para que pudessem mostrar sua técnica e narrar sua história de vida, que reúne dificuldades, sustento de família, alegria por criar uma peça nova, pela cordialidade do barro que se deixa moldar pelas mãos” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 139).

A semelhança entre as artesãs, a biografia de Cora Coralina e muitas de suas personagens, não é coincidência. O “Projeto Mulheres Coralinas”, trabalhou com a luta pela ruptura de padrões, permitindo as mulheres coralinas realizar-se enquanto mulheres e profissionais.

A importância e a relevância de Cora e de sua obra para as cursistas foi tamanha, que a figura de Cora e Maria Grampinho (que morava no porão de sua casa), junto as figuras religiosas, foram as maiores inspirações para as esculturas. Segundo a oficinaira Hilda Costa Freire, “fiquei emocionada de esculpir Cora e Maria Grampinho, porque nunca pensei em fazer esculturas de pessoas conhecidas. Participar desse projeto me fez olhar para minha condição de mulher no mundo” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 145).

Todo o exposto nesse tópico, retoma a ideia de Wolff (1928), em especial no que se refere ao conforto e tranquilidade de poder trabalhar, exercer o seu ofício em um local de tranquilidade e bem estar, afinal encontraram o teto que pertence a elas. Segundo a cursista Derci Felipe de Assis – artesã e cursista, “o projeto não só me ensinou a aperfeiçoar minha habilidade como artesã, mas, despertou em mim o desejo de ser uma pessoa independente. Passei a pensar nas minhas prioridades como mulher” (SIQUEIRA; CAMARGO, p. 147).

A formação no “Projeto Mulheres Coralinas”, preparou as cursistas para além da produção, serem autônomas na comercialização dos seus produtos. Para Bauman (2015), a modernidade é líquida, pois, tal como o líquido se adapta ao recipiente, podendo gerar transformação no mesmo, o sujeito, precisa se inserir na sociedade e participar desse processo de mudança.

A mulher até então sólida, imóvel e dependente, agora gerencia sua vida pessoal e financeira, adaptou-se as relações comerciais e se tornou autônoma. Todo o exposto nos parágrafos anteriores, evidencia que estamos falando de uma mulher que se reconhece enquanto sujeito social, que é capaz de tomar suas próprias decisões e de arcar com seu sustento, uma mulher empoderada, conforme apontou Berth (2018).

A cursista Luiza Helena Pereira, em seu depoimento ilustra os apontamentos feitos, “antes eu vendia minhas peças para uma meia dúzia de donos de lojas de artesanato, isso pela metade do preço. Agora vejo que meu trabalho tem valor, é reconhecido” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 147).

2.1.6 LEITURA E ESCRITA CRIATIVA - EDUCADORAS E GARIS

O módulo VI – Leitura e escrita criativa para educadoras e garis, almejou envolver as cursistas em atividades frequentes de leituras, sobretudo, leituras e

interpretações das poesias coralíneas. Uma viagem entre a palavra escrita, a linguagem e a literatura, rompendo os estigmas sociais postos por uma segregação que negou a alfabetização a muitas mulheres.

Infelizmente, apenas uma minoria teve o privilégio de ser bem-nascido para a leitura em Vila Boa. Embora reconhecida como símbolo cultural do Estado de Goiás, com riqueza de desenvolvimento artístico nas primeiras décadas do século XX, a desigualdade na divisão dessa riqueza tem sido sentida pelas novas e novíssimas gerações, que sabem com maestria deslizar a tela de um celular e acessar todos os seus recursos, mas, não tem habilidade de virar a página de um livro. E nem sequer conhece um poema da poeta mais importante da cidade. Esta não é uma realidade diferente do restante do país, vale destacar. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 161)

Pensando na leitura enquanto instrumento de transformação social e de empoderamento, “as garças ouviram leituras da leitora-guia, conversaram sobre os poemas, visitaram a Casa da poeta e ainda ouviram e contribuíram com lembrança sobre a vida de Cora Coralina” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 163).

A interlocução entre a literatura (pela obra coralínea) e a realidade (“Projeto Mulheres Coralinas”), pode ter como ponto de partida a analogia com o posicionamento da professora Maria Helena de Paula (2013), ao apontar que o léxico evidencia um conhecimento cultural, que permite por suas unidades uma interface do nível léxico com alguns arranjos culturais.

Tal como o homem foi capaz de romper os condicionantes naturais, passando a agir pela influência da sua formação cultural e não dos instintos animais, pensar na ruptura de paradigmas que fomentam a exclusão da mulher no que tange as condições de igualdade, faz-se fundamental uma transformação nos parâmetros culturais conservadores.

Objetivando essa ruptura, “as garças receberam ensinamentos sobre saúde e segurança no trabalho, sobre direitos assegurados pela Lei Maria da Penha e participaram livremente de outras atividades do projeto” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 163).

A cultura é capaz de transformar os condicionantes sociais, e pensar em uma ferramenta de poder para tal realização, nos conduz diretamente a relação direta entre a cultura e a linguagem – aqui representada pela leitura, permeada pela memória que rompe os limites do tempo e do espaço, dando ao sujeito liberdade para se manifestar. Nesse sentido Biderman afirma que

Nas numerosas tradições culturais dos homens a linguagem surge com a palavra instituidora que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. Todas as culturas nascem de uma palavra criadora, dita em tempos imemoriais por um poder divino. (BIDERMAN, 1998, P.84)

Se as relações entre língua e cultura são capazes de apresentar os caminhos ou os (des)caminhos para a ruptura com esse modelo social arcaico e tão desleal, em especial no que se refere a hierarquia de gênero. “As educadoras são multiplicadoras do saber. Formando-se leitoras, podem ampliar sua percepção crítica e estética das coisas e da sociedade” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 163). Cora Coralina mais uma vez apresenta com sua literatura simples um grande exemplo dos motivos para que o homem tenha medo transformar essa cultura.

No poema Amigo, publicado em “Meu livro de Cordel” em 1983, a narrativa de dois velhos amigos que passaram pela mesma estrada da vida, ele era o moço pelo qual a poeta (CORALINA, 1983), captava em seus traços, cheiros e outras características, o rude, viril e másculo homem do campo, figura pela qual ela simpatizava, haja vistas que segundo ela, “havia dentro de mim, no fundo obscuro do meu ser, vivências e atavismos ancestrais: fazendas, latifúndios, engenhos e currais” (CORALINA, 1983, p.50).

A submissão inconsciente se assemelha a condição de visibilidade dada as garis, que antes da inserção no projeto, sequer se atentavam para os seus nomes como parte de suas identidades. Assim,

Acordar na madrugada, deixar pronto o alimento dos filhos e netos, alinhar os cabelos, vestir o uniforme e ganhar o frio da rua para vencer o dia. Essa é a rotina das garis na Cidade de Goiás, que lentamente acorda sem se dar conta da invisibilidade dessas mulheres Margaridas, que zelam pelo patrimônio de todos os vilaboenses (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 173).

Até a descrição dos parágrafos anteriores, o homem mantinha-se no topo da relação familiar, dono do ser e do saber, porém, a própria obra responde o que houve de errado, “era moça da Cidade. Escrevia versos e era sofisticada.” (CORALINA, 1983, p.50), como pode uma mulher naquele contexto ser letrada, enquanto ele só tinha a força bruta.

Não pressentiu, não adivinhou, aquela que o esperava, mesmo antes de nascer. Indiferente tomaste teu caminho por estrada diferente. Longo tempo o esperei na encruzilhada, depois... depois... carreguei sozinha a pedra do

meu destino. Hoje, no tarde da vida, apenas, uma suave e perdida lembrança. (CORALINA, 1983, p.50)

Aqui mulheres coralinas que até então laboram com a força bruta. Mulheres que agora são chamadas pelo nome, que nunca haviam entrado em um museu, que agora fazem leituras e conhecem seus direitos. Mulheres que levantam cedo, para o exercício da sua profissão de gari, agora sujeitas de suas próprias histórias e com sua identidade de mulher empoderada definida. Mulheres que são senhoras do seu destino. Segundo depoimento da Gari, leitora da poesia de Cora Coralina, Conceição Rodrigues Pereira, “quem diria que uma mulher gari, negra e pobre poderia ter o direito de entrar numa faculdade e ler poemas junto com gente jovem” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 177).

2.2 Espaço, Identidade e Memória

O espaço cantado na obra coralineana é marcado pela completude da realização da poeta em estar acomodada no teto todo seu, lugar de tranquilidade, de sua independência e inspiração para escrever, alcançando o que já havia sido apresentado por Virginia Woolf (1928), ao abordar as dificuldades das escritoras.

O espaço narrado e descrito por Cora motivou outras mulheres a se espelhar em suas personagens e na biografia da própria autora. O lugar (físico/material), permanece o mesmo descrito pela poeta, porém, o espaço vilaboense, hoje carrega as marcas das coralinas. Nesse sentido:

[...] a cidade possui aspectos físicos e uma vida interior, num mecanismo contínuo que funde a vida com sua configuração espacial. Dessa forma, os aspectos urbanísticos constituiriam fio condutor para a compreensão do que a pesquisadora define como cidade-vida, cidade-história, cidade-sociedade, cidade-cultura (BRITTO, 2006, p. 110).

As múltiplas referências quanto as transformações no tempo e no espaço, marcam a Cidade de Goiás como a memória viva da poeta Cora Coralina e a identidade de tantas mulheres que se emanciparam e se empoderaram a partir dos escritos desta. Assim, dentro da “topofilia”, pode-se entender a relação entre a literatura, o espaço, a memória e a identidade.

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode ser variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza igualmente fugaz, mas muito intensa que é subitamente revelada. Mas permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos do lugar, por ser o lar, o locus das reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN,2012, p. 135).

Esse emaranhado de sentimentos e sentidos, marcam a essência do “Projeto Mulheres Coralinas”, sua relação com a poeta e sua materialização na Cidade de Goiás. Os desdobramentos aqui abordados, se estendem a emancipação financeira da mulher, por meio da comercialização dos produtos fabricados. Assim, “o evento do projeto, mesmo no silêncio, tornou-se, então, corpo e voz de nomes memoráveis ou esquecidos de tantas mulheres vilaboense, que sonharam e lutaram por uma cidade justa” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 199).

2.2.1 A CIDADE DE GOIÁS

Em brevíssima síntese acerca da formação histórica da cidade de Goiás é possível entender a necessidade de retratar esse município na presente dissertação, haja vistas que toda a narrativa que apresenta as personagens mulheres na obra de Cora Coralina estão inseridas nesse contexto.

Para ler Cora, é preciso conhecer Goyas e sua história de becos e chafarizes, de largos e igrejas, de muros e murmúrios, de Maria Grampinho e de Mãe Didi. Talvez sua poesia não tenha sangue, mas tem seiva; e a asa ritmada que nela pulsa mostre mais que um rosto sereno, ‘mãos que jamais calçaram luvas, nunca para ela o brilho dos anéis’ – poema ‘estas mãos’ do livro meu livro de cordel. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 165).

A Cidade de Goiás, conforme analogia com os apontamentos de Juscelino Polonial (1997), ou apenas Goiás, antes chamada, em 1736, de Vila Boa de Goiás (herança que dá origem ao léxico vilaboense, usado para qualificar a naturalidade dos seus cidadãos). Também já denominada de Arraial de Sant’Anna (primeiro nome dado após dominar as terras que, até então, pertenciam aos índios goyazes – nome que deriva o léxico Goiás). Tem sua formação marcada pela exploração do ouro, pela falta de respeito com os indígenas e a consolidação de uma hierarquia machista, deixada pelos bandeirantes Anhanguera e seu filho Bartolomeu Bueno da Silva.

Ainda com base nas análises de Juscelino Polonial (1997), com o fim do ouro e a redesignação econômica voltada para a agropecuária, a população da Cidade de Goiás impactou ainda mais as estruturas de uma cidade coronelística, e tamanha foi sua importância que a mesma se tornou capital do Estado de Goiás até o ano de 1933, quando a sede do poder administrativo estadual foi transferida para a Cidade de Goiânia.

Pensar nesse espaço que, desde sua gênese, marcou a história de exploração de seres humanos (índios), que fomentou a desigualdade social com a instauração e apropriação de grande quantidade de terras em Goiás, gerando os latifúndios, e sempre com a imposição do homem – figura masculina, como detentor do poder e do domínio, é que mostra o embrião para compreender que a mulher foi colocada em papel de coadjuvante nesse contexto.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina), conforme já foi mencionado, vivenciou e escreveu de forma clara a história de tantas mulheres que sofreram com essa condição de subordinadas, seja no campo econômico, social, cultural e sexual, seja em qualquer outro.

Para conhecer Goyas, há de se ler Cora, sem subterfúgios teóricos preliminares, desentranhando de sua poesia a contemplação viva das coisas simples da terra, das vozes silenciadas e submetidas ao esquecimento, no âmago da história do país. Voz de mulher, em épocas distantes das discussões de gênero, ‘mulher que ficou velha, esquecida nos seus larguinhos e nos teus becos tristes’ – poema ‘minha cidade’ do livro ‘Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais’ (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 165).

A abordagem da cidade é essencial para análise do espaço na obra literária. Considerando que a construção do espaço e as relações de cunho econômico e político abordados na obra coralineana permitem o conhecimento da Cidade de Goiás, por intermédio de sua obra. Pela lógica de (CHAVEIRO 2015, p. 09) “ao invés de criar fuga da realidade, ...deve significar uma forma de adentramento, de intensificação de sentidos, de produção de novos acessos à dimensão humana do espaço”, o autor ainda ressalta que,

A aproximação entre Geografia e Literatura, em termos de estrutura de linguagem e de organização das esferas do conhecimento, significa entrançar o mundo do conceito – próprio da empresa acadêmico-científica – ao mundo da experiência humana. No logro da experiência humana pode-se conceber o que é crucial no trabalho da narrativa literária: a dramaticidade da vida e os seus contornos semióticos infinitos. E ambos circulam, medeiam e nucleiam o espaço. Como mediação entre o dizer e a experiência o espaço

é, também, tónus da linguagem, conteúdo da vida humana. O espaço é cifra – e texto, pois marca social e existencial. (CHAVEIRO, 2015, p. 49).

Nesse sentido, mesmo que a literatura não tenha a obrigação de ser fidedigna aos fatos históricos, em detrimento da chamada licença poética, o que o autor chamou de entrançar o mundo do conceito ao mundo da experiência, remete a essa construção fruto da memória de Cora Coralina que ilustrou a mulher como sujeito ativo e presente na construção do espaço da Cidade de Goiás. Sobretudo na implicação atual do espaço literário que carrega sentidos psicológicos, sociais, estruturais, sentimentais e outros, tão presentes nas narrativas da autora e na execução do “Projeto Mulheres Coralinas”.

Ainda pensando na Cidade de Goiás como elemento fundante das narrativas coralineanas, da criação e execução do “Projeto Mulheres Coralinas”, faz-se preciso compreender esse espaço pela teoria da topoanálise. O uso inicial da unidade lexical “topoanálise” foi definido de forma neológica por Bachelard, em *A poética do espaço* (1979, p.28), como “estudo psicológico e sistemático dos locais da vida íntima”, e foi nessa perspectiva que mais tarde Borges Filho (2007), se apoderou do uso deste e pensou em uma nova e mais completa conceituação, assim, a análise do termo em discussão, que antes se limitava ao psicológico, se estendeu para a observação da estrutura e o conteúdo do texto a ser analisado. Conforme Cláudia Barbieri (2009):

O espaço na narrativa, muito além de caracterizar os aspectos físico-geográficos, registrar os dados culturais específicos, descrever os costumes e individualizar os tipos humanos necessários a produção do efeito de verossimilhança literária, cria também uma cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a subjetividade e a interpretação [...] e ampliam as possibilidades de significação do texto. (p.105)

Foi pensando nessa lógica que a eficácia da obra coralineana atingiu o status de grande significação para a representação simbólica de tantas mulheres vilaboenses que se enxergavam na verossimilhança com as personagens coralineanas, em uma relação moderna do espaço e literatura que dá margem a uma sociedade híbrida. Ainda nesse sentido Borges Filho (2007), definiu que,

[...] a topoanálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe a análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural. (p. 33)

Nesse caminho analítico, é possível interpretar com mais extensão a essência do espaço na obra coralínea, o que permite ao receptor recriar e/ou imaginar o que o íntimo da autora projetou enquanto espaço. Partes do poema *Becos de Goiás* demonstra que já na primeira linha a autora apresenta uma dualidade de sentimentos e melancolia que ilustra com amor e sofrimento a paisagem e estrutura do beco. Veja o trecho do poema *Becos de Goiás* de Cora Coralina (1985, p. 92):

Beco da minha terra...
 Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
 Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
 Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
 E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
 e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
 calçando de ouro a sandália velha,
 jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
 descendo de quintais escusos
 sem pressa,
 e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
 Amo a avenca delicada que renasce
 na frincha de teus muros empenados,
 e a plantinha desvalida, de caule mole
 que se defende, viceja e floresce
 no agasalho de tua sombra úmida e calada. (*Becos de Goiás*, PBG, p. 92)

O trecho em análise remete à ideia de que os lugares estão diretamente ligados à lembrança, assim, segundo escreve Bosi (s.d, p. 53) “é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens lembrança”. A conservação espacial preservada da memória que pode ser individualizada nas lembranças do sujeito.

Partindo dessa perspectiva, é possível apontar que a temática espacial de Cora Coralina em “*Becos de Goiás*”, está também centrada no homem e na cidade, apanhado na sua estrutura física, geográfica e histórica, o que nos permite delinear essa proposta de leitura do poema. Os becos remontam a história, os espaços da Cidade de Goiás e, no poema, a autora fez questão de nomear um a um para não perder a identidade de eras passadas.

Amo e canto com ternura
 todo o errado da minha terra.
 Becos da minha terra,
 discriminados e humildes,

lembrando passadas eras...
 Beco do Cisco.
 Beco do Cotovelo.
 Beco do Antônio Gomes.
 Beco das Taquaras.
 Beco do Seminário.
 Bequinho da Escola.
 Beco do Ouro Fino.
 Beco da Cachoeira Grande.
 Beco da Calabrote.
 Beco do Mingu.
 Beco da Vila Rica... (Becos de Goiás, PBG, p. 92)

O trecho em análise evidencia o quanto a autora vincula sua existência ao espaço dessa cidade. Ainda sobre os nomes dos becos,

Na maioria das vezes, recebiam o nome dos moradores mais expressivos ou de sua característica mais marcante. As denominações se referiam a questões geográficas, a exemplo dos becos das Taquaras, do Mingu, do Ouro Fino, da Água Férrea e da Cachoeira Grande; de moradores ilustres ou instituições neles existentes, como os do Antônio Gomes, do Sócrates, dos Médicos, do Teatro, do Quartel, da Matriz, da Escola e do Seminário; de seu formato como o Beco do Cotovelo, e de lendas e costumes como os becos do Calabrote e da Vila Rica. (BRITTO, 2006, p. 115)

A cidade de Goiás se imortalizou na literatura para o consolidar dessa memória com inúmeras lembranças simbólicas, reconhecidas e reconstruídas por Cora entre um laço afetivo e um senso crítico. Os becos insalubres e que sobrevivem da força de sua insistência em manter vivos os que ali florescem (habitam). Os nomes de pessoas ou monumentos importantes para nominar os pobres becos e outros tantos, são elementos constitutivos do espaço. Esse espaço faz com que esse poema traga essa função social, seja na recriação de pequenos quadros, seja no espaço onde se situa o poema.

Em conformidade ao exposto, As prostitutas - violação ao corpo da mulher, exploração sexual, discriminação, insalubridade; o menino lenheiro - pequeno homem e grande criança, exploração do trabalho infantil; os animais explorados cavalo ferrado e burro lenheiro, maus tratos aos animais, exploração da força; o irmão vicentino e as almas penadas hipocrisia da fé, todos personagens presentes no poema Becos de Goiás.

Em cada linha do poema Becos de Goiás, o leitor é levado ao imaginário de um espaço que ele consegue contextualizar e historicizar, um resgate social dos que foram excluídos da sociedade, dos direitos fundamentais, sem acesso à educação de qualidade, a saúde e a moradia adequada. A riqueza do espaço no poema é um

legado que transcende o tempo e o lugar, que dá ênfase a um espaço eternizado, na memória, lindo de ler e angustiante para entender. Gaston Bachelard (1979), ao apontar a conjuntura do sujeito inserido no espaço criado por ele mesmo, relativiza que:

Vamos estudar um problema onde a atitude objetiva nunca pôde se realizar, onde a sedução primeira é tão definitiva que ela deforma ainda os espíritos mais lúcidos e leva-os sempre ao abrigo poético onde os devaneios substituem o pensamento, onde os poemas escondem os teoremas. (BACHELARD, 1979, p.10).

Hoje a Cidade de Goiás caminha na busca pela erradicação da violência contra a mulher, e também fornece inúmeros subsídios para a qualificação profissional, formação intelectual e inserção comercial para mulheres, sobretudo as que fazem parte do “Projeto Mulheres Coralinas”. Goiás Velho, como popularmente é chamada a Cidade de Goiás, no ano de 2001 foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Histórico Mundial.

O título mencionado no parágrafo anterior, deve-se ao fato da preservação das construções arcaicas e das festas tradicionais da cidade, em especial as religiosas. Se por um lado a população local almeja manter o título e preservar a identidade histórica por meio de seus monumentos, por outro, os avanços e a emancipação política, em especial da mulher são marcos dessa nova geração.

A prova de que a sociedade vilaboense caminha para a intolerância contra os abusos oriundos de uma sociedade machista, patriarcal e arcaica, está nas inúmeras iniciativas de mulheres que estão à frente das direções de Universidades, de Escolas Públicas, que estão no Legislativo, no Judiciário, no Executivo Municipal, na coleta do lixo (gari), no artesanato, na docência e outras, que hoje estão na direção de suas vidas enquanto autônomas no que se refere as suas escolhas.

2.2.2 O COMÉRCIO E O ESPAÇO COMO LOCAL DE FALA

O Sistema Capitalista – Sistema econômico vigente no Brasil, e na maior parte do mundo, é seletivo e excludente. Nesse rol dos excluídos estão os subalternos, condição a qual pertenceu a mulher durante grande parte da história da humanidade, e que hoje, luta cotidianamente para se inserir no mercado de trabalho, conquistar sua autonomia e se emancipar.

A autonomia e a emancipação, sobretudo no campo financeiro, são conquistadas pela mulher de diferentes maneiras. Algumas mulheres buscam uma formação intelectual, o que permite uma busca consciente pela sua independência. Para algumas mulheres a emancipação financeira é facultativa, até mesmo para as que possuem consciência da dependência de terceiros e optam por manter esse status, como uma forma de manter sua identidade, sem nenhum prejuízo por ser mulher. Segundo Butler,

Esses domínios de exclusão revelam as consequências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios. Não há dúvida, a fragmentação no interior do feminismo é a oposição paradoxal ao feminismo — por parte de “mulheres” que o feminismo afirma representar — sugerem os limites necessários da política da identidade. (BUTLER, 2003, p. 22)

Por outro lado, para muitas mulheres a emancipação financeira emerge da necessidade de sobreviver, de garantir o sustento de suas famílias, de criar seus filhos, consumir o que deseja, entre outros. Assim, essa emancipação, nem sempre ocorre por uma busca consciente. Assim, “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das mulheres, o sujeito do feminismo, e produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação” (BUTLER, 2003, p. 19).

Ao falar do exercício da literatura em tempos machistas, Woolf (1928), pontuava a necessidade da mulher de ter um teto todo seu, ou seja, um espaço de tranquilidade em que ela pudesse produzir, se inspirar, ter segurança e liberdade. A mesma autora, complementa ainda, que ter o teto todo seu só será possível, se a mulher possuir uma autonomia ou independência financeira.

Essa independência financeira de forma mais direta, implica na ruptura da subjugação das mulheres, outrora dependentes de seus pais e maridos, agora, autônomas, empoderadas e emancipadas. Conforme exposto a seguir,

A urgência do feminismo no sentido de conferir um *status* universal ao patriarcado, com vistas a fortalecer aparência de representatividade das reivindicações do feminismo, motivou ocasionalmente um atalho na direção de uma universalidade categórica ou fictícia da estrutura de dominação, tida como responsável pela produção da experiência comum de subjugação das mulheres. (BUTLER, 2003, p. 20)

O “Projeto Mulheres Coralinas”, conforme já exposto, ensinou e\ou aprimorou o ofício das cursistas, e também, as preparou para serem autônomas na comercialização dos seus produtos. Situação similar a vida da poeta, que conforme exposto a seguir,

Podemos afirmar que Cora Coralina surge como exemplo vivo dessa situação. E, após viver sua vida para o marido e os filhos, privando muitas vezes a sua trajetória literária em benefício da condição de mãe e esposa, cortou todas as amarras, os laços familiares, e regressou em 1956, aos 67 anos, para a sua cidade natal Goiás-GO. Cora voltou com o objetivo de construir seu projeto literário, de realizar o grande sonho de sua vida: escrever e publicar um livro (BRITTO; SEDA, 2009, p. 10).

Ainda nesse sentido, “se voltamos à velha casa como quem volta ao ninho, é porque as lembranças são sonhos, é porque a casa do passado se transformou numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas” (BACHELARD, 1979, p. 262).

O ninho de Cora Coralina, abrigou a ninhada de mulheres que agora alçam grandes voos. Todas as cursistas que foram atrás da sua autonomia e conquistaram o seu teto, hoje são emancipadas financeiramente.

Todo o exposto nesse tópico, foi com finalidade de apresentar que muitas cursistas optaram por seguir com seu trabalho, colocando em prática tudo o que aprendeu. Para outras, o “Projeto Mulheres Coralinas”, não só deu a vara e ensinou a pescar, conforme apontou Cora (2006), como proporcionou condições para se firmarem no mercado formal.

Todas as conquistas só foram possíveis graças à vontade dessas mulheres que romperam os condicionantes do tempo e do espaço e ganharam o seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017). A mulher em seu íntimo conhece o seu interior e se prepara para o mundo exterior,

O mundo que percebemos é uma reformulação mental que os nossos sentidos recebem de informações do mundo exterior. Tal construção não se dá aleatoriamente; tem, a priori, três fatores – espaço, tempo e causalidade. O espaço e o tempo são perspectivas do entendimento, por meio das quais percebemos o mundo. Por sua vez, o mundo exterior seria a vontade. A vontade, portanto, está além do espaço e do tempo, e não é regida por causalidade. (ESMERALDO, 2014, p. 20).

A vontade das “Mulheres Coralinas”, rendeu bons frutos, afinal, “Para mais consolidar o coletivo de mulheres, no dia da certificação foi empossada a primeira diretoria da Associação Mulheres Coralinas – ASCORALINAS” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 189). Graças a ASCORALINAS, as participantes do projeto foram contempladas com uma sala comercial no Mercado Municipal da Cidade de Goiás. Com mais detalhes, escreve

Outra conquista importantíssima foi a criação da Associação Mulheres Coralinas – ASCORALINAS, em 19 de maio de 2016, com 71 associadas. A associação, que já nasceu com identidade forte e muita vontade de acertar, conquistou reconhecimento da Prefeita, Professora Selma Bastos Pires, que cedeu uma sala para ponto de vendas no mercado municipal. Este espaço foi montado com dinheiro recolhido por meio de doações e eventos beneficentes. Aberta em dezembro de 2016, a sala se destina não só a venda coletiva dos produtos confeccionados pelas associadas, mas, também, se propõe a ser lugar de fomento da cultura local e espaço de debate entre as mulheres, contemplando lançamentos de livros, exposições e roda de conversas. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 192).

Conforme o exposto, fica nítido que a sala comercial, assim vista pelo outro, simboliza para as mulheres um teto todo seu. O local de tranquilidade, de autonomia, de exercício profissional, de vivência cultural, de formação intelectual e tantas outras, conforme Woolf (1928), já apontava como necessidade para a produção material e imaterial da mulher. Soma-se ao exposto o fato desse teto consolidar as relações mercadológicas que por consequência implica na emancipação financeira.

A partir da conscientização, o empoderamento é o instrumento principal que permitiu a essas mulheres saírem da subalternidade e conquistar sua independência. Falar em empoderamento, pela ótica de Berth (2018), fomenta a consciência coletiva da importância das ações individuais para fortalecer o grupo. A consciência de pertencimento e de uma identidade enquanto sujeita social.

Mulheres com um teto e empoderadas, em analogia a Ribeiro (2017), tem na sala comercial do mercado municipal, uma institucionalização de um lugar de fala, em que as vozes (relativas a existência), até então consideradas outras, ou seja, que não o homem branco, heterossexual e patriarca (norma). Assim, um lugar de fala para que as mulheres possam partilhar experiências e estudar sobre sua condição de universal na lógica da humanidade.

2.3 O “Projeto Mulheres Coralinas” e o Direito

No capítulo anterior, tal como nos outros tópicos da presente dissertação, ficou nítido o caminho trilhado pela poeta vilaboense que rompeu paradigmas relativos a sua condição de mulher. Posteriormente, foi ressaltado como a obra de Cora Coralina influenciou outras mulheres a buscarem a sua autonomia e emancipação.

O “Projeto Mulheres Coralinas”, descrito em detalhes até aqui, elucidou o campo da formação intelectual e laboral da mulher. A parte final deste capítulo é destinada a ressaltar como esse projeto formou e informou a mulher para o enfrentamento das questões cotidianas, que a coloca em condição de subalternidade.

De nada ou pouco adiantaria o percurso trilhado se não houvesse legitimação e efetivação legal de tais conquistas. Muitas mulheres permanecem na condição de vulnerabilidade por não conhecerem seus direitos. Cora desafiou uma estrutura social, com pouquíssimo amparo legal, porém, as mulheres hoje contam com um vasto sistema judiciário, que em tese, deveria garantir a igualdade e a isonomia.

As mulheres coralinas apreenderam ao longo da execução do projeto, que a violência contra a mulher não é admitida em nenhuma hipótese, em especial quando acometida em âmbito doméstico e familiar. Por violência, não se entende apenas as agressões físicas, também as psicológicas, patrimonial, sexual e moral.

As mulheres coralinas aprenderam que além de uma lei específica para a proteção da mulher em âmbito doméstico, a Constituição Federal de 1988, já apontava em seus dispositivos legais, determinações que excluem qualquer tipo de preconceito e efetiva algumas garantias. Mulheres que como afirma a cursista Laura de Fátima Vieira Borba,

Hoje sou apaixonada pela Cora, porque ela é um exemplo de vida para toda mulher goiana e, por conta da vivência com sua poesia, eu me reconheço melhor como mulher que tem direitos, consigo me ver na face de minhas companheiras coralinas, mulheres simples que dividem comigo a coragem de ser coralina. (cf. In. SIQUEIRA; CAMARGO, p. 111).

A literatura influenciou o projeto que formou mulheres empoderadas, emancipadas e autônomas. Segundo Antônio Cândido (1995), a literatura não é um mero entretenimento ou ficção, não que esteja proibida de ser, porém, ela hoje

representa uma necessidade universal que permite ao homem uma melhor compreensão do mundo.

Todos sabemos que nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização. Penso que o movimento pelos direitos humanos se entronca aí, pois somos a primeira era da história em que teoricamente é possível entrever uma solução para as grandes desarmonias que geram a injustiça conta a qual lutam os homens de boa vontade à busca, não mais do utópico mundo ideal sonhado pelos utopistas racionais que nos antecederam, mas do máximo viável de igualdade e justiça, em correlação a cada momento da história. (CÂNDIDO, 1995, p. 170).

As mulheres coralinas não estão a mercê de um mundo utópico perfeito. A vontade dessas mulheres foi determinante para que elas, por intermédio da literatura, ganhassem força para lutar pelos seus direitos, são mulheres de boa vontade, que almejam uma justiça isonômica e igualitária.

São infinitas as vertentes para se abordar a segregação e os desdobramentos da chamada “Questão Social”, que gera as condições de vulnerabilidade. Todavia, o recorte para o presente trabalho foi feito em face a influência da literatura coralineana na criação do “Projeto Mulheres Coralinas” e o impacto deste na vida das mulheres cursistas.

Com base no parágrafo anterior, serão abordados a seguir: a relação entre o “Projeto Mulheres Coralinas” e a Constituição Federal de 1988; as mulheres coralinas e a Lei Maria da Penha; a mulher e a Legislação Trabalhista. Como principal eixo argumentativo serão tomadas as discussões de gênero.

Cora Coralina nasceu rotulada pelas imposições ao sexo biologicamente definido, mas, foi sua dura trajetória marcada pelo conservadorismo da hierarquia machista que a fez romper os padrões do tempo e do espaço e tornar-se mulher. Cora é protagonista de sua própria história e cidadã que em cada unidade lexical da sua obra denunciou a triste realidade da condição feminina daquelas que não estavam submissas a um homem.

Com desfecho voltado para a mulher oprimida e tomada como abjeto, conforme aponta que a categoria do abjeto vem referir-se “à existência corporal daqueles que não são encaixáveis na estrutura binária ‘homem-mulher’”. A teoria de Butler é, ao mesmo tempo, como deve ser qualquer teoria feminista, uma teoria engajada na defesa de um sujeito oprimido” (TIBURI, 2013, p. 23).

Tanto Butler (in. TIBURI, 2013) como Louro (2000) adotam que o referencial para as questões de gênero estão diretamente ligados as estruturas biológicas do corpo, porém, conceituam que é fundamental a compreensão de que as discussões sobre sexo e gênero não podem se limitar a fatores corporais, conforme aponta Butler “A partir de então, eles seriam construções discursivas entre as quais não haveria diferença. A ideia fundamental da pensadora é a de que o discurso habita o corpo e que, de certo modo, faz esse corpo, confunde-se com ele” (cf. In. TIBURI, 2013, P.24). Ainda nesse sentido, Guacira Lopes Louro afirma que

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. (LOURO, 2000, p. 6).

Pactua com essa mesma abordagem a escritora Simone de Beauvoir ao se posicionar que “... Sistema sexo\gênero, indicação de que a todo corpo biológico é atribuído um gênero, este submetido a regras sociais” (cf. In. SANTOS, 2015, p.16), no mesmo sentido Beauvoir prossegue fundamentando que “o corpo biológico de uma fêmea torna-se mulher a partir da cultura, e não de regras até então tidas como naturais...” (cf. In. SANTOS, 2015, p.16).

No que se refere a literatura, a obra *Literatura e Sociedade* de Antônio Cândido (2006), permite ampliar o conhecimento da abordagem que dá fundamentação teórica e crítica, haja vistas que no prefácio da obra o autor já deixa claro que procura focalizar vários níveis de correlação entre literatura e sociedade, pois, consiste essencialmente em mostrar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, a sua ocorrência nas obras.

Vive dentro de mim a lavadeira do Rio Vermelho.[...] Vive dentro de mim a mulher cozinheira.[...] Vive dentro de mim a mulher roceira.[...] Vive dentro de mim a mulher do povo.[...] Vive dentro de mim a mulher da vida. (CORALINA, 1985, 45-46) Todas essas personagens citadas por Cora são personagens rejeitados, por estarem relacionadas às classes mais pobres da sociedade. Essa pluralidade de identidade, de certa forma, configura a cidade, as suas paisagens e seus estranhamentos. Nesse sentido, ao identificar o eu lírico com essas personagens, Cora dá voz a elas e as insere na história da representação das cidades. Quanto a Décio, cita os loucos, que também se destacam pela posição de isolamento imposto pela sociedade. (ESMERALDO, 2014, p. 85)

O comportamento da mulher, sobretudo nos ditames dos moldes conservadores para uma feminilidade condicionada aos padrões pré-estabelecidos, evidencia que estes são também de cunho social, cultural e ideológico, não se restringindo as definições biológicas. Conforme Simone de Beauvoir “O corpo biológico de uma fêmea torna-se mulher a partir da cultura, e não de regras até então tidas como naturais...” (cf. In. SANTOS, 2015, p.16).

O órgão genital que acompanha o corpo no momento do seu nascimento já vem carregado de uma construção social tradicionalista presa ao sexo\gênero, essa por sua vez determina alguns rótulos que são impostos ao sistema binário masculino x feminino, ou em outras palavras homem x mulher. “... Sistema sexo\gênero, indicação de que a todo corpo biológico é atribuído um gênero, este submetido a regras sociais” (BEAUVOIR, 1967, p.16)

Apesar dos avanços no campo das conquistas de igualdade de gênero, seria utópico falar em equidade na plena efetivação prática, o homem continua sendo maioria nos cargos de chefia, possuem salários maiores, se acham chefes (autoridades) dentro de casa, entre outros inúmeros condicionantes que colocam a mulher na condição de submissa ou subalterna, desconsiderando sua capacidade intelectual, sua força, suas vontades e outros, “nas empresas, nas escolas, na família e na cultura, papéis de gênero alocam homens e mulheres em determinadas funções, sentimentos, formas de viver e capacidades.” (BEAUVOIR, 1967, p.17).

Fala-se muito em construção social, haja vistas que a sociedade é híbrida, esse processo de repetição, de ensinamento e transição de papéis previamente definidos, necessitam ser reconstruídos e dar vez e voz a uma mulher que seja sujeito de sua própria história, que faça as suas vontades a partir de suas escolhas e não pela predestinação de um modelo machista. Segundo Cândido (1995, p.173), “a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra.”

O fato é que a sociedade coloca o homem como universal, geral, dando a mulher o status de outro, assim, a pessoa seria o homem (masculino, dotado de poder) e o gênero o feminino (fragilidade em detrimento do sexo). As lutas feministas, não se trata de criar privilégios, superioridade e tampouco hierarquia de gênero. O feminismo busca a igualdade, seja no campo social, econômico, do direito ou qualquer outro.

Tal entendimento mencionado anteriormente, é fundamental, haja vista que, Butler já sinalizava para essa preocupação, “a crítica feminista tem de explorar as afirmações totalizantes da economia significativa masculinista, mas também deve permanecer autocrítica em relação aos gestos totalizantes do feminismo” (BUTLER, 2003, p. 33).

O avanço no campo dos estudos que abordam como temática as discussões de gênero, foram determinantes para impulsionar o poder político brasileiro a criar dispositivos e mecanismos legais de amparo a mulher.

Para representar algumas das conquistas das lutas das mulheres, em especial no campo do Direito Internacional, foi escolhida a Declaração Universal dos Direitos Humanos - DUDH, que de forma direta adotou como direito máximo a Dignidade da Pessoa Humana.

No preâmbulo da DUDH (1948), “Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”; é possível entender que “pátrio poder” e “direitos do homem”, foram substituídos por família humana, o que nos remete ao contexto da ruptura de hierarquia de gênero.

Ainda na DUDH (1948), foi aduzido que ninguém pode receber salário diferente, por serviço igual. Foi apontado também o direito de liberdade de escolha para a formação familiar (casamento). A igualdade de direitos, pela ótica da DUDH, independe de qualquer condicionante, seja ele de cor, sexo, raça ou qualquer outro. Cora Coralina, contemporânea a DUDH, é um exemplo de ruptura com o machismo e avanço das mulheres, conforme apontado a seguir,

No entanto, o que não se pode negar é que Cora Coralina construiu um universo peculiar, transitou entre o público e o privado e, em meio a tachos de doces, maternidade, literatura e vida doméstica familiar, ela desafiou várias condutas da sociedade que estabeleciam como as “mulheres decentes” deviam se portar. Sua determinação abriu brechas para resistir às práticas que reservava oportunidades diferentes a homens e mulheres e, “a menina feia da ponte da Lapa”, transformou-se numa mulher “aventureira e libertária”. (CARVALHO, 2003, p. 09)

Embora muitas mulheres construíssem histórias de superação e ruptura, a isonomia no tratamento entre homens e mulheres no meio jurídico brasileiro, tem como marco histórico a Constituição Federal de 1988 – CF. 88. Segundo o Conselho

Nacional dos Direitos da Mulher, no documento intitulado como “Carta da Mulher Brasileira aos Constituintes”,

Seu marco foi a apresentação da Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes (1988), que indicava as demandas do movimento feminista e de mulheres. A Carta Magna de 1988 incorporou no Artigo 5º, I: “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. E no Artigo 226, Parágrafo 5º: “Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos pelo homem e pela mulher”. Esses dois artigos garantiram a condição de equidade de gênero, bem como a proteção dos direitos humanos das mulheres pela primeira vez na República Brasileira. (2017, p. 02).

A Constituição Federal de 1988, conforme o exposto, positivou os dispositivos já mencionados e estendeu a uma série de outras garantias. Em síntese a presente Constituição efetivou direito de tratamento isonômico entre homens e mulheres; a ilegalidade da condução forçada (se não determinada na lei); a inviolabilidade da intimidade e da vida privada e da casa.

No que se refere aos direitos individuais e coletivos a CF. 88, garante o direito a convivência da mulher recolhida em presídio com filho em fase de amamentação; legitimou o racismo como crime; foi taxativa no rol dos direitos sociais: educação, saúde, segurança, previdência social e outros.

A mulher deixou o status de submissão, tal como as mulheres coralinas buscaram sua autonomia financeira, o mundo mudou, as mulheres legitimaram sua inserção no mercado de trabalho. A CF. 88, em relação aos Direitos Trabalhistas, e posteriormente detalhados na Lei infraconstitucional CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas de 1943 (modificada pela Lei 13.015 de 2014), garantem a mulher inúmeros direitos.

Sobre os direitos trabalhistas mencionados no parágrafo anterior, destacam-se: Igualdade de salários, proibição de admissão e função motivados pelo gênero; 120 dia de licença maternidade, sem nenhum decréscimo no seu salário, tal como, sem prejuízo ao seu emprego; assistência gratuita aos filhos e dependentes em creches e escolas, previdência social e outros. O trabalho, segundo Cora, era uma das formas de garantia de dignidade. Assim,

No poema, Cora Coralina nos confirma que a inteligência e a capacidade de decodificar os códigos do mundo letrado, podem tê-la levado a condição de escritora, mas que foi a sabedoria que a fez compreender que a experiência mais significativa na vida de uma

peessoa, capaz de lhe garantir dignidade, é o trabalho. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 106).

Os desdobramentos das relações trabalhistas, voltou o olhar jurídico para um grupo de mulheres até então exploradas e não reconhecidas enquanto profissionais. As domésticas conquistaram seu direito a manutenção salarial base, 13º salário, folga semanal, férias remuneradas e todos os outros direitos garantidos ao trabalhador formal. E as mulheres coralinas tomaram ciência de destes direitos, pois,

Completando o eixo transversal de formação para todas as mulheres, tivemos palestras e encontros sobre associativismo, cooperativismo e empreendedorismo, no campo da organização do trabalho e do comércio; sobre segurança e saúde no trabalho, no campo das condições e proteção das mulheres no exercício de suas atividades; sobre direitos assegurados pela Lei à mulher. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 103)

O “pátrio poder”, é substituído por “poder familiar”, ou seja, homens e mulheres gozam do mesmo direito e dever. As novas configurações familiares (de forma análoga) e a celeridade nos processos de divórcio.

O extenso rol de proteção e garantia dos direitos da mulher na Constituição Federal de 1988, se estendem a outros setores, porém, o direito político de votar e ser votada e o direito à propriedade privada, sobretudo no que se refere ao domínio e concessão do uso da terra, fecham a abordagem dessa dissertação, em relação a CF. 88.

Feita a explanação sobre alguns dos direitos das mulheres, faz-se necessário pontuar a Lei que de fato e de direito legitima a ruptura com o patriarcado machista - A Lei Maria da Penha, que será abordada a seguir.

2.3.1 “PROJETO MULHERES CORALINAS POR TODAS AS MARIAS”

O processo de formação das mulheres coralinas, conforme já apontado, teve uma abrangência transversal, ou seja, além das oficinas voltadas para a formação profissional, as mulheres desenvolveram várias atividades, dentre elas a leitura e a participação de palestras, conversas e outros eventos formativos sobre os direitos da Mulher.

A Lei 11.340 de 07 de agosto de 2006, vulgo Lei Maria da Penha, protege as mulheres contra qualquer tipo de violência doméstica e familiar. No rol taxativo dos

tipos de violência, são colocados em evidência a violência física, violência moral, violência patrimonial e violência psicológica.

Além da proteção a Lei Maria da Penha garante a autonomia da mulher, segundo a Prefeita da Cidade de Goiás – Professora Selma Bastos,

Sabemos que quando a mulher tem o poder de decisão sobre suas vidas, elas têm também sobre os seus corpos e podem influenciar os acontecimentos em sua comunidade e seu país. Por meio da capacitação de mulheres acreditamos ter contribuído para a articulação das cadeias produtivas e do conhecimento geridas e/ou integrada por mulheres. (In. JESUS, 2016, p. 27).

A relação entre literatura e gênero fomentou o quanto a literatura tem poder de transformação social e de arma para dar voz aos silenciados pela sociedade machista e opressora. A elaboração e aprovação de leis de incentivo e proteção a mulher não se efetivam se estas não conhecerem seus direitos.

Segundo Berth (2018), o empoderamento só existe se o sujeito empoderado tiver ciência da sua força, assim, é necessário que ele tenha conhecimento, em especial sobre seus direitos e deveres. A informação é a base para qualquer situação de liberdade.

Seria impossível pensar em um teto da mulher, onde ela frequentemente é agredida, seja na forma física ou psicológica, por qualquer de seus familiares, sobretudo pelos pais ou maridos. Por Woolf (1928), o teto da mulher não implica em um isolamento domiciliar, mas, em um ambiente em que suas liberdades e particularidades sejam respeitadas.

Se anteriormente já foi mencionado o avanço no que se refere ao trabalho da mulher, na isonomia de direitos e inclusive na sua emancipação financeira, sua casa, sua família, precisa entender e respeitar que ali é um lugar de fala da mulher. No âmbito doméstico a mulher fala a partir de várias representações da sua identidade, mãe, esposa, irmã, filha e diversas outras, no entanto sem perder a sua condição de mulher livre (RIBEIRO, 2017).

A Lei Maria da Penha é destinada a redução dos índices de violência contra as mulheres, em âmbito doméstico e familiar. Vale frisar que a base da hierarquia de gênero que coloca o homem como superior a mulher, segundo Beauvoir (1967), está na família tradicional, branca, patriarcal, machista e conservadora. Porém, a

efetivação desta Lei, em especial quando do conhecimento da mulher, empodera e inclui socialmente as mulheres.

Levar a mulher ao conhecimento sobre os seus direitos e suas garantias fundamentais, aqui analisadas a partir da Lei Maria da Penha, é fundamental para que as mulheres descubram a força que tem. Que tenham consciência do seu papel, seja ele qual for, e da sua liberdade dentro da sociedade. Conforme aponta a Prefeita – Professora Selma Bastos,

Desejamos que todas as mulheres descubram a força coralina que quebra pedras e planta roseiras, desejamos que as mãos de Goiás se unam num propósito de vida pois como Cora Coralina “creio numa força imanente/ que vai ligando a família humana/ numa corrente luminosa/ da fraternidade universal/ creio na solidariedade humana./ creio nas superações dos eus/ e angústias do presente.” Acredito e trabalho para construirmos uma sociedade mais justa e solidária, que reconheça as mulheres como sujeitos de direitos. (cf. In. JESUS, 2016, p. 27)

Foi nesse clima de solidariedade e consciência social, que mulheres de diversos setores da sociedade vilaboense, abraçaram a ideia do “Projeto Mulheres Coralinas” e viram a necessidade de estender o ensino e a aprendizagem ao campo do conhecimento dos direitos.

Com uma linguagem bem simples, tal como são os textos de Cora Coralina, a Professora Elenízia da Mata de Jesus – Coordenadora do Centro de Referência de Atendimento Especializado a Mulher, em parceria com o “Projeto Mulheres Coralinas”, Prefeitura Municipal e a Secretaria Municipal de Cultura, organizou um plaquete informativo, para que de forma lúdica, as mulheres se aproximassem e se apropriassem da Lei Maria da Penha. Assim,

Esperamos que essa iniciativa contribua para a redução dos casos de mulheres que sofrem violência doméstica e que ficam solitárias e silentes em sua dor. Por estas linhas queremos que elas sejam motivadas a vencer o desafio de denunciar, superar e combater todos os atos de violência sofridos. Como Cora Coralina disse à Maria Grampinho, dizemos agora a todas as Marias do mundo: “entre, Maria a casa é sua”. (JESUS, 2016, p. 07).

Na casa de Maria entrou a informação, saiu a violência, levando com ela o medo, a submissão e tortura. Pelas palestras, pelo plaquete, pela troca de informações e as rodas de conversas, foram se ensinando e aprendendo a lutar. Não

aprenderam apenas sobre quais os seus direitos, aprenderam também a procurar por justiça, saber onde cobrar e como agir.

2.4 A estética como instrumento de empoderamento

A estética faz parte do processo de empoderamento, segundo Berth (2018), sobretudo pelo fato da mulher ter a estética como instrumento de desvalorização. Tendo como exemplo a mulher que não tem um diálogo saudável com sua aparência, em detrimento dos padrões sociais, é preciso que ela entenda que essa relação, ora aprisionadora, gera consequências determinantes na sua construção enquanto sujeito. Nesse sentido, escreve a Maria Meire de Carvalho,

A autodenúncia feita por Cora Coralina quanto à nomeação de seu corpo como aquele que não se apresentava nos padrões desejados, revela como os corpos são formados e forjados na experiência de uma identificação social como “menina feia” e os significados conferidos a tal desclassificação: rejeitada, abobada, chorona, que ela, com a sensibilidade que lhe era peculiar, resume no poema “Menina mal amada”. Essas representações estão presentes no contexto da vida de Cora Coralina. A expressão classificatória referente à estética de Cora nos instiga a refletir sobre corpo, gênero e sexualidade, como criações do social, como invenção, como efeitos de práticas discursivas e não discursivas, como exercício de poder. (CARVALHO, 2003, p. 04)

O “Projeto Mulheres Coralinas”, consciente do impacto que a não aceitação estética pode gerar para a mulher, se atentou para romper algumas amarras sociais condicionantes, no que se refere a padrão de beleza pré-constituído. Assim, as cursistas aprenderam a valorizar as suas origens e a criar seus próprios padrões, suas práticas discursivas, fomentaram o exercício voltado para o poder de estar bem consigo mesma.

Com base no parágrafo anterior, Berth (2018), escreve, é necessário existir um trabalho de valorização de si mesma, tendo como ponto de partida a estética, para que então a mulher se empodere, se sinta plena, inteira e completa para contribuir com a coletividade.

Depois do nome tomamos nossos corpos como texto que pedia para ser lido. Para isso, assistimos ao vídeodocumentário sobre Maria Aparecida, colega delas, em que ela dizia se levantar ainda mais cedo, para prender os cabelos com bobes, para no fim da jornada de trabalho, ao soltá-los, sentir-se bonita. ‘Porque é assim que a mulher se sente bonita,’ afirmava ela, nos ensinando um jeito singular de

compreender o empoderamento. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 174).

A referência ao nome, enquanto marcante na identidade de cada mulher, foi devido ao fato do “Projeto Mulheres Coralinas”, colocarem nos macacões das garis, uma etiqueta de identificação, permitindo que as pessoas as chamassem pelos nomes (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016). Já o depoimento em comento, ilustra a exata noção de empoderamento com base na estética. Ainda nesse sentido,

Nesse contexto, Aninha, “a menina mal amada”, que engenhosamente se torna Cora, a “poetisa muito amada”, justamente por ter compartilhado com outras Anas de seu tempo as discriminações e os preconceitos que se impunham ao corpo feminino e às representações binárias de sexo. As representações imprimidas às mulheres como bonitas ou feias transformam seus corpos em lugares repletos de significantes que revelam o corpo feminino a partir dos padrões e modelos normativos. (CARVALHO, 2003, p. 06)

O empoderamento individual, impulsiona a coletividade, de forma que cada mulher coralina, ajudava a outra a valorizar-se. O corpo deixa de ser objeto de mera apreciação masculina e passa a representar a autonomia da mulher empoderada. Conforme se observa a seguir,

Situada em seu corpo sexuado, numa identidade definida pelas representações de gênero, Cora Coralina buscou nas experiências constitutivas de sua subjetividade a força, a inspiração e o saber próprio construído para questionar e solapar a sociedade de sua época, momento no qual revelou-se para o mundo, criando com a arte de escrever a principal tática para resistir às atribuições impostas às mulheres. (CARVALHO, 2003, p. 02)

Tal como Cora, as cursistas aprenderam a resistir aos padrões e a se olhar de forma diferente. O corpo das mulheres coralinas, agora representavam suas individualidades, sua autonomia e sua emancipação. O corpo da sua liberdade sexual, o corpo do seu trabalho, da sua intelectualidade, o corpo da mulher de identidade de poder.

2.5 Abordagens transversais

O “Projeto Mulheres Coralinas” da sua criação e em toda a execução foi marcado pela relação direta entre a literatura coralineana, um resgate da memória e

da identidade. Para Cândido (1995, p. 175), “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas”. O empoderamento literário ocorre por intermédio da leitura, assim,

Ao longo das atividades de leitura sobre a vida e obra de Cora Coralina com os diversos grupos que compõem o "Projeto Mulheres Coralinas", nos dois últimos anos, pude confirmar algumas das teorias sobre o papel emancipador da leitura e, sobretudo, pude compreender o papel da leitura no seu sentido mais amplo. (SIQUEIRA; CAMARGO, p.105).

Cora Coralina confirmou que a literatura é um instrumento de transformação social, provando o seu poder. Conforme Cândido (1995, p. 175), “nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Assim, pode se ressaltar que,

O eixo transversal do “Projeto Mulheres Coralinas” teve como fulcro a leitura da poesia de Cora Coralina, a qual permeou as oficinas de formação nas diversas áreas do conhecimento propostas, funcionando, em termos pedagógicos, como ponto de partida para o conhecimento sobre cultura popular e educação patrimonial. (SIQUEIRA; CAMARGO, p.103)

O “Projeto Mulheres Coralinas” é transversal, e cobra uma vertente transdisciplinar, multirreferencial e auto referenciável. SUANNO (2013), define que a teoria da transdisciplinaridade, além de estar entre, através e além das diferentes disciplinas, é pautada nos conhecimentos científicos, sociais e culturais, sendo necessária à educação que assuma uma perspectiva multidimensional e multirreferencial, além do conhecimento prévio e particular de cada um dos envolvidos no processo, justificando sua auto referencialidade. Assim pode se observar que,

As propostas de ação do "Projeto Mulheres Coralinas" foram de incentivar a autonomia econômica e o empreendedorismo das mulheres participantes e apoiar a organização produtiva, visando à geração de trabalho e renda. Assim, foram designadas horas-aula para os seguintes temas: prática associativista, cooperativista e empreendedorismo; saúde e segurança no trabalho e leis de proteção à mulher. (SIQUEIRA; CAMARGO, p.117)

As transformações históricas, moldadas por um conhecimento multifacetado, multidimensional, coloca o sujeito, sobretudo para a presente dissertação, a mulher, em um cenário que até então era reservado ao homem. A mulher transforma a

economia, muda os padrões culturais, muda a sua história, isso porque não se enxerga como sujeito fora da história. Em acordo com MORIN (2013),

...a história tornou-se de fato uma ciência multidimensional, poli disciplinar. Ela engloba de agora em diante a economia, a demografia, os costumes, a vida cotidiana etc. (...). Em suma, a história é a ciência que situa no tempo tudo o que é humano. É na história que nós existimos. Não podemos nos compreender fora da história. (p. 357)

De nada adianta a história externa, se não houver no interior de cada mulher, a necessidade e a vontade de construir sua história, tal como a personagem “Aninha” das obras de Cora Coralina, que pode ser aqui analisada da seguinte maneira, “Mas a história de vida da desajeitada Aninha vai nos confirmar que foi exatamente graças à sua inteligência e à sua capacidade de boa leitora, que não a deixaram ser engolida pelo sistema patriarcal de seu tempo” (SIQUEIRA; CAMARGO, p.106).

Como o “Projeto Mulheres Coralinas”, voltou sua transversalidade para diversas abordagens, foi preciso compreender que a organização logística e mercadológica do Sistema Capitalista caminhou ao longo dos anos para a coisificação do sujeito, isso posto na perspectiva do consumismo desenfreado, todavia, as últimas décadas tem apresentado para o indivíduo uma nova roupagem cultural e rotineira, delineada pelo avanço tecnológico e as novas formas de relações sociais.

As novas mídias e redes geram para o homem a identidade de um indivíduo posto como dependente e extensivo ao sistema virtual, frente a tal necessidade, na execução do “Projeto Mulheres Coralinas”, “o conteúdo de inclusão digital e e-commerce foi ministrado inicialmente como oficina e depois como encontros mistos de curta duração, com exposição e atividade prática” (SIQUEIRA; CAMARGO, p.104)

O “Projeto Mulheres Coralinas” perpassou um eixo transversal, atravessando a leitura, o trabalho, o direito, a cidadania e a cultura popular. “A oficina Cultura popular e educação patrimonial apresentou conceitos/categorias para as mulheres participantes do ‘Projeto Mulheres Coralinas’, que combina geração de renda e arte para mulheres da Cidade de Goiás” (SIQUEIRA; CAMARGO, p.113). Ainda nesse sentido,

Mais adiante, sentimos que algumas mulheres queriam mais que bordar e tecer e pintar a poesia. Elas queriam declamá-la em voz alta para compartilhar sua sonoridade com outras companheiras e companheiros...Assim nasceu o "Projeto de

Extensão Tertúlias Vialboenses: Vozes Coralinas", como projeto de extensão na Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Cora Coralina. (SIQUEIRA; CAMARGO, p.106).

A variação transversal só foi possível graças as várias metodologias e didáticas adotadas para o desenvolvimento do projeto. Foram feitas oficinas, ofertados cursos, viagens turísticas, leitura, declamação, cantos, conversas e outros já mencionados. Tanto trabalho, tanta conversa, tanta troca de experiência, tanta diversão, tanto de tudo que o resultado não poderia ser outro, mulheres emancipadas e autônomas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poucas são as pesquisas que permitem ao pesquisador conhecer sua referência teórica, sua aplicação prática, e em especial, o seu resultado social, assim, a parte mais fascinante desta pesquisa se concentra no contato direto do pesquisador com as mulheres que de fato se efetivaram como Mulheres Coralinas.

Romper com a determinação peniana em face da vaginal, é reconhecer que antes da relação sexo\gênero é fundamental a clareza de que homens e mulheres são construtos sociais, econômicos, culturais e ideológicos e que o conhecimento é elemento determinante das relações de poder.

Fundamental para a conclusão da presente dissertação, reafirmar o dito por Antônio Cândido (1995, p. 176), "a função da literatura está ligada a complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador."

Frente a uma história marcada por uma luta descabida de uma racionalidade humana pautada no respeito e na equidade, iniciativas como o "Projeto Mulheres Coralinas", são determinantes para a (re)construção de uma sociedade digna e justa.

Lucinete Aparecida de Moraes relatou com propriedade uma vertente do impacto de tal projeto na vida das mulheres nele inseridas, veja, "Apropriar-se da história de Cora Coralina é estimulante para a valorização das demais Coralinas. Estas se destacam pela participação social, para fortalecer a coesão e o pertencimento de seu lugar ao sol e ter suas próprias escolhas (cf. In. SIQUEIRA; CAMARGO, p. 113).

Uma mulher só é capaz de fazer suas próprias escolhas, a partir do momento que ela se torna empoderada. A mulher se empodera de forma gradativa e processual,

colocando-se dentro da ampla conscientização acerca da coletividade à qual ela faz parte, sem perder sua identidade e individualidade, conforme lição de Berth (2018).

A Dignidade da Pessoa Humana garantida na Declaração Universal dos Direitos Humanos, reforçada na Constituição Federal de 1988 no Brasil, a Lei Maria da Penha, a Consolidação das Leis Trabalhistas e outros dispositivos legais, respaldam a teoria da proteção estatal, porém, não empodera as mulheres, preparando-as para que não tenham medo dos juízos de valores e outros condicionantes.

Não adianta ter leis se não forem amplamente divulgadas e trabalhadas para conscientizar as mulheres sobre sua funcionalidade, aplicabilidade, eficiência e eficácia. Foi nesse contexto que a formação transversal preparou as mulheres coralinas para o enfrentamento cotidiano de toda e qualquer forma de violência contra a mulher, seja ela, física, psicológica, moral ou patrimonial.

Conhecer e exercer seus deveres e direitos a partir de suas escolhas é o desenho de que a mulher conquistou um teto todo seu. Uma mulher que tem o seu espaço e administra o seu próprio tempo. Woolf (1928) escreveu para referenciar a história de mulheres na literatura, e foi possível entender que Cora, conquistou um teto todo seu, tanto na liberdade poética quando a emancipação financeira, o que influenciou tantas outras coralinas.

O livro “Mulheres Coralinas”, corpus da presente pesquisa, foi organizado pelas professoras Doutoras Ebe Maria de Lima Siqueira e Goiandira Ortiz Camargo no ano de 2016, para registrar o que foi possível, frente a imensidão de ações, eventos, formações, cursos, oficinas e outros.

Para além de um livro comum, “Mulheres Coralinas” é o registro de que é possível transformar o mundo e romper paradigmas, basta que exista vontade própria, respeito para com as vontades da outra e propósitos coletivos benéficos a todas no final do processo.

A cada módulo uma nova descoberta, uma metodologia inovadora, uma inspiração diferente. A cada depoimento, a constatação de um feminismo plural, a identificação de um projeto de várias mulheres, artesãs, políticas, garis, professoras, trabalhadoras do campo, mulheres do lar, mulheres da vida, mulheres sem rótulos, sem amarras, dispostas a se reinventar e a partilhar seus saberes.

Uma das grandezas do “Projeto Mulheres Coralinas” foi demonstrar que não existe um feminismo singular. Não foram excludentes e nem taxativas, não foi uma

emancipação seletiva no que se refere a identidade de cada sujeita. Mostraram a Butler que entenderam o seu recado e a sua preocupação e não se fragmentou uma via para o feminismo. Considerando que a feminista já havia sinalizado essa preocupação em relação a iniciativas ou bandeiras extremistas,

Esses domínios de exclusão revelam as consequências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios. Não há dúvida, a fragmentação no interior do feminismo e a oposição paradoxal ao feminismo — por parte de “mulheres” que o feminismo afirma representar — sugerem os limites necessários da política da identidade. (BUTLER, 2003, p. 22)

O “Projeto Mulheres Coralinas” efetivou um lugar de fala, que vai ao encontro do pensamento de Djamila Ribeiro (2017), considerando que qualquer mulher pode falar e quebrar o regime de autoritarismo sobre aquele que é a norma, dar voz no sentido de marcar a existência.

O Ministro Celso de Mello, relator de uma das ações que pedem criminalização da homofobia (luta árdua e contínua para as pessoas LGBTQs, tal como foi/é para as mulheres), em pronunciamento no Supremo Tribunal Federal em 14 de fevereiro de 2019, afirmou que, “ninguém pode ser privado de direitos ou sofrer sanções de ordem jurídica em razão de sua identidade de gênero(...)”. De Woolf (1928) a Celso de Mello (2019), a efetivação da igualdade de direitos e tratamento isonômico, encontra-se comprometido face ao preconceito estruturado pelo gênero dominante.

Ainda com base em Djamila Ribeiro (2017), foi possível concluir que o “Projeto Mulheres Coralinas” representa um local de fala social. O local de fala significa a desconstrução de que a mulher não é específica por ser mulher, ao passo que o homem é universal. E ainda, compreender que entre as mulheres também existe diversidade ideológica, e que está tudo bem, que é preciso entender o lugar de fala que cada um ocupa e como ocupar esse lugar de fala é importante para as discussões sobre o todo.

Uma prova do exposto no parágrafo anterior é o trecho do livro “Mulheres Coralinas”, que ao se tratar da questão da leitura fez a seguinte análise, “as mulheres que não sabem desvendar os códigos escritos – processo para o qual usamos o termo alfabetização – sabem com toda certeza ler o mundo que está ao redor de todas elas” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 105).

Ainda em arcaicas posturas, até mesmo de representantes de pastas políticas, é possível perceber que o preconceito faz com que algumas mulheres, por mais alfabetizadas que sejam, insistem em manter um mundo que meninos vestem azul e representam a autonomia, enquanto meninas vestem rosa e representam a subalternidade.

Por outro lado, o Ministro Celso de Mello (2019), em seu discurso relatou que: “versões tóxicas da masculinidade e da feminilidade acabam gerando agressões a quem ousa delas se distanciar no seu exercício de direito fundamental e humano ao livre desenvolvimento da personalidade, sob o espantinho moral criado por fundamentalistas religiosos e reacionários morais com referência a chamada ideologia de gênero”.

A conclusão da presente pesquisa é que muito se avançou e que o “Projeto Mulheres Coralinas”, tal como outras iniciativas e o movimento feminista, mudaram muitas vidas, deu autonomia e emancipou diversas mulheres. Todavia, a luta continua e a resistência precisa encontrar força e mais mulheres determinadas a mudar o curso da história.

Deve acrescentar ao parágrafo anterior, que a luta não é restrita e competência exclusiva das mulheres. Parafraseando Mello (2019), alguns homens também compreendem que as diferenças biológicas e os papéis (pré)determinados, “meninos vestem azul” e “meninas vestem rosa”, marca um padrão existencialista heteronormativo, machista e opressor, reproduzidor da ideia de hierarquia de gênero, responsável pela confusão entre gênero e sexualidade e ainda incompatível com a diversidade e o pluralismo.

Nesse mesmo sentido, a presente pesquisa, destinada a falar de mulheres, de igualdade, de avanços, de ruptura com hierarquia de gênero, resultou em uma dissertação escrita por um homem. De um homem que entende o ser humano como universal, e não aprova os condicionantes e as amarras sociais do patriarcado machista e conservador.

Essa dissertação é fruto de uma orientação feita por uma mulher empoderada e emancipada, avaliada por doutoras no campo da discussão de gênero, que pactuam com Djamila Ribeiro (2017), que este é um lugar de fala e que não pode ser confundido com representatividade.

Ainda, que o homem que vos fala, não tira a voz da mulher, pelo contrário, soma-se a elas. As experiências e relatos foram publicados no livro “Mulheres

Coralinas”. Um homem que entende a humanidade como universal e o homem também como específico.

Um homem que a partir do lugar que ocupa consegue falar à partir do seu lugar de fala. Como que o homem na condição de homem, pode ser feminista e falar sobre feminismo, a partir de reflexões e entendimentos sociais voltados para a desconstrução de alguns poderes unilaterais.

O “Projeto Mulheres Coralinas” influenciou, formou, capacitou, informou, construiu, desconstruiu, inventou, reinventou, adjetivou e qualificou mulheres que inspiradas pela poeta Cora Coralina, foram atrás da sua autonomia e emancipação.

As personagens coralinas ganham força de mito, o que só é possível pelo imaginário popular e pela literatura, únicos detentores desse poder. Essas mulheres ganham projeção na realidade de indivíduos excluídos pelo sistema heteronormativo.

REFERÊNCIAS

ARANTES, R. C. S. S. **Geografia e História de Goiás**. 3. ed. Goiânia: e-book, 2017.

AULETE, Caudas. **Minidicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. s.l: editora do Brasil, 2011.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBIERI, Cláudia. Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo. In: FILHO, Oziris Borges; BARBOSA, Sidney. **Poéticas do espaço literário**. São Carlos: Claraluz, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Disponível em http://www.zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/_BAUMAN_ModernidadeLiquida.pdf. Capturado em 19 mai. 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. MILLET, Sérgio. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Col. Feminismos Plurais. Belo Horizonte: letramento: Justificando, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, M. T. C. **Dimensões da palavra**. Filologia e Lingüística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, 1998.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução a uma topoanálise**. Franca: Editora Ribeirão Gráfica, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, s.d.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4.ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

BRITTO, Clovis Carvalho. **“Dar que falar às bocas de Goiás”**: estratégias e repercussões do projeto criador de cora coralina no campo literário brasileiro. UnB – Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Brasília – DF – Brasil. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.14, n.27, p.339-357, 2009.

_____. **Sou Parnaíba pra cá: literatura e sociedade em Cora Coralina.** 2006. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, 2006.

BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha.** Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. Língua e cultura. In: UCHÔA, Carlos Eduardo F. (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** 9. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004 [1955]. p. 287-293.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas.** Estratégias para entrar na modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2000.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos.** 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Literatura e sociedade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARVALHO, Maria Meire de. Cora Coralina: a poesia como ação política. **Em Tempo de História.** n 7. 2003. Disponível em: { <http://periodicos.unb.br/index.php>}. Acesso em: 20 de novembro de 2018.

CHAVEIRO, Felício Eguimar. **Dizibilidades Literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos.** Goiânia: Geograficidade, 2015.

_____. **Louvores a terra, incisões espaciais: a voz geográfica dos Hai-Kais de Joaquim Pedro.** Disponível em: www.enanpege.ggf.br. Goiânia: ENANPEGE, 2013. Acesso em 17 de janeiro de 2018.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Qual a postura ideal do professor?** Disponível em: verdademundial.com.br/2015/07/qual_a_postura_ideal_do_professor. De 11.06.2015. Acesso em: 23.10.2018.

CUNHA, M. E. de O. O afeto face ao princípio da dignidade da pessoa humana e seus efeitos jurídicos no Direito de Família. **Instituto Brasileiro de Direito de Família**, Belo Horizonte, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.ibdfam.org.br/?artigos&artigo=482>>. Acesso em: 20 dezembro. 2016.

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER. **Constituição de 1988, é marco na proteção das mulheres.** Secretaria de Políticas para as mulheres. Disponível em: {<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/10/constituicao-de-1988-e-marco-na-protecao-as-mulheres>}. De 27 de dezembro de 2017. Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.** 20. ed. São Paulo: Global, 2001.

_____. **Vintém de cobre:** meias confissões de Aninha. 9. ed. São Paulo: Global, 2007.

_____. **Meu livro de cordel.** São Paulo: Global, 1976.

_____. **Estórias da casa velha da ponte.** 13. ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. **O Tesouro da Casa Velha.** 6. ed. São Paulo: Global, 2014.

DE PAULA, Maria Helena. **Instrumentos lexicográficos regionais:** estudo de Amaral (1920), Teixeira (1944) e Ortêncio (2009). Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. 17(2), p. 227-236, 2013.

DENÓFRIO, Darcy França. **Cora Coralina.** São Paulo: Moderna, 2008.

_____. **Melhores Poemas.** São Paulo: Moderna, 2011.

DWORKIN, R. (2006). **O direito da liberdade:** a leitura moral da Constituição norte-americana. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESMERALDO. Moema de Souza. **A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho.** Dissertação (Mestrado) – UFG – Campus Catalão. Departamento de Letras, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder,** 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **Nascimento da biopolítica:** Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e punir:** *Nascimento da prisão.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1950.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** São Paulo: Moderna, 2009.

JESUS, Elenízia da Mata de. et al. (org. plaquete). **Projeto Mulheres Coralinas Por todas as Marias.** Centro Especializado de atendimento a Mulher Brasileira Ramos Caiado; Secretária Municipal de Cultura; Prefeitura Municipal e Projeto Mulheres Coralinas, 2016.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 13ª. ed., 2011.

LIMA, Thauany. **Entenda o patriarcado e como ele afeta homens e mulheres.** Disponível em: { <https://www.msn.com/pt-br/estilo-de-vida/cabelo/entenda-o-patriarcado-e-como-ele-afeta-homens-e-mulheres/ar-BBHrxSs>}. Publicado em 15 de março de 2018. Acesso em 02 de janeiro de 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**; tradutor Adail Sobral. – São Paulo: Contexto, 2006

MELLO, Celso de. STF - Ministro. **Discurso por ocasião de relator do julgamento da ADO – face ao PL 122 (criminalização da homofobia).** Em 14 de fev. de 2019. Disponível em { https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/14/politica/1550152297_5}. Acesso em 15 de fevereiro de 2019.

MICHAELIS, Heriette. **Dicionário prático da Língua Portuguesa.** São Paulo: Saraiva 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez Editora/Unesco, 2011.

MUNIZ, Diva C. G. **Um toque de gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892).** Brasília: FINATEC/UnB, 2003.

PALMA, Moacir Dalla. **Discurso literário: linguagem intrinsecamente diferenciada ou texto institucionalmente determinado?** Vol.8 – 1-124. ISSN 1678-2054. *Terra roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** 2. ed. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992.

POLONIAL, Juscelino. **Terra do Ananguera** – história de Goiás. 3. ed. Goiânia: KELPS, 1997.

RACIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **O expectador emancipado.** Trad. Ivone Bendett. São Paulo: Editora WMR Martins Fontes, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: letramento: Justificando, 2017.

SAPIR, Edward. **Língua e ambiente (1969).** Lingüística como ciência. Ensaios. Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SANTOS, Douglas. **As categorias geográficas.** Palestra ministrada no programa de Pós-graduação em Geografia. Jataí, GO, 2014.

SARAMAGO, J. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre:UFRS/Faced, v.15, n.2, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. metrópolis: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Mulheres Coralinas**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A linguagem como gesto, como jogo, como palavra**: Uma forma de ação no mundo. Leitura: Teoria e Prática no ano 4, vol. 05, junho de 1985.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Outra finalidade para a educação: emerge uma didática complexa e transdisciplinar. In: ZWIEREWICZ, Marlene. **Criatividades e inovação no ensino superior**: experiências latino-americanas e européias em foco. Blumenau: Nova Letra, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TIBURI, Marcia. **Judith Butler: Feminismo como provocação**.
<https://revistacult.uol.com.br/home/judith-butler-feminismo-como-provocacao>. 5 de novembro de 2013.

WALBY, S. **Theorizing patriarchy**. Oxford, Basil Blackwell, 1990.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira S.A., 1928.

YOKOZAWA, S. F. C. **Confissões de Aninha e memória dos becos**: a reinvenção poética da memória em Cora Coralina. In: ENCONTRO DE PROFESSORES DE LETRAS DO BRASIL CENTRAL, 3., 2002, Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 2002.